

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO

ROOSEWELT LINS SILVA

**TECNOLOGIAS CRIATIVAS EM BIBLIOTECAS: processos informacionais e modos de
produção de subjetividade**

Porto Alegre
2016

ROOSEWELT LINS SILVA

**TECNOLOGIAS CRIATIVAS EM BIBLIOTECAS: processos informacionais e modos de
produção de subjetividade**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, linha de pesquisa Interfaces Digitais em Educação, Arte, Linguagem e Cognição, sob orientação da Professora Dr^a Maria Cristina Villanova Biasuz e coorientação do Professor Dr^o Valdir Jose Morigi.

Porto Alegre

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Roosevelt Lins

Tecnologias criativas em bibliotecas: processos
informativos e modos de produção de subjetividade /
Roosevelt Lins Silva. -- 2016.

186 f.

Orientadora: Maria Cristina Biasuz.

Coorientador: Valdir Jose Morigi.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Centro de Estudos Interdisciplinares
em Novas Tecnologias na Educação, Programa de Pós-
Graduação em Informática na Educação, Porto Alegre, BR-
RS, 2016.

1. Tecnologias Criativas. 2. Bibliotecas. 3.
Produção de Subjetividade. 4. Cartografia. 5.
Transdisciplinaridade. I. Cristina Biasuz, Maria,
orient. II. Jose Morigi, Valdir, coorient. III.
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO

**ATA SOBRE A DEFESA DE TESE DE DOUTORADO
ROOSEWELT LINS SILVA**

Às quatorze horas do dia vinte e oito de setembro de dois mil e dezesseis, na sala 331 do PPGIE/CINTED, nesta Universidade, reuniu-se a Comissão de Avaliação, composta pelos Professores Doutores: Margarete Axt, Lizandra Brasil Estabel e Rafael Wild, para a análise da defesa de Tese intitulada *“Tecnologias Criativas em Bibliotecas: Processos Informacionais e Modos de Produção de Subjetividade”*, do doutorando do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação Roosevelt Lins Silva, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Villanova Biasuz e coorientação do Prof. Dr. Valdir Jose Morigi.

A Banca, reunida, após a apresentação e arguição, emite o parecer abaixo assinalado.

Considera a Tese aprovada

sem alterações;

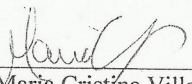
e recomenda que sejam efetuadas as reformulações e atendidas as sugestões contidas nos pareceres individuais dos membros da Banca;

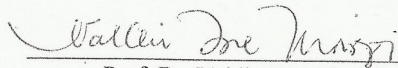
Considera a Tese reprovada.

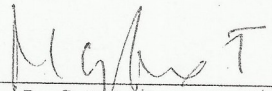
Considerações adicionais (a critério da Banca):

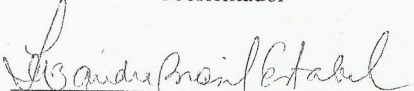
A Banca reconhece a relevância do trabalho no âmbito das bibliotecas como instituição acadêmica/educadora e agregando tecnologia digital. Destaca-se a consistência conceitual teórico-metodológica da tese e recomenda-se publicações após a revisão do texto final.

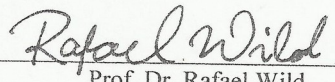
Porto Alegre, 28 de setembro de 2016.


Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Villanova Biasuz
Presidente e Orientadora


Prof. Dr. Valdir Jose Morigi
Coorientador


Prof^a. Dr^a. Margarete Axt
PPGIE/UFRGS


Prof^a. Dr^a. Lizandra Brasil Estabel
IFRS


Prof. Dr. Rafael Wild
UTFPR

Dedico este trabalho a todas as pessoas que estiveram comigo durante essa trajetória, observando o processo de construção deste trabalho, compartilhando momentos de inquietações, leituras, alegrias, risos, cansaço, noites mal dormidas e até desespero diante de ações que pareciam impossíveis de executar, mas que foram enfrentadas com muita perseverança, compromisso com os estudos que levam em conta a diversidade cultural, desejo de modificar a realidade e potencializar a produção coletiva e compartilhada do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por me conceder a energia necessária para sentir, perceber e escrever sobre a vida.

Com a minha mãe Telma Silva conheci o quanto os livros nos proporcionam aberturas para pensar a diversidade do mundo e a minha irmã Madhava Silva pelo convívio e amizade.

À minha esposa, Danielle Santos de Freitas, através de seu amor, encontrei a dinâmica de integrar corpos, pensamentos e ações, e por compartilhar inquietações, emitir opiniões, discutir posições e estar sempre atenta à ruptura das cadeias de preconceito advinda dos discursos dominantes.

Ao meu amado filhote Igor de Freitas Silva, com quem eu pude perceber através de nossas vivências, o quanto as crianças quebram o estruturalismo linguístico e quanto nós precisamos desse devir-criança.

À minha orientadora, Prof^ª Dr^ª Maria Cristina Biasuz, pelas inúmeras discussões de vanguarda, sua preciosa e indispensável coordenação do NESTA é de grande valia para as políticas educacionais e culturais de nosso País.

Ao meu coorientador Valdir Morigi pela dedicação à Biblioteconomia e Ciência da Informação, sua presteza e seus preciosos comentários.

Aos membros da Banca, pela sabedoria ao tecer questionamentos e incentivos durante a defesa da Proposta de Tese e pela avaliação da presente Tese, suas críticas foram necessárias para construirmos uma Educação multicultural e pública.

A toda Rede Leitora de São Luís: Rede Leitora Ler para Valer, Rede Leitora Terra da Palmeiras e a caçula da família, a Biblioteca do Caranguejo. Nossos rizomas de livros, ideias, saberes, fazeres, instituições, leitores, bibliotecárias, mediadoras e coordenadoras, evocaram fluxos intensivos de informação-afeto e rupturas com as proposições unificadoras e homogêneas.

À tod@s discentes, por compreenderem minhas ausências, ouvirem e questionarem minhas colocações, na docência consegui desenvolver a escuta, a responsabilidade com o outro, as relações dialógicas e transversais que fazem parte do ato de lecionar/investigar/intervir.

Às colegas do Departamento de Biblioteconomia da UFMA que dividiram comigo momentos de calorosos debates e envolvimento com os processos de gestão acadêmica e

compromisso com as humanidades, as ciências e as tecnologias visando a inovação e a melhoria das condições sociais de nosso estado.

Aos colegas integrantes do NESTA, pelas reuniões presenciais e videoconferências que trouxeram diversas problematizações relevantes para estudos e pesquisas que agregam as artes, as tecnologias digitais e os processos de produção de subjetividade.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação da UFRGS, pela disposição, colaboração e presteza.

Aos colegas e coordenadores do DINTER em Informática na Educação UFMA/UEMA/UFRGS, que se mostraram engajados em prol da Ciência, Tecnologia, Cultura e Inovação no Maranhão.

Ao meu amigo Mário Júnior, o maior desenvolvedor *frontend* que conheço. À Jana e Amani por compartilharem palavras riquíssimas e momentos de descontração, obrigado por me receberem em Porto Alegre.

Ao meu querido amigo, historiador José Oliveira, sua esposa Andréia e seus lindos filhos, com você vivemos um pouco da “maranhêsidade” em territórios gaúchos.

A tod@s amig@s, que dividiram comigo momentos inesquecíveis, dispostos a uma boa conversa, permitindo diversas discussões e proporcionando ótimos momentos. Amig@s dos movimentos sociais, artistas e professores que me incentivaram nessa empreitada e compreenderam a minha ausência é em prol de uma causa que todos nós acreditamos e vivemos. Espero agora poder compartilhar essas inquietações da Tese com tod@s vocês.

Agradeço, ainda, a todos aqueles que direta ou indiretamente me ajudaram a cumprir mais esse desafio da vida.

Obrigada a tod@s!

“A criação e a produção do novo são possíveis, não a partir do conhecimento, da informação ou da comunicação, mas de uma mutação existencial e de uma transformação que toca no foco não discursivo da subjetividade nesses territórios existenciais, nos modos de subjetivação”.

Maurizio Lazzarato

RESUMO

A proposta desta tese é conceber a biblioteca como um território de múltiplas experimentações criativas agenciadas pelas tecnologias e redes digitais. As abordagens teóricas se fundamentaram na perspectiva ética-estética e problematizações acerca das tecnologias de informação em bibliotecas. Tais abordagem sustentaram a ações do Projeto de Extensão Tecnologias Criativas executadas em bibliotecas comunitárias da Rede Leitora Terra das Palmeiras em São Luís (MA). Assim, desenvolvi intervenções diretas através reuniões, visitas e participação em oficinas que possibilitaram discutir questões sobre o acesso à informação e cultura, além de proporcionar experimentações através de *softwares* livres para criação e tecnologias para compartilhamento de conteúdo na Web. As ações acionaram um plano comum e heterogêneo composto por mediadores, professores, bibliotecárias, leitores e demais atores e instituições da sociedade civil. O método cartográfico como abordagem de pesquisa-intervenção conduziu o acompanhamento dos processos que agregaram modos de subjetivação coletiva em apropriações de tecnologias digitais livres, colaborativas e abertas nas bibliotecas comunitárias que compõe a Rede. A partir destas vivências, observei as reconfigurações contemporâneas que modificam as concepções e práticas nas bibliotecas, e com base nessas percepções, visualizo as bibliotecas da Rede como movimento heterogênico de fluxos modulados por experimentações estéticas, ações transversais e micropolíticas que reivindicam novas dinâmicas existenciais.

Palavras-chave: Tecnologias Criativas, Bibliotecas, Produção de Subjetividade, Cartografia, Transdisciplinaridade.

ABSTRACT

The purpose of this thesis is to design the library as a territory of multiple creative experimentation brokered by networks and digital technologies. The theoretical approaches are based on the ethical-aesthetic perspective and problematizations about information technology in libraries. Such approach supports the actions of Creative Technologies Extension Project implemented in community libraries Rede Leitora Terra das Palmeiras in São Luís (MA). Thus, develops direct interventions through meetings, visits and participation in workshops that enabled discuss issues on access to information and culture, in addition to providing trials through free software for creating graphics, images, audiovisual production, production and content sharing Web. the actions triggered a common and heterogeneous plan composed of mediators, teachers, librarians, readers and other civil society actors. The mapping method as a research-intervention approach led monitoring of processes that add modes of collective subjectivity in ownership activities free digital technologies, collaborative and open in community libraries that make up the network. From these experiences, contemporary reconfigurations was observed that modify the concepts and practices in libraries, and based on these perceptions, visualizes the network of libraries as heterogeneous movement flows modulated by aesthetic experimentation, transversal actions and micropolitical claiming new existential dynamics.

Keywords: Creative Technology, Libraries, Subjectivity Production, Cartography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Máquina de Escrever.....	13
Figura 2 – Logomarca Rede Leitora.....	102
Figura 3 – Atividade Literária com Idosos do CRAS.....	105
Figura 4 – Vídeo sobre Atividade Literária com Idosos do CRAS.....	106
Figura 5 – Atividades de Contos Indígenas.....	107
Figura 6 – Carreata Literária.....	108
Figura 7 – Formação de Redes de Livros, Leitura e Bibliotecas.....	109
Figura 8 – Logo da Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato.....	110
Figura 9 – Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato.....	112
Figura 10 – Logo da Biblioteca Comunitária Josué Montello.....	112
Figura 11 – Biblioteca Comunitária Josué Montello.....	113
Figura 12 – Logo da Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo.....	114
Figura 13 – Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo.....	115
Figura 14 – Logo da Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria.....	117
Figura 15 – Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria.....	118
Figura 16 – Logo da Biblioteca Comunitária Paulo Freire.....	119
Figura 17 – Biblioteca Comunitária Paulo Freire.....	120
Figura 18 – Convite do Plano Municipal de Livro, Leitura e Bibliotecas.....	121
Figura 19 – Atuação da Rede.....	122
Figura 20 – Coletivo Residência 05.....	123
Figura 21 – Atuação da Rede II.....	124
Quadro 1 – Grupos de Trabalho.....	127
Figura 22 – Classificação Por Cores.....	133
Figura 23 – Oficina Arte de Contar Histórias.....	154
Figura 24 – Atividades da Oficina.....	156
Figura 25 – Primeiro Momento da Oficina.....	159
Figura 26 – Atividade de mapeamento de Trajetos.....	160
Figura 27 – Criação de marcadores com Inkscape.....	163
Figura 28 – Criação e edição de gráfico com Gimp.....	165
Figura 29 – Edição de vídeo com Openshot.....	166
Quadro 2 – Softwares Livres na produção criativa: processos, objetos e experimentação.....	167

SUMÁRIO

1	PROBLEMATIZAÇÕES INICIAIS	12
1.1	Objetivos da pesquisa	25
1.2	Organização da tese	26
1.3	Considerações teóricas e metodológicas.....	28
2	BIBLIOTECA COMO TERRITÓRIO CRIATIVO	33
2.1	Conceitos e experimentações.....	33
3	A TECNOLOGIA COMO CAMPO PROBLEMÁTICO	45
3.1	Tecnologias em bibliotecas: múltiplas enunciações?	50
4	AGENCIAMENTOS MAQUÍNICOS, PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE E PROCESSOS INFORMACIONAIS	61
4.1	Rupturas: a perspectiva ética-estética, produção de subjetividade e bibliotecas.....	70
5	INSTITUIÇÕES, PROCESSOS, TECNOLOGIAS E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO: narrativas da pesquisa/intervenção	75
5.1	Considerações acerca da Cartografia como estratégia investigativa.....	79
5.2	Sobre as intervenções.....	84
5.3	Bibliotecas da Rede Leitora Terra das Palmeiras.....	102
5.3.1	Biblioteca Paulo Monteiro Lobato.....	110
5.3.2	Biblioteca Josué Montello.....	112
5.3.3	Biblioteca Arthur Azevedo	113
5.3.4	Biblioteca Portal da Sabedoria.....	116
5.3.5	Biblioteca Paulo Freire	118
5.3.6	Outras conexões	119
5.4	Reuniões e visitas: diálogos	124
5.5	Oficinas: tecnologias livres, leitura e experimentações criativas	144
5.5.1	Oficina Tecnologias Criativas em Bibliotecas.....	145
5.5.2	Oficina Arte de Contar Histórias	149
5.5.3	Tecnologias Livres na produção criativa em Bibliotecas Comunitária.....	157
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS: por uma biblioteca criativa e polifônica	172
	REFERÊNCIAS.....	176

1 PROBLEMATIZAÇÕES INICIAIS

Meu coração é uma máquina de escrever
As paixões passam
As canções ficam
Os poemas respiram nas prisões
Pra ler um verso, ouvir, escutar
Meu coração falar
Até se calar a pulsação
Meu coração é uma máquina de escrever
No papel da solidão
Meu coração é
Da era de Guttemberg
Meu coração se ergue
Meu coração é
Uma impressão
Meu coração
Já era
Quando ainda não era
A palavra emoção
Mas há palavras no meu coração
Letras e sons
Brinquedos e diversões
Que passem as paixões
Que fiquem as canções
Nos poemas, nos batimentos
Das teclas da máquina de escrever
Meu coração é uma máquina de escrever
Ilusões
Meu coração é uma máquina de escrever
É só você bater
Pra entrar na minha história

Máquina de Escrever

Pedro Luís

À escrita.

A letra da música remete a uma imagem aparentemente antagônica, a cena do cultuado filme *Mistérios e Paixões* do diretor David Cronenberg. O filme é sobre um escritor que entra em absurdas metamorfoses criativas que levam inúmeras ilusões como por exemplo, uma máquina que se transforma em um inseto falante conforme figura 1.

Figura 1 – Máquina de escrever



Fonte: Filme *Mistérios e Paixões* (David Cronenberg).

<http://refractory.unimelb.edu.au/tag/peter-weller/>

A cena nos transporta a uma discussão sobre a simbiose homem-máquina, interfaces biomaquínicas, objetos são agentes. A máquina de escrever de Cronenberg é um ente “social” e o diretor estabelece uma conversação com uma obra literária (o filme é baseado no romance de William Burroughs, *Naked Lunch*) e aborda o processo de escrita como um delírio criativo. A “máquina literária” (FERRAZ, 2010) dialoga com o escritor, como uma interface tecnológica que se acopla aos pensamentos do escritor. Nessa curiosa ficção científica, a máquina radicaliza a individuação, temática comum em outros filmes do diretor que desestabilizam as associações e acoplamentos, pois sempre abordam a relação máquina-homem, carros-corpo, games-corpo, televisão-corpo, compondo elementos que desterritorializam as fixas posições significantes.

Máquina de Escrever. O coração é a máquina que escreve, escreve as paixões, as percepções, as afecções, as ações e apropriações, maquinismos que engendram a cultura e a técnica. Escrever como materialização das sensações, imaginações e percepções faz desse ato criativo, registro de experiências e vivências no terreno da heterogeneidade. Escrever é muito mais do que manipular a palavra escrita, não se limita ao registro do verbo e nem aplicação das estruturas gramaticais. A escrita emerge da energia dos afetos. As máquinas de escrever modulam as palavras do coração, abstrações do cotidiano, influência e inspiração poética de atos inventivos.

Escrever, relatar, narrar, dissertar, discorrer, analisar, operam toda a produção textual na academia. Tal produção não se separa do assistir, do contemplar, do sentir, do vivenciar, já que a dinâmica investigativa leva em consideração a intertextualidade dos modos de ver, ouvir, sentir, falar, ler/escrever. Zanella (2013, p. 114) afirma que “assim como na linguagem oral, a escrita é também angustiante, pois há muito a se considerar, seja na relação ao que se quer dizer, ao que se pretende seja lido”. Nesse processo, o leitor faz parte do ato criativo, atribui “múltiplos sentidos, (re)cria e atualiza o lido”, “a escrita como abertura, autor e leitor na reinvenção do próprio texto que se apresenta como mote para texturas várias” (ZANELLA, 2013, p. 114).

A escrita como vetor do dialogismo reinventa conceitos e indica outros mundos possíveis, assim, a responsabilidade criativa permite abrir espaço para diversas vozes que atuam diretamente na construção de sentidos. Ao assumir que o leitor faz parte dessa escrita, pretendo estabelecer um estatuto político da escrita que cruza as enunciações e rompe com as fronteiras discursivas dominantes. Nessa dimensão existencial, sentir e vivenciar faz parte do processo, permite redigir um relatório da vida como um meio associado, “uma relação dialógica também pode ser estabelecida entre textos, teorias científicas e obras de artes separadas no espaço e no tempo” (LAZZARATO, 2014, p.154).

Escrever sobre a vida como docente/bibliotecário é se deixar levar pelas correntes filosóficas e tecnocientíficas que se bifurcam e disparam provocações para compreender a complexidade e diversidade do mundo no qual estou inserido. A escrita desta tese conecta minha história de vida, professor universitário, bacharel em biblioteconomia, tecnólogo preocupado com as questões sociais, “cientista social” preocupado com as questões tecnológicas e inquieto com os regimes identitários e as leis prefixadas que regulam a subjetividade. Articular as vivências e experiências é produzir linhas de diálogos que agregam

depoimentos, a observação atenta, o compromisso com a escuta, a imaginação, ensinamentos que revelam a urgência de pensar em uma “política de escrita” (BARROS; KASTRUP, 2014, p.72) e uma posição narrativa da produção do conhecimento, uma “política da narratividade” (PASSOS, BARROS, 2014, p.150). Nessa articulação, as enunciações criativas são operadas pela “imaginação e criação, atividades que combinam múltiplos recortes de impressões, imagens, sons, odores, sabores e cores da realidade vivida compondo arranjos variados, são o fundamento do devir” (ZANAELLA, 2013, p.42).

Imaginar e criar, sendo assim concebidos, são atividades amalgamadas, constitutivas tanto da pessoa que cria como da realidade por ele (re)criada. Atividades que ao mesmo tempo em que objetivam um determinado modo de viver, de estar em relação aos outros, o modificam, sob a égide de seus imprevisíveis efeitos (ZANAELLA, 2013, p.42).

Ao acionar dispositivos de pensamentos para potencializar a imaginação, a criação e questionar os discursos dominantes, procurei compreender o processo de apropriação das tecnologias em bibliotecas sob uma perspectiva que proporcionasse múltiplas aberturas. Durante a busca, percebi que muitos estudos tratam da assimilação de conceitos e aplicação de um esquema ordenado, sequencial para aquisição de conhecimentos e obtenção de dados no campo, postura bastante disciplinar e cartesiana de conduzir uma investigação agregada às tecnologias de informação e comunicação.

Assim, foi necessário estabelecer um percurso para transgredir as fronteiras disciplinares existentes no pensamento acerca da técnica, da máquina e da tecnologia, problematizações filosóficas relevantes para produzir conceitos e narrar processos criativos que possibilitam outras dinâmicas investigativas. Essas proposições buscaram referenciais que pudessem conduzir práticas de ensino, pesquisa e intervenção no campo das tecnologias em bibliotecas. A problematização, a descoberta e a construção de conceitos e reinvenção de sentidos precisam ser promovidas pela coexistência do ato de investigar, ensinar e fazer extensão universitária. O agir extensionista se agrega ao ensinar através da pesquisa, pesquisar através do ensino, fazer extensão é portanto, intervir diretamente, estabelecer estratégias qualitativas para dialogar, ouvir e tomar notas, posicionamento ético em pesquisas de campo que compõe o ato investigativo.

Nesse sentido, estes escritos evocam a cartografia como perspectiva qualitativa de pesquisa-intervenção para acompanhamento de processos criativos e informacionais em bibliotecas. Defendo uma postura ética e estética para imersão em territórios e uma

abordagem transversal para investigar apropriações tecnológicas informacionais e criativas. O método cartográfico como um agenciamento flexível permitiu análise de fluxos heterogêneos de enunciações e práticas, o que possibilitou acompanhar as processualidades através de visitas, reuniões, oficinas em bibliotecas comunitárias.

O campo problemático no qual estou inserido atravessa a cultura da técnica, um dos modos de enfrentar esses impasses é desenhar os fluxos que caracterizam as práticas sociais mediante a agregação de elementos (cultura e política) e, de outro, a produção (arte) que resultam no mapeamento de novas práticas e modos de saber-fazer nas bibliotecas. O conceito de produção de subjetividade para pensar “toda e qualquer produção” (GUATTARI, 1992), coloca um panorama conceitual que traduz a potência dos atos criativos. Não se esgota com a presente tese, pois tal materialização é apenas um estrato que consegui observar e trazer à baila, já que, se existe um processo em curso e estou o acompanhando, não posso estabelecer uma posição de determinação da pesquisa, apenas um recorte de um olhar polifônico, articulado com as múltiplas vozes, intertextualidade que afeta a dinâmica existencial dos modos de fazer pesquisa.

Em termos normativos, acredito que os escritos aqui apresentados, toma a questão da produção de subjetividades e os agenciamentos maquínicos para inspirar um sistema de pensamento que cria a si mesmo, potências para efetuar uma compreensão acerca dos processos de apropriação informacional na sociedade conectada. Nessa semiótica das máquinas, das ferramentas computacionais baseadas na filosofia aberta e livre, percebo as enunciações contemporâneas que rompem com os modos conservadores, identitários e individuados de discutir as bibliotecas.

As bibliotecas são espaços de leitura e acesso à informação, mas aqui defendo que a leitura como potencialização da imaginação, da formação e da transformação seja um percurso para a sabedoria coletiva, apropriações diversas para educar na diferença é permitir novas poéticas, ser influenciado pela arte e a filosofia contemporânea e suas interfaces com os estudos de informação e cultura em pesquisas e, reforço que isso só foi possível devido a natureza inter/multi/transdisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação e os debates de vanguarda do Núcleo de Estudos em Subjetivação, Tecnologia e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[...]

Mas como é que faz pra sair da ilha?

Pela ponte, pela ponte

A ponte não é de concreto, não é de ferro
 Não é de cimento
 A ponte é até onde vai o meu pensamento
 A ponte não é para ir nem pra voltar
 A ponte é somente pra atravessar
 Caminhar sobre as águas desse momento

A ponte nem tem que sair do lugar
 A ponte pra onde quiser
 A ponte é o abraço do braço do mar
 Com a mão da maré
 A ponte não é para ir nem pra voltar
 A ponte é somente pra atravessar
 Caminhar sobre as águas desse momento

A ponte
 Lenine

Como faz para sair da ilha? Indaga a poesia de Lenine. O verso composto pelo pernambucano nos remete a noção de ponte como dispositivo de conexão. Como morador da Ilha de São Luís do Maranhão, durante muitos anos a forma mais viável de sair da ilha era pela ponte. “A ponte não é para ir nem pra voltar, a ponte é somente pra atravessar”, vejo que a travessia é a conexão, nem destino e nem origem, a ponte é para estabelecer a travessia, o “meio associado” (SIMONDON, 1948). As pontes demonstram o agenciamento entre as obras construídas pelos seres humanos atravessarem os limites geográficos, rios e mares. Atravessar os limites geográficos é fazer reticulações com os seres naturais, é romper com as fronteiras territoriais do pensamento. Associadas a essas obras arquitetônicas para romper as fronteiras territoriais, existem os processos que permitem nos semiotizar através dos objetos técnicos, desenvolvidos para efetuar a imersão no plano do estético, conhecer outros territórios, outros universos. Um terreno fortemente influenciado pelas múltiplas vozes que misturam as experiências e questionam as posições territorializadas, definidas pelas modelizações identitárias.

Atravessei a ilha, acima de muitos rios, via ponte aérea, similar àquela apontada por Augé (1994), com conexões físicas – São Luís – Minas Gerais – São Paulo – Rio Grande do Sul, e conexões de todos os tipos, controladas pelas máquinas técnicas, sistemas de informação das empresas aéreas, pelas diretrizes institucionais de gestão das agências de fomento, pela instituição de ensino na qual sou afiliado, passando pelos aplicativos de calendário, mensagens de correio eletrônico, compartilhamento na Web, produtos da

contemporaneidade. Essa autonomização tem implicações relacionadas a privacidade, acesso a dados não autorizados e demais questões de ordem biopolítica das tecnologias na sociedade do controle.

Nessa conexão também estava com máquinas técnicas que permitem gravar e simular áudio, redigir textos, manipular imagens, processar dados, elaborar gráficos, e tudo que possa ser codificado como objeto semiótico, como registro do conhecimento. Essa codificação tem como lógica de funcionamento a matemática, a máquina binária como materialização da forma, da informação. Biazus (2009) questionou em seus estudos a potência dessas “máquinas binárias na produção criativa e no ensino”. A história demonstra que na evolução da tecnologia computacional, os computadores eram destinados a cálculos científicos, redes com finalidades bélicas e hoje todo esse maquinismo potencializa a criação, a invenção, a experimentação semiótica através da convergência digital de uma era pós-midiática. As tecnologias computacionais e demais máquinas digitais fazem parte das enunciações dominantes da sociedade contemporânea, a informação uma vez apropriada gerará conhecimento, é o chamado capital intelectual como diferencial competitivo, o conhecimento como força produtiva. Porém, podemos visualizar também a tecnologia como ferramenta para controle e processamento da informação, mas nesta tese prefiro pensar o computador e outros dispositivos digitais como agenciamento, modulações que permitem compreender os constantes e ativos processos que movimentam a mediação tecnológica.

O outro lado do país é também heterogenético. Porto Alegre é amplificação “de diferentes regimes de individuação” (SIMONDON, 1958), cheia de interferências externas e aberturas, fui constantemente afetado, uma “reinvenção de si”, uma autopoiese ligada as intensidades da vida coletiva. Como transeunte nos parques, como consumidor dos produtos “tradicionais”, na incorporação do sotaque gaúcho só para reforçar a energia da não-homogeneidade da língua, da fala, dos signos e dos conceitos que constroem a individuação, maranhense quase gaúcho, gaúcho maranhense, devires geográficos pelo acontecimento climático e a sua imposição que induz a obrigação “do vestir o casaco/do retirar o casaco” e quebra da dicotomia quente/frio, aspectos fundamentais para uma tese de doutorado que não está dissociada do plano da experiência, da vivência, da multiplicidade dos modos de existir.

As experimentações articuladas por essas rupturas e pela emergência de concebermos uma Educação que trate da diferenciação, do compromisso ético e da imposição do estético, mobiliza práticas de ensino, pesquisa e intervenção no campo da Biblioteconomia,

nesse sentido, este estudo desenvolve uma leitura acerca da inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação em processos educacionais e culturais. Considero que ensinar tecnologias da informação em bibliotecas é a principal problemática que acompanha a prática docente. Essa seria a motivação central de delinear um estudo sobre a problematização dos dispositivos tecnológicos na produção de subjetividade em equipamentos culturais como a biblioteca. Todavia, as experiências empíricas e debates acerca das práticas docentes no ensino de tecnologias de informação e as práticas de apropriação de tecnologias e mídias digitais oriundas das experiências coletivas, forneceram uma distorção investigativa, um olhar heterogêneo sobre a grande complexidade das ações de incorporação e apropriação tecnológica nas esferas educacionais.

Na prática docente em Biblioteconomia, pude reafirmar que ainda existe uma divisão latente entre os saberes técnicos e saberes humanísticos, enraizada nos antecedentes históricos deste campo do conhecimento. A história da área demonstra que o primeiro Curso de Biblioteconomia no Brasil foi criado em 1915 na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, tendo o conteúdo programático desse curso inspirado no modelo francês da *École de Chartes*, dando ênfase ao aspecto cultural e informativo. Já em 1929, o Mackenzie College, atualmente Universidade Mackenzie de São Paulo, criou um Curso de Biblioteconomia, inspirado no modelo norte-americano, que enfatizava os aspectos técnicos da profissão (CASTRO, 2000). Este marco inaugura uma das maiores dicotomias da área, reproduzida até os dias atuais. Tal dicotomia se ancora na departamentalização e fragmentação do conhecimento, isso pode ser visualizado nos desenhos curriculares das escolas de graduação e nas práticas discursivas que insistem em estabelecer divisões entre os saberes técnico/tecnológico e humanístico/social.

Ao refletir sobre o ensino de tecnologias em bibliotecas, formulo que não existe separação entre humanístico e tecnicismo em bibliotecas, percebo a necessidade de traçar linhas, cruzamentos dos meios e potência de criar múltiplas leituras sobre os aspectos sociais das tecnologias e os aspectos tecnológicos da sociedade. Pensar a sociedade não apenas como um coletivo de humanos, mas como associações, como coletivo que envolve os agenciamentos.

Na atualidade, abordagens teóricas da Administração de Tecnologia e Gestão de Sistemas de Informação, fundamentam disciplinas ligadas às Tecnologias de Informação em bibliotecas, já que existem poucos estudos para alicerçar o ensino de tecnologias nos currículos biblioteconômicos. Isso é reforçado na prática em sala de aula, na busca de textos

que possam referenciar uma visão mais transversal das tecnologias de informação e comunicação, fora dos vértices cartesianos e do determinismo tecnocientífico.

Conforme pesquisa bibliográfica e consultas realizadas através das ferramentas de busca em Anais do ENANCIB 2010-2016, E-lis, Base de Dados disponíveis via Portal da Capes, observei que a área possui um discurso hegemônico pautado nos aspectos operacionais da computação, muitos autores buscar tratar a influência do uso da Informática e sua aplicabilidade na Biblioteconomia e na Ciência da Informação sob o ponto de vista funcional, muitas teorias ratificam que as tecnologias de informação e comunicação assumem o papel de uma ferramenta para agilizar a aquisição, o processamento, a divulgação e a recuperação da informação. De acordo com Russo (2010, p. 71) “essa influência tornou-se cada vez mais marcante, não devendo ser considerada como ameaça e sim como uma nova oportunidade para a promoção do melhor atendimento às necessidades dos usuários”. Tais proposições teóricas visualizam as ferramentas de informática como um aparato puramente técnico, reproduzindo uma visão de biblioteca e de “bibliotecário (a) tecnicista” (WILSON, 2005) e de uma tecnologia preocupada com o controle e acesso aos estoques de informação, como pendurou durante a primeira década do século XXI.

Convencionalmente, em BCI, são levantadas questões com padrões de interoperabilidade, metadados, bibliotecas e repositórios digitais, competência informacional e uso de mídias sociais em bibliotecas e demais ambientes de informação. Vale ressaltar que esses textos são fundamentais para compreender os aspectos operacionais. Entretanto, a interferência das tecnologias nos modos de pensar e agir transpõe o determinismo tecnológico, já que “existe em cada produto uma margem de liberdade que permite utilizá-lo com finalidades não previstas”. (SIMONDON, 1998, p.261).

Na disciplina intitulada “A Estética das Redes e o Ciberespaço”, ministrada pela professora Maria Cristina Biasuz, orientadora desta Tese de Doutorado, tivemos uma atividade de leitura e apresentação sobre a temática “Redes de Transformação” com base no texto de Andre Parente, intitulado “Eredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade”. Nessa oportunidade pudemos realizar uma leitura crítica das redes telemáticas e dos dispositivos tecnológicos como potência na ação criadora, bem como os aspectos políticos das questões relativas à subjetivação na sociedade atual. Após “enredar” o pensamento e conectar aos fluxos heterogêneos, iniciei uma exaustiva busca de fontes de

informação que pudessem sustentar tal discussão e articular um pensamento que opere a literatura, as experiências pessoais/institucionais e os agenciamentos tecnológicos.

Outro marco significativo foi a disciplina Tópicos Especiais Inter/Transdisciplinaridade, Complexidade e a Perspectiva (Est)ética ministrada pela professora Margarete Axt, no qual pudemos analisar o pensamento de Bakhtin, Morin e Guattari. As produções realizadas durante os seminários e atividades avaliativas mediadas por uma ferramenta de conversação em ambiente digital, forneceu o arcabouço teórico necessário para instigar uma pesquisa direcionada a uma abordagem voltada ao paradigma ético/estético/político e transdisciplinar. Tivemos no âmbito do NESTA, diversos seminários direcionados a problematizar as interfaces digitais na arte-educação.

Na busca de referenciais, pude perceber um sutil ineditismo na abordagem da exposta temática, pois até o presente momento foram identificados poucos estudos que levam em consideração o pensamento de Deleuze e Guattari e autores afins no campo da Biblioteconomia e Ciências da Informação. O trabalho em que Mostafa (2010) elenca alguns estudos que mencionam o conceito de rizoma é a principal referência em âmbito nacional. Boa parte da obra de Mostafa é de valor inestimável e leitura essencial para conhecer questões sobre o pensamento filosófico contemporâneo nos estudos sobre a informação. A conjunção “e” na Ciência da Informação com perspectiva inclusiva é problematizada por Mostafa (2013) e propõe uma Filosofia da Ciência da Informação. Podemos acrescentar também os textos de Gerolami (2010;2015) que discute as bibliotecas dispositivos de controle e os agenciamentos que transformam as bibliotecas como instituições criativas, Day (2010, 2008) e Robinson; Maguiree (2010) e Moreira (2011), estes realizam críticas aos aspectos referentes à representação da informação, linguagens documentárias e à emergência de novas formas de organização do conhecimento e as mudanças devido ao ciberespaço.

Moreira (2011) desenvolveu um estudo acerca dos esquemas de classificação com base na perspectiva representacional, que reproduz o modelo arborescente, herança aristotélica e condicionada as estruturas fixas, estáveis e binárias. Day (2002; 2010) estabelece algumas conversações com as abordagens pós-estruturalistas e defendem um posicionamento ético e questiona algumas proposições teóricas dos estudos informacionais centrados no documento, na informação, no suporte e nas formas de transmissão e disseminação. O artigo de Gerolami (2015) se propõe a fornecer uma análise teórica do conceito de “instituição”, a fim de compreender o potencial da biblioteca como instituição

social. A autora utilizou a obra de Deleuze e Guattari para construir uma base teórica sobre bibliotecas como ferramentas para a justiça social, em vez de subordinação às forças de mercado. A autora enfatiza que é possível analisar as bibliotecas como instituições, em termos de códigos e regras que restringem o comportamento e trabalha o conceito de instituições como agenciamento/montagem pode ser usado como uma alternativa a fim de enfatizar o potencial criativo e transformador das bibliotecas.

Nesse mesmo sentido, Mostafa (2013, p. 108) destaca o ponto de vista da montagem, ao apreciar a exposição “Jorge Amado e Universal” do Museu de Língua Portuguesa como uma variedade de elementos, suportes, dados e conjuntos de documentos organizados que promove a emergência de um acontecimento discursivo nos termos de um discurso que rompe a tradição de pensar Museus, Bibliotecas, Arquivos e Centros de Documentação como campos separados, já que nos faz aparecer enlaçados. Mostafa também analisa a Exposição “Conhecimento – custódia e acesso” da Universidade de São Paulo, como materialização da convergência entre arte, ciência e tecnologia em rede de bibliotecas universitárias. Benevenuto; Silva e Mostafa (2015) apresentam a influência de Gilles Deleuze na Ciência da Informação, através de um “estudo bibliométrico da produção científica indexada em bases de dados nacionais e internacionais com o intuito de levantar indicadores que possam caracterizar a apropriação de preceitos” da Filosofia da Diferença e a Ciência da Informação.

Os textos referenciados contribuem para a consolidação de uma literatura crítica, a qual analisa a biblioteca como um movimento processual. Mesmo com o vanguardismo de tais discussões, podemos perceber que alguns autores não tratam as tecnologias na dinâmica das bibliotecas, ou seja, nas atividades culturais de promoção da leitura, apropriação, experimentação e produção do conhecimento. Quando os sistemas informáticos são mencionados, há maior ênfase na percepção das tecnologias como instrumentos de gestão de vocabulários e controle terminológico, aspectos mais voltados a um novo sistema de organização do conhecimento e recuperação de informação em redes digitais. Com base nos autores mencionados e nas experiências no campo o ensino e extensão, problematizo algumas questões no campo da Biblioteconomia. Destaco 3 aspectos primordiais:

- 1) Sistemas de classificação bibliográfica;
- 2) Modelos de gestão e planejamento de bibliotecas;

3) Práticas de dinamização de bibliotecas.

Os sistemas de classificação bibliográfica seguem as modelizações da representação e organização do conhecimento, conceitos e ferramentas no que a literatura denomina de Sistemas de Organização do Conhecimento, exemplos como vocabulários controlados, cabeçalhos de assunto, classificações decimais, ontologias computacionais e demais esquemas de conceitos que funcionam sob a ótica do pensamento arborescente.

Os modelos de gestão e planejamento de bibliotecas possuem influência das teorias organizacionais, fruto do sucesso da administração de empresas como ciência que trata de aspectos sociotécnicos necessários para o gerenciamento de serviços e produtos de informação, bem como a aplicação dos componentes da tecnologia da informação e comunicação, tais como recursos humanos, softwares, hardwares, bancos de dados, redes de computadores. Esta área contempla análise de requisitos e aspectos como a qualidade, eficiência, eficácia, competitividade e produtividade no cenário da chamada sociedade da informação e do conhecimento. Organogramas, fluxogramas e demais diagramas são as palavras de ordem na gestão e planejamento de bibliotecas. Divisão de setores, atribuição de cargos para atribuir autoridades, poder necessário para efetuar as estruturas hierarquizantes de muitas instituições que funcionam ainda sob lógicas fechadas.

No que diz respeito as práticas de dinamização de bibliotecas, percebo que essas discussões levam em consideração a formação de leitores a partir das diversas expressões artísticas e culturais, a mediação da informação e a ação cultural compõe as enunciações coletivas envolvidas nessas políticas. Porém observo que há uma concentração no livro, na palavra escrita, poucas iniciativas trabalham a oralidade, a informação comunitária, formação de acervos a partir de obras produzidas pelas pessoas que frequentam as bibliotecas e experimentações que rompem as concepções hegemônicas de biblioteca como espaço determinado.

Essas semióticas significantes da área: os esquemas de representação da informação, organização do acervo, gestão dos serviços/produtos e a dinamização/atividades culturais constituem a identidade das bibliotecas. Em primeira instância, podemos afirmar que este trabalho se concentra no item 3, os aspectos de dinamização das bibliotecas a partir de atividades e programas artísticos e culturais, todavia, vale frisar que o pensamento rizomático permite o agenciamento com as questões 1 e 2 e também com outras múltiplas questões

observadas durante o processo de intervenção, visto que compreendo que as práticas de dinamização de bibliotecas, entendidas aqui como programas e atividades de incentivo à leitura e produção de informação e conhecimento, têm forte relação com os modelos de gerenciamento e planejamento de recursos e serviços de informação de bibliotecas, bem como implicações nas ferramentas e tecnologias para organização da informação. Na intenção de discutir a apropriação das redes e dispositivos tecnológicos em bibliotecas comunitárias e seus modos de agenciamento, parto da seguinte questão norteadora de pesquisa:

Como as tecnologias potencializam as ações criativas das bibliotecas que compõe a Rede Leitora Terra das Palmeiras?

As atividades das bibliotecas levam em consideração as tecnologias digitais nos processos de produção de subjetividades e a partir desta questão, construí as seguintes problemáticas, desdobrada nas seguintes indagações:

- a) Como as noções de heterogeneidade e agenciamentos podem modificar a concepção de biblioteca?
- b) Como acompanhar os processos de produção de subjetividades através da apropriação de tecnologias nas bibliotecas?
- c) Como a visão transversal das tecnologias e redes digitais podem fundamentar as atividades nas bibliotecas?

Com base nestes questionamentos, esta tese buscou qualificar alguns estratos para cumprir a responsabilidade de perceber a natureza processual do domínio investigado, sentir os agenciamentos coletivos como movimentos operados por meios associados. Assim, a presente materialização da experiência investigativa, não é uma apresentação de resultados oriundos de aplicação de teorias, técnicas e tecnologias em um contexto cultural e educacional. A pesquisa procurou observar, intervir, problematizar e narrar como se articulam e funcionam os processos de produção criativa e inventiva nas bibliotecas, com foco na apropriação das redes e tecnologias digitais. Como diz Guattari (1992), “a produção de subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção”, desta forma, convém apontar para a emergência da perspectiva ética/estética para problematizar os processos que movimentam subjetividades.

A inventividade da ciência não é marcada pela raridade ou pela falta de solução para um problema, mas é abundante e positiva. O caráter inventivo coloca a ciência em constante movimento de transformação, não apenas refazendo enunciados, mas criando novos problemas e exigindo práticas originais de investigação. É nesse contexto que surge a proposta do método

da cartografia, que tem como desafio desenvolver práticas de acompanhamento de processos inventivos e de produção de subjetividades (BARROS, KASTRUP, 2014, p.55-56).

Muito além de pensar como o paradigma ético/estético pode auxiliar as bibliotecas a desenvolverem seus projetos dinamização dos seus programas artísticos e educacionais, percebi o trabalho colaborativo, os dispositivos digitais e múltiplas expressões na apropriação cultural como força propulsora dos modos de existência da Rede Leitora estudada. As noções de heterogeneidade e agenciamentos coletivos foram fundamentais para compreender os modos de produção de subjetividade nessas instituições culturais. Como estratégia investigativa, a cartografia permitiu acompanhar os processos de produção das subjetividades, seus agenciamentos e pensar a biblioteca como instituição social de práticas transversais fundamentadas por saberes, fazeres e vivências que permitiram problematizar a imanência criativa decorrente das Tecnologias de Informação e Comunicação.

As ações desenvolvidas pela Rede são exemplos de conectividade de relações afetivas e convergência de signos, máquinas e práticas, agregam afetos, perceptos e desejos. Funcionam muito além de um referencial para discussão de como essas iniciativas podem ser incorporadas na sociedade. Longe de modelizações, colocamos a presença das tecnologias convergentes e digitais nas bibliotecas mobilizam “redes de transformação” (PARENTE, 2007) e objetos técnicos e semióticos auxiliam na orientação de forças descentralizadas de enredamento de conceitos, práticas, experiências em projetos culturais que envolvem a leitura, o livro, a biblioteca, a literatura e múltiplos suportes.

1.1 Objetivos da pesquisa

1.1.1 Geral

Compreender os processos de produção de subjetividades através das experimentações criativas agenciadas pelas tecnologias digitais em bibliotecas da Rede Leitora Terra das Palmeiras.

1.1.2 Específicos

- a) Apresentar as práticas criativas nas bibliotecas que compõe a Rede;

- b) Mapear os processos micropolíticos das articulações e ações das bibliotecas;
- c) Discutir as experimentações estéticas e apropriações de tecnologias e redes digitais;
- d) Verificar os processos de autoria, produção de sentidos e colaboração nas práticas de apropriação de tecnologias digitais.

1.2 Organização da Tese

Este trabalho está organizado em 6 seções. Após a introdução da Tese apresento algumas considerações teóricas e metodológicas para contextualizar as estratégias utilizadas na presente investigação. Nessa seção aponto para a problemática da escolha de um método que transversaliza as modelizações disciplinares e hierarquizantes do pensamento tecnocientífico. Discorro sobre algumas abordagens no domínio da Biblioteconomia e Ciência da Informação e aponto as relações entre outros campos, porém, visualizo que existe ainda fortes proposições e discussões sustentadas pela razão instrumental advinda do pensamento científico moderno.

Na seção 2, discuto a biblioteca como um território de experimentações através da apresentação de conceitos e práticas que engendram a potência criativa e inventiva. A discussão dessas teorizações permitiram reconfigurar a biblioteca como equipamento coletivo de ações criativas e transversais através de debates que envolvem a apropriação cultural e dispositivos tecnológicos. Aspectos como ação cultural, mediação da informação e produção criativa são apresentados e destaco ainda, alguns exemplos de iniciativas que materializam a concepção de biblioteca como território de múltiplas experimentações.

Na seção 3 coloco a tecnologia como campo problemático e apresento algumas abordagens e enfoco a urgência de destacarmos algumas questões tecnológicas que tanto afligem a contemporaneidade. Reviso alguns conceitos filosóficos que envolvem a técnica/tecnologia, a máquina e as redes. Após a revisão de alguns enfoques filosóficos, apresento as enunciações acerca das tecnologias em bibliotecas, conceitos como Automação de Bibliotecas, Bibliotecas Digitais e Mídias Sociais em Bibliotecas e demais temáticas que formam uma rede conceitual para problematizar as tecnologias e redes digitais de informação e comunicação em processos biblioteconômicos.

Na seção 4 discuto a produção de subjetividade e práticas informacionais contemporâneas. Noções de máquina, rizoma, transversalidade, heterogênese, agenciamentos coletivos de enunciação, territórios existenciais, dentre outros, para discutir a questão dos modos de produção de subjetividade e o paradigma ético, estético e político em Deleuze e Guattari. As Obras Caosmose: um novo paradigma estético de Guattari, Mil Platôs (v.1) de Deleuze e Guattari e a obra Signos, Máquinas e Subjetividades de Lazzaratto, são as fontes principais que alicerçaram o debate. Durante este percurso de revisão da literatura, observei a necessidade de realizar diálogos possíveis com a obra de Simondon, pois seus escritos possibilitam uma leitura diferenciada acerca da técnica na cultura contemporânea, assim, destaco alguns conceitos para sustentar o debate. Apresento as rupturas no pensamento arbóreo na Biblioteconomia e Ciência da Informação e discuto ainda os modos de produção de subjetividade existente nas práticas informacionais em bibliotecas. Realizei uma revisão de literatura e observei que os estudos de Mostafa (2011; 2013), Day (2008, 2010), Moreira (2011) e Gerolami (2010; 2015) possibilitaram problematizar aspectos transversais para estudar processos informacionais. Nesse encontro teórico, consegui um sustentáculo para debater e analisar as transformações, os movimentos, as processualidades e as relações que constituem a dinâmica existencial das bibliotecas.

Na seção 5, abordo os agenciamentos existentes entre instituições, processos, tecnologias, modos de subjetivação e aspectos sobre a pesquisa/intervenção. Na sequência apresento a cartografia como estratégia para acompanhar os processos de produção de subjetividade e descrevo as cinco bibliotecas que compõe a Rede Leitora Terra das Palmeiras. Desenvolvi oficinas com integrantes da Rede (Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato, Biblioteca Comunitária Josué Montello. Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo, Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria e Biblioteca Comunitária Paulo Freire). Descrevo as oficinas de tecnologias livres e experimentações criativas na produção multimídia que acionaram fluxos semióticos, afetivos, sociais, maquínicos, estéticos e institucionais.

Na seção 6, após as discussões teóricas, descrição das oficinas realizadas e análise do processo de pesquisa-intervenção, estabeleço algumas considerações finais e defendo a noção de biblioteca heterogênea, criativa e polifônica ao denunciar a urgência de pensarmos em programas integrados, descentrados e coletivos que permitam as múltiplas vozes e apropriações informacionais e afetivas.

1.3 Considerações teóricas e metodológicas

Em uma sociedade caracterizada pelos sistemas de informação e redes de comunicação, o pensamento predominante nos condiciona utilizar ferramentas que possibilitem uma gestão eficiente e eficaz da organização de dados. Esse discurso pode ser visualizado nas práticas sociais que envolvem a atuação de profissionais no mercado de trabalho, nas produções acadêmicas e em processos educacionais, portanto, é importante levarmos em consideração essas relações entre as diversas práticas e enunciações. Nessa linha de pensamento, a exposta pesquisa se instaura na gênese de investigações científicas que necessitam de uma abordagem teórico-metodológica que possa dialogar e transfigurar diferentes perspectivas.

A pesquisa acadêmica é marcada pela explicitação de problemáticas, herança do racionalismo científico, e pela crença na ciência como ferramenta primordial para a estabilidade social e o alcance de resultados precisos. A ciência como um sistema que predomina conhecimentos verdadeiros, rigorosos, ágeis e aplicáveis a realidade através de métodos e técnicas consagradas para instrumentalizar e gerar progressos são também práticas predominantes em estudos sobre tecnologias em bibliotecas. Essa razão instrumental pode ser tomada como “parâmetro” para pensar humano e tecnologia de forma separada, mesmo sabendo-se da intrínseca dependência.

As bibliotecas são instituições culturais, todavia são visualizadas pelo paradigma organizacional, pois muitos referenciais teóricos se fundamentam em abordagens da administração/gestão de tecnologias da informação de empresas¹, conceitos que sustentam uma visão de biblioteca movimentada pelo discurso gerencial. Assim, a articulação ensino de tecnologias em bibliotecas na graduação, a problematização dos conceitos que fundamentam tais práticas educacionais e experiências em ações junto a sociedade civil, materializada pelas atividades de extensão universitária, permitiu compreender a inseparabilidade entre o ensino, a pesquisa, a extensão, a política e a vida. Deste modo, afirmo que é impossível não levantar a questão da neutralidade do pesquisador em investigações qualitativas e nos debates em sala de aula e no campo de pesquisa, já que sentimos que não existe tal neutralidade, distanciamento que impede novas aberturas para produção do conhecimento.

1 É notável a inserção da terminologia corporativa em produções no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, tais como: cliente, competitividade, eficiência e eficácia, ambiente externo e interno, automação, processamento e outros.

O ato de aprender encontra-se agregado ao ato de pesquisar, e este, por sua vez, relacionar-se-á com as formas de viver e de agir. Barros e Kastrup (2014, p. 54) dizem que essa “concepção de uma pesquisa como representação de um objeto remonta ao surgimento da ciência moderna”, assim, “o cientista busca separar o sujeito do objeto do conhecimento”. Essa perspectiva representacional da invenção científica permeia a maioria das abordagens teóricas e metodológicas nas práticas de pesquisa e desenvolvimento tecnológico.

O século XX foi marcado pelo aperfeiçoamento do conhecimento científico e tecnológico em diversos processos produtivos. O triunfo da tecnologia e da ciência traz a tona a racionalidade nas relações sociais e a crença em uma concepção objetivista, precisa e sistemática, operada pelo conhecimento técnico e aplicado, imprescindíveis para instrumentalizar resultados e materializá-los em bens, serviços e produtos, em inovação. É o movimento operado pela dinâmica da economia global e por um sistema econômico que privilegia as esferas privadas em detrimento da esfera coletiva. Esse condicionamento produtivista oriundo da sociedade pós-industrial muitas vezes é a principal lógica de práticas discursivas de campos que estudam os dispositivos de comunicação e acesso à informação.

A maioria das discussões travadas na literatura se firmam em teorizações, abordagens, métricas de avaliação de *softwares* e interfaces de ambientes digitais, legitimadas por questionários e entrevistas, produções recheadas de gráficos, tabelas, indicadores e outras ilustrações e figurações. Existem também algumas discussões sobre os dispositivos digitais e as redes sociotécnicas, representadas por temáticas como competência e literacia digital e que envolvem *e-books*, *e-readers*, bibliotecas móveis e mercado de Tecnologia da Informação e Comunicação. Esses estudos podem alicerçar as discussões sobre o ensino de tecnologias nos currículos da graduação e a inserção tecnológica nas bibliotecas, mas vale frisar que existem poucos textos que trazem uma visão transversal e distante dos vértices cartesianos e do determinismo tecnocientífico. Carvalho (2016), aborda a problemática das Tecnologias da Informação e Comunicação na Biblioteconomia e Ciência da Informação ao afirmar que:

as tecnologias da informação e da comunicação talvez um dos pontos mais nevrálgicos da área, de modo que os principais estudos se constituem como importação/aplicação de teorias e questões de outras áreas, como a Computação, sem uma perspectiva mais ampla de criação nas áreas do conhecimento vinculadas à informação (CARVALHO, 2016, p.51).

Tomando com base essa afirmativa, percebemos enunciados pautados nos aspectos operacionais da Ciência da Computação, alguns autores buscam tratar a influência do

uso da Informática e sua aplicabilidade na Biblioteconomia e na Ciência da Informação (BCI) sob o ponto de vista operacional/funcional, muitas teorias ratificam que as tecnologias de informação e comunicação assumem o papel de uma ferramenta para agilizar a aquisição, o processamento, a disseminação e a recuperação da informação. As ferramentas de informática como um aparato técnico reproduz uma visão de biblioteca e de “bibliotecário (a) tecnicista” (WILSON, 2005) condicionados ao controle e acesso aos estoques de informação.

Nesse mesmo domínio, convencionalmente, são também levantadas questões como padrões de interoperabilidade, metadados, bibliotecas e repositórios digitais, competência informacional e uso de mídias sociais em bibliotecas e demais ambientes de informação. Vale ressaltar que esses textos são fundamentais para compreender os aspectos operacionais, entretanto, a interferência das tecnologias nos modos de pensar e agir transpõe o determinismo tecnológico, já que “existe em cada produto uma margem de liberdade que permite utilizá-lo com finalidades não previstas”. (SIMONDON, 1998, p.261). Conforme Cupani (2013, p. 201), “a denominação determinismo tecnológico alude-se à ideia de que a tecnologia constitui uma força que governa, de algum modo, a sociedade e dirige seu rumo”.

A intenção é propor outras perspectivas que não estejam amarradas às visões determinísticas, instrumentais e cartesianas do pensamento moderno. Tal perspectiva necessita alimentar uma percepção deslocada para entender a complexidade dos fenômenos informacionais contemporâneos para problematizar alguns operadores baseados na lógica normativa da pesquisa, então, busquei um referencial no campo da BCI que pudesse fundamentar outras leituras e abordagens para desenhar uma perspectiva qualitativa e transdisciplinar sobre práticas informacionais em bibliotecas.

Ao mapearmos a literatura, localizamos relevantes fontes sobre abordagens teóricas e metodológicas em BCI. Connaway e Powell (2010) apontam alguns métodos de pesquisa em Biblioteconomia de enfoque qualitativo e fundamentado nas propostas das Ciências Sociais Aplicadas, como Pesquisa-Ação, Pesquisa Baseada em Evidências, Estudo de Caso, Análise de Conteúdo, métodos de investigação mais instrumentais como Pesquisa Experimental, Bibliometria, Biblioteconomia Comparada e outros métodos de investigação de base tecnológica, oriundos da Ciência da Computação, mais especificamente estudos Investigação Operacional, Modelagem, Análise de Sistemas de Informação, além de outras abordagens metodológicas.

Outra fonte de extrema valia sobre os fundamentos da pesquisa social na Biblioteconomia e Ciência da Informação é a coletânea de Wildemuth (2009). No livro, podemos encontrar referenciais metodológicos a respeito de estudos de informação orientados por uma ótica social sobre as práticas profissionais que levam em conta o conteúdo da informação que está sendo criada, comunicada, armazenada, transformada, as diversas pessoas que interagem com o conteúdo, incluindo os produtores de informação, os destinatários de informação, ou intermediários no processo de comunicação; e a tecnologia utilizada para apoiar a criação, comunicação, armazenamento ou a transformação do conteúdo.

Apesar da relevância das obras sobre métodos de pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação de Connaway, Powell (2010) e Wildemuth (2009), percebemos a falta de uma posição crítica à neutralidade investigativa e ao objetivismo tecnocientífico que tanto permeia os estudos e pesquisas da área. Percebemos que ainda existe um enfoque racionalista baseado na comprovação da pesquisa de campo, demonstrando precisão, controle, incidências, hipóteses, variáveis e demais conceitos que estruturam as enunciações hegemônicas das práticas investigativas. A separação sujeito/objeto e a perspectiva representacional do mundo pode ser vista nos textos que propõe uma visão crítica da realidade. Noções como identidade, classificação de atores/funções/instituições e forte disciplinarização materializada em métodos e técnicas de pesquisa que se firmam na crença dos instrumentos de elaborados previamente para legitimação de uma ferramenta válida para coleta de dados.

Essa tendência cartesiana, consagrada pela sua máxima analítica e racional se afirma, então: é preciso transformar a realidade para conhecê-la. Daí o embate com toda uma tradição cientificista que defende a neutralidade e objetividade do conhecimento, ambas garantidas pela distância mantida entre aquele que conhece e aquilo que deve ser conhecido. Sujeito e objeto se distinguem e se separam, constituindo-se uma política cognitiva, assentada na perspectiva de terceira pessoa do conhecimento: conheço à distância, conheço porque me distancio (BARROS; KASTRUP, 2014, p.55).

De acordo com Barros e Kastrup (2014), tal política cognitiva pressupõe tanto certa “prática comunicacional” e acrescentamos também informacional, “quanto uma prática de pesquisa que se hegemonzaram, ganhando máxima expressão no ideal de inteligibilidade positivista.” A ordem como mecanismo epistemológico para a sistematização de pesquisas que lidam com diversas instâncias analíticas, não permite acompanhar “as dinâmicas de existencialização” (GUATTARI, 2002) que compõe toda a heterogeneidade dos processos

informativos e de acordo com a perspectiva transversal, é necessário alterar os eixos hierarquizantes nas instituições, defendendo um terceiro eixo que cruza e desestabiliza os eixos vertical e horizontal da comunicação nas instituições (eixo vertical da hierarquização da comunicação dos diferentes e o eixo horizontal que homogeneiza a comunicação na corporação dos iguais) (BARROS, KASTRUP, 2014, p.55)

Diante das discussões teóricas, os textos de Mostafa permitiram a formulação de conceitos para sustentar ações diretas que levam em conta as enunciações coletivas das práticas sociais e um olhar multidimensional que possibilita ampliar as cadeias de compreensão sobre as micropolíticas para problematizar os lugares institucionalizados como museus, bibliotecas e arquivos, territórios de fluxos informativos. Realizei um exaustivo mapeamento de práticas de pesquisa que envolvem cartografias de produção de subjetividade em bibliotecas no período de 2014-2016 e não obtivemos êxito em buscas de referências que pudessem sustentar uma pesquisa cartográfica no domínio da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Nesse sentido, pretendo chamar atenção para emergência de um pensamento mais transversal e que acabe com os antagonismos existentes nas relações de poder entre disciplinas e métodos que buscam apenas identificar precisamente e mensurar as relações que envolvem o livro, a leitura e a biblioteca face ao aperfeiçoamento tecnológico.

Busco superar o antagonismo técnico x humano, a divisão entre ciência e universo subjetivo e da mecanização dos procedimentos de investigações e técnicas de coleta de dados convencionais, já que acompanhar processos de subjetivação é assumir a imprevisibilidade dos movimentos dos espaços de sociabilidade e incluir as redes de comunicação nos processos de singularização. O percurso cartográfico implica a ruptura do comportamento disciplinar, de caráter monológico que permeia muitas pesquisas relacionadas à mediação da informação e inserção tecnológica em bibliotecas, portanto, abordar as bibliotecas como territórios criativos enuncia os múltiplos e mutantes estratos de produção de subjetividade nas bibliotecas.

2 BIBLIOTECA COMO TERRITÓRIO CRIATIVO

Conceber a biblioteca como território de confluência de significações, objetos, sujeitos e práticas implica a revisão de fundamentos que legitimam a biblioteca como espaço cultural, educacional e informacional. Conhecer a proposta e os objetivos de ações em bibliotecas pressupõe uma análise de fatores como concepção, implantação e dinamização destas instituições, bem como aspectos referentes aos sujeitos e processos envolvidos.

2.1 Conceitos e experimentações

A biblioteca ainda é entendida no seu sentido clássico, como espaço físico destinado a custódia e transmissão dos registros do conhecimento. Criada sob a égide da cultura impressa, a biblioteca acompanhou as transformações tecnológicas, incorporando diversas ferramentas de comunicação e suportes informacionais, sendo considerada repositório de Ciência, Tecnologia e Humanidades. A biblioteca como equipamento coletivo, como máquina funciona como um território comum marcado pela diversidade de enunciações e práticas.

Em uma sociedade cada vez mais dependente dos dispositivos técnicos e das redes telemáticas para comunicação e informação, ampliar o debate acerca da biblioteca como uma instituição associada às novas tecnologias têm sido o foco de inúmeras ações vêm sendo desenvolvidas para prover a universalização do acesso à informação, geralmente, essas ações têm como eixo central a democratização da Internet, principal discurso das iniciativas de inclusão digital. Estas ações são de extrema relevância, todavia, pouco se evidencia o papel das bibliotecas nesse contexto, já que estas instituições, além de fornecerem recursos bibliográficos e um espaço físico para estudos e atividades culturais, podem ser importantes aliadas na apropriação de tecnologias de informação integradas a outras mídias e expressões. Nesta perspectiva, Silva e Silva (2010, p.204) pontuam que:

A biblioteca é um espaço repleto de alternativas de contribuições para a sociedade. Compreender a biblioteca nos dias de hoje, especialmente no que se refere à explosão informacional, além da vertiginosa transformação tecnológica e sua influência direta na sociedade não é um desafio fácil. Mas isto não quer dizer que seja uma tarefa impossível. A biblioteca é um instrumento de grande valor teórico-prático, mas precisa ser identificada em sua essência, tanto em seu caráter funcional, como institucional para se configurar efetivamente como útil a sociedade.

A biblioteca visualizada sob essa “essência” funcional e institucional, como instrumento que integra diversos suportes e ferramentas, torna ainda mais evidente a diversidade de contribuições para a coletividade, pois o valor é ainda mais potencializado pelo advento dos dispositivos tecnológicos digitais. Embora exista o caráter funcional e utilitário da biblioteca, observo a premência de compreender os saberes que orientam os mecanismos e as práticas no contexto das bibliotecas e transformações sociais neste início de século. Targino (2010) em seu artigo sobre a biblioteca do século XXI traz um questionamento acerca dos paradigmas, desafios e expectativas dessas instituições no contexto das mudanças sociais e econômicas. Conforme a autora, “as inovações tecnológicas são decisivas na mutabilidade dos paradigmas concernentes à biblioteca, em sua condição de instituição social”. A biblioteca tradicional priorizava as grandes coleções e os edifícios majestosos, na atualidade o valor social das bibliotecas está intimamente atrelado à dimensão fantástica de suas coleções, o leitor tem a seu dispor a informação demandada, ali na prateleira, mediante consulta aos catálogos ou, se a biblioteca é de livre acesso (TARGINO, 2010).

A autora ao abordar a “mutabilidade dos paradigmas e instituição biblioteca” traz algumas as enunciações dominantes que compõe a ordem cronológica-histórica, sociedade industrial/sociedade pós-industrial, nas modelizações que defendem que o “eixo da economia é a produção, distribuição e difusão da informação e do conhecimento, gerando novo setor [...]” (TARGINO, 2010). Conforme as afirmações de Targino (2010), a biblioteca é pensada como “indústria da informação e do conhecimento”, herança dos “novos paradigmas”, o que Lazzarato (2014, p.15) chama de “retórica da sociedade do conhecimento ou da informação”, composta pelas “subjetivações extravagantes (os trabalhadores cognitivos, os ‘manipuladores de símbolos’, os criativos trabalhadores e vencedores)”, uma nova economia centrada na produção do conhecimento e inovação. Targino (2010, p.47) expõe que esses novos paradigmas permitirá que:

[...] cada biblioteca, em qualquer lugar, possa se transformar em lugar apazível, atraente e dinâmico, recorrendo à evolução das tecnologias para oferecer às coletividades um mundo informacional multicolor através de programas de computador, da televisão e do rádio, e da própria internet, com suas potencialidades ímpares. Estas são as expectativas (meras expectativas) que podemos delinear para a biblioteca do século XXI, qualquer que seja a denominação dos novos paradigmas.

Embora essas expectativas possibilitem discutir as bibliotecas como territórios criativos, observo que incorporar esses discursos para “modernizar” as instituições culturais

para acompanhar a evolução da sociedade, pode revitalizar hierarquizações, estruturas de poder, pretensões de fundar um paradigma hegemônico para a produção de subjetividade, de modo a desenvolver uma concepção economicista. Pretendo trazer o paradigma estético não para sustentar terminologias, definições, modelizações de comando e regulação, mas para estabelecer uma rede conceitual de referências transversais na intenção de ampliar o debate acerca das bibliotecas como fluxos de afetos, sentidos e desejos.

Na literatura biblioteconômica, a biblioteca é caracterizada pelas suas funções social, educacional, cultural e informacional, configurando-se também como território criativo. A biblioteca como instituição social é pensada a partir dos fluxos e processos de democratização do conhecimento, materializados por serviços de informação e estratégias de mediação da informação. A biblioteca é uma das instituições mais antigas da humanidade, sua função social é legitimada através de suas ações em prol da preservação e democratização do saber, assim como o seu relevante papel de estímulo à leitura. Vieira (1983, p.25) apresentou uma base transdisciplinar para discutir o conceito de biblioteca, ao defender que a biblioteca deveria ser uma “agência de transformação social”, formada pela integração de três dimensões conceituais e vivenciais: espaço de representação, espaço de apresentação e espaço de criação. O espaço de criação parece ter sido negligenciado pela área ao incorporar as enunciações dominantes.

Saracevic (1996) concebe a biblioteca como uma instituição social, cultural e educacional indispensável, de valor comprovado muitas vezes ao longo da história humana e atravessa as fronteiras das diferentes culturas, civilizações, nações ou épocas, portanto, a biblioteca é considerada uma instituição que resiste a todas as transformações sociais (SARACEVIC, 1996, p.47). Verri (1995) comenta sobre a resistência das bibliotecas ao afirmar que a biblioteca insinua a capacidade heroica de manter viva a memória do passado, o presente e o futuro. Percebida através da história, a biblioteca organiza-se, permitindo, em essência, a reconstituição de sua presença na sociedade. Verri afirma que é do desejo de agir, registrar, lembrar e da necessidade de divulgar ou ampliar ideias e lutas que as bibliotecas se formam, se ordenam e se articulam para acumular, produzir, reproduzir e difundir o resultado da atividade criadora do homem. Ainda que, ao se contemplar o trabalho intelectual, esteja sendo favorecido também o produto material, uma vez que o suporte, a fixação da produção intelectual é sempre materialmente produzida. (VERRI, 1995, p. 29). Conforme a autora:

[...] pensa-se frequentemente na biblioteca como uma instituição que

cumprir determinados rituais, ideias, sentimentos, realizações sagradas ou profanas necessárias ou contingentes, que expressem e/ou representem o universo material ou simbólico do homem. Assim, a biblioteca está intimamente relacionada às esferas de produção, na estrutura política, na vida cotidiana e nas relações com as ciências e as artes (VERRI, 1995, p. 30).

A partir da visão da autora, essa expressão e representação do universo material e simbólico da humanidade no contexto das bibliotecas demonstra a indissociabilidade entre a realidade social, considerando as mutações na sociedade frente aos saberes artísticos, científicos e tecnológicos. A função social da biblioteca é criar um ambiente que favoreça as múltiplas expressões, produção e espaço de formação cognitiva e política, favorecendo novas relações fundamentadas no afeto, na colaboração, na escuta e, sobretudo na responsabilidade coletiva. Portanto, a biblioteca funciona como um organismo cultural da comunidade, já que permite reunir opiniões conflitantes, espaço e materiais de uso comum, necessários para a realização de ações de potencialização e apropriação de bens simbólicos.

Na visão de Milanesi (1998, p.93), “a biblioteca é um instrumento de leitura do cotidiano com os seus conflitos e problemas. Então, a biblioteca não pode ser algo distante da população, ela deve ser um local de encontro e discussão, um espaço onde é possível aproximar-se do conhecimento registrado e onde se discute criticamente esse conhecimento”.

Almeida Junior (1997), ao analisar as principais funções da biblioteca pública, revela, de acordo com a literatura, que existem quatro funções: educacional, cultural, recreativa e informacional. Historicamente a função educacional surge concomitante ao nascimento da biblioteca pública, em meados do século XIX. As funções cultural e recreativa juntam-se à anterior no início do século XX. No final dos anos 60 e início dos 70, aglutina-se a elas a função informacional. Conforme o autor, esta última é considerada como aquela que pode provocar mudanças e transformações profundas na atuação e no próprio perfil de biblioteca pública. A função educacional da biblioteca privilegia, por força da demanda proveniente da comunidade principalmente estudantil, a educação formal, transformando-se quase num adendo, num apêndice da escola.

Em uma discussão mais contemporânea, Almeida Junior (2009) faz uma relação mais estreita com a disseminação e a transferência da informação como base determinante do fazer do bibliotecário como profissional da informação e as implicações que incidem no conhecimento de outras linguagens presentes nas várias mídias informacionais. A função informacional cada vez mais é evidente devido às múltiplas ferramentas que permitem uma

leitura informacional, ou seja, a que está presente quando da apropriação, por parte dos sujeitos, da informação que resultará em alteração, em transformação de seu conhecimento – é vista como imprescindível na apropriação da informação e, portanto, constitui uma das principais atribuições dos atores envolvidos no processo, independentemente do equipamento informacional em que atua, dos suportes com os quais lida e das inúmeras linguagens que utiliza para disseminar informações, conclui o autor.

A função cultural da biblioteca conforme Almeida Junior, é geralmente interpretada a partir da definição de cultura como sinônimo de erudição e compreendida como uma função específica, nada mais é do que os trabalhos desenvolvidos pelas bibliotecas no âmbito da educação continuada, organização de exposições, promoção de debates, palestras, círculos de estudos, oficina de arte, a realização de dramatizações, hora do conto, a viabilização dentro do espaço da biblioteca, de peças teatrais, concertos etc. Todas essas atividades possuem como objetivo final, a leitura, o desenvolvimento do hábito de leitura. Na leitura está centrada a razão de ser da biblioteca. Qualquer trabalho desenvolvido deve, de uma ou outra forma, levar o usuário ou o participante dos eventos realizados para a leitura (ALMEIDA JUNIOR, 1997, p.130).

Araújo e Oliveira (2005, p.37-38), segundo a finalidade, as bibliotecas se dividem em “nacionais, públicas, universitárias, especializadas, escolares, especiais, biblioteca ambulante ou carro-biblioteca ou bibliobus e popular ou comunitária”. A biblioteca como organização pressupõe três grandes funções: função gerencial, função organizadora e função divulgação. (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2005, p.38). Embora a literatura especializada propõe classificações e rótulos funcionais, administrativos, obviamente, a biblioteca por motivos operacionais, necessita dessa delimitação, mas como bem coloca Almeida Junior, a delimitação do espaço que cada uma das funções que a biblioteca abrange é praticamente impossível de ser determinada, pois as funções coexistem interligadas, apesar da dificuldade e quase impossibilidade, de separar e isolar cada uma delas, a função informacional pressupõe a priorização do conteúdo sobre o suporte. O livro, apenas enquanto suporte, perde sua condição de centro das atenções das bibliotecas. A informação passa a ocupar nesse espaço, independente do suporte que a contém (ALMEIDA JUNIOR, 1997, p.128). Ao centralizar seus trabalhos sobre o suporte livro e considerando-o como único, mais adequado e mais importante veículo transmissor de cultura, a biblioteca restringe se público à parcela de alfabetizados da população. Os analfabetos e semi-analfabetos são esquecidos, já que os

trabalhos desenvolvidos pelas bibliotecas públicas exigem, para seu uso, a alfabetização como requisitos básicos (ALMEIDA JUNIOR, 1997, p.129).

Silveira e Reis (2011) defendem que as bibliotecas públicas são “lugares de práticas culturais” porque nos ajudam a elaborar diversos cenários sociais, políticos e culturais onde nossas vidas se desenvolvem, fazendo frutificar os saberes e contribuindo para a preservação e difusão do patrimônio material e intelectual humano. Colaborar para a difusão e visibilidade da ampla gama das manifestações culturais humanas, sem se levar em consideração critérios ligados à etnia, crença religiosa, condição financeira, questões sexuais ou políticas, propiciando a qualquer usuário amplo acesso aos vários signos preservados em seus acervos, tendo-se em vista contribuir para a consolidação e disseminação do conhecimento. Os autores colocam que as bibliotecas não devem apenas possuir uma estrutura rígida de coleta e organização de materiais informacionais, mas também, de atividades lúdicas e recreativas que promovam o surgimento de uma atmosfera propícia ao exercício da imaginação e da criatividade. Além de contribuir para o reforço e equalização das práticas educativas, não como substituta da escola, mas como esfera que comporta grandes potencialidades pedagógicas. Os autores caracterizam essas potencialidades como um lugar para a potencialização das práticas culturais. (SILVEIRA; REIS, 2011).

A biblioteca como potência criativa, como um lugar cultural não delimitado por paredes e funções, é um espaço favorável para atividades de semiotização, agenciadas pelos avanços tecnológicos e pós-midiáticos, teorizações que se articulem com os processos contemporâneos da vida conectada em um cenário de convergência de linguagens, mídias e suportes. Conforme Almeida Junior (1999), a função recreacional, ou de lazer, também identifica o livro como seu objetivo maior. O lazer pode ser usufruído de outras formas que não exclusivamente através do livro ou da palavra escrita. O autor coloca que o lazer pode ser usufruído através de diversos veículos que podem se transformar em fontes de lazer, fontes de prazer. O mesmo é possível ser afirmado quanto à conversa, ao bate-papo, aos jogos, infantis ou não etc. Aqui, é impossível precisar e destacar um dos veículos como o melhor, o mais adequado. A vontade, o desejo, o gosto individual, prevalecem sobre conceitos e valores presentes na defesa de um veículo específico. Quem determina, em última instância e de forma definitiva, o melhor veículo ou aquele com o qual possui uma afinidade e um interesse maior, é o usuário (ALMEIDA JUNIOR, 1999, p.130).

Ao afirmar que a biblioteca pode funcionar como fonte de lazer, fonte de prazer e desenvolve trabalhos culturais, Almeida Junior evidencia a biblioteca como um espaço de integração de linguagens e expressões, todavia, sua dinâmica de atendimento às demandas informacionais da comunidade ainda está centrada na leitura de livros como suporte primordial. Sobre a função recreacional e de lazer da biblioteca, Almeida Junior (1997, p.132) coloca que quando estas funções estão presentes nas bibliotecas públicas, as atividades restringem-se ao livro e leitura e exigem um requisito prévio: a alfabetização. “Apenas pode adquirir o hábito de leitura, aquele que foi iniciado nos caminhos da escrita”, enfatiza o autor.

Essa restrição comentada por Almeida Junior é centrada na própria reprodução da cultura dominante oriunda da subjetividade capitalística. De acordo com Sencenko (2006), a consolidação do capitalismo, base da cultura de raiz europeia, centrou-se na imprensa a partir de Guttenberg caracterizando-a como agenciadora de conhecimentos que possibilitou a evolução tecnológica. A imprensa deu ao Ocidente o poder de domínio em escala global e isso criou um preconceito de origem contra quem, como pessoa, comunidade ou cultura, não de organiza pela palavra escrita, mas pela comunicação oral, aqueles que por essa razão, são classificados de ignorantes e primitivos, conotações sempre negativas e excludentes (SENCENKO, p. 2006).

O modelo de biblioteca centrado apenas nessa valorização da palavra escrita reproduz toda essa conotação negativa e excludente ao dar ênfase ao livro e a leitura, a biblioteca segrega grupos que possuem a oralidade como principal ferramenta de transmissão de saberes e fazeres. Comunidades tradicionais, por exemplo, quando são providas de projetos e iniciativas, não possuem um acervo que permita as mais variadas formas de semiotização. Podemos perceber, portanto, uma necessidade de pensar um projeto de biblioteca que atente para as formas de subjetivação e os processos de produção de sentidos operados por diversos dispositivos informacionais. Milanesi (1992, p.99-100) afirma que “[...] o espaço para ver/ouvir é o que mais se amplia em função de novos aperfeiçoamentos tecnológicos.” A oralidade, a escuta como acontecimento nos remete a uma biblioteca convergente, Milanesi acrescenta ainda que ouvir é outra possibilidade que se abre na biblioteca nova, ao defender que a Música é a expressão que ocorre com maior frequência numa fonoteca, mas existem registros históricos de discursos, cerimônias, depoimentos de importância tal que se justifica incluí-los num acervo de biblioteca, provendo-as de condições para a audição, bem como facilitando o empréstimo de material ao público (MILANESI, 1992, p.99-100).

Almeida Junior (1997) coloca que a função informacional permite à biblioteca, diferenciar-se de outros equipamentos culturais. E é exatamente ela, a informação, que sustenta e dá suporte a ideia da biblioteca trabalhar com vários tipos de materiais. O importante passa ser a disseminação da informação, alcançada independentemente do suporte utilizado. Vídeos, filmes, fotos, slides, gravuras, discos, compõem os materiais sobre os quais a biblioteca deve ter interesse. “A biblioteca como um espaço de informação acompanhou a evolução tecnológica, abrindo espaço para essas novas possibilidades de conhecer, estabelecendo novas formas de organização, permitindo ao público acesso livre à informação.” (MILANESI, p.98, 1992).

A informação registrada, principalmente a informação escrita, é usual nas bibliotecas. Em anos mais recentes, delineou-se uma nova possibilidade: a informação ao vivo. Ou seja, a palestra, o recital, a encenação etc. Surgem nas grandes cidades os centros culturais que englobam em espaços amplos as mais variadas possibilidades de manifestações do pensamento humano. No Brasil os reflexos aparecem em alguns centros culturais, ainda restritos. Por certo, a biblioteca é a instituição mais próxima dessa proposta que envolve os múltiplos meios. Para os municípios brasileiros, ela é a única possibilidade de se concretizar a ideia de centro de cultura, uma vez que já conta com uma certa infraestrutura, ainda que miserável e com a tradição cultural. (MILANESI, 1993, p.99-100).

Para Milanese, o esforço deverá ser no sentido de incrementar a biblioteca, transformando-a efetivamente num centro onde não apenas se tem acesso à produção cultural da humanidade, mas onde também se produz cultura. Assim, haveria vários espaços na biblioteca, sendo o espaço da leitura e da escrita ainda fundamental em vista de ser essa forma de expressão aquela que faz fluir as informações em maior quantidade. Assim, a biblioteca reservaria para livros, revistas e jornais, sempre escolhidos a partir das necessidades locais que a própria coletividade aponta, uma área de livre acesso às obras e disporia de condições de ler e escrever. Esse é o espaço tradicional da biblioteca e que existe alimentado mais pelas exigências formais da escola pública e menos pela necessidade de lazer ou aproximação espontânea do conhecimento registrado (MILANESI, 1993, p.99-100).

Percebemos que as teorizações propostas pelos autores representa a ruptura de uma concepção unilateral do acesso ao conhecimento, já que precisamos encarar a biblioteca não apenas como espaço educacional, mas também como um ambiente recreacional e cultural que integre múltiplas expressões simbólicas e práticas sociais. Essa multiplicidade de funções e diversidade de trabalhos, evidencia a necessidade latente de uma biblioteca que converge suportes, modelos, práticas e sujeitos. O projeto de biblioteca que Milanese apresenta reside

em uma extensão do espaço de convivência e criação, pois na medida em que a biblioteca assume a função de casa da cultura, que mantém uma infraestrutura que permite o exercício de uma série de atividades no campo das artes, torna-se claro que a biblioteca abrigue também o fazer. Isso significa uma transformação radical, uma vez que ela sempre se caracterizou como a instituição que organiza a informação colocando-a à disposição do público. Agora o que se propõe é a transformação da biblioteca em um espaço também do fazer criativo (MILANESI, 1993, p.103).

Nessa mesma perspectiva, Gerolami, encara a biblioteca como uma instituição criativa. De acordo com a autora, se entendermos a biblioteca como um conjunto, não é possível estabelecer a autonomia da biblioteca a partir de esferas políticas e econômicas. Para a autora, a liberdade não é uma questão de autonomia de forças externas, mas sim sobre a criação de novas conexões, assim, não é necessário reproduzir o ambiente político e econômico atual e tampouco a biblioteca precisa continuar a lutar pela independência. O ponto é fazer com que novas conexões sejam possíveis. Com base na teoria das instituições de Deleuze, Gerolami (2015) formula que a biblioteca não deve ser compreendida como uma instituição que reprime baixos instintos naturais, não é apenas uma ferramenta de repressão. Em vez disso, a biblioteca é melhor entendida como um espaço produtivo onde os sujeitos são produzidos. Esta teoria explica como a biblioteca é um espaço entre muitos em que os sujeitos podem ser produzidos para o capital mas também há outras possibilidades. Se a biblioteca é uma instituição criativa em vez de força repressiva, é possível pensar em sua potencialidade para produzir novas redes sociais (GEROLAMI, 2015).

Desta forma, muitas bibliotecas estão encontrando maneiras de compartilhar conteúdos criados pela comunidade, tais como escrita, música e arte, um exemplo de boas práticas é o “Projeto Biblioteca como Incubadora” proposta por Damon-Moore e Erinn P. Batykefer (2014) que busca esforços para apoiar artistas locais e também criar coleções exclusivas, muitas delas publicadas em meio digital. A proposta de biblioteca como incubadora e das iniciativas de levar Artes para biblioteca em Smallwood (2014) possibilitam o transporte a um contexto onde o saber se constrói e reconstrói a partir de suas relações que transpõem na forma de aprender e agir.

Biblioteca do Artista proposta por Batykefer e Damon-Moore (2014), baseada na ideia de que um artista é qualquer pessoa que utilize ferramentas criativas para fazer coisas novas, espaço para a arte e engajamento cultural. As autoras destacam estudos de caso de

confeção de livros artesanais, galerias em bibliotecas e documentário produzido pela comunidade. Carol Smallwood (2014) registra experiências de utilização das instalações de uma biblioteca para levar artes a diversas comunidades. Smallwood mapeou exemplos de programas implementados por uma variedade de diferentes tipos de bibliotecas que trabalham com programas de poesia em bibliotecas públicas, reconhecimento de autores locais, escrita criativa em escolas de ensino médio e apresentações multiculturais em bibliotecas universitárias e iniciativas para combater o analfabetismo através das artes. A *Biblioteca do Peabody Institute* (2014) demonstra como desenvolver inspirações para as bibliotecas centradas na comunidade através de um laboratório de criação baseado no conceito de *hacklab*², onde são desenvolvidas atividades de criação de objetos a partir de oficinas. O projeto concebe as bibliotecas públicas como espaços físicos para a imaginação humana “materializada fisicamente em livros, mas também nas coisas que construímos e fazemos. As mídias que as pessoas produzem. As engenhocas que são inventadas. As músicas que são compostas. A arte que fazemos”. O projeto mantém um espaço virtual chamado de Biblioteca de Coisas, onde são publicadas imagens das obras materializadas por impressoras 3D.

Riedler e Eryaman (2010) contrapõe a noção tradicional de biblioteca como instituição de acesso, de descoberta, consulta e difusão de conhecimento fixo, autoritário, como disciplina obrigatória e construída para acesso individual. Riedler e Eryaman (2010) exploram uma visão alternativa que difere das tendências positivistas de bibliotecas, ao proporem uma visão de base comunitária, bibliotecas transformativas como instituições de formação que não se limitam a proporcionar oportunidades para descoberta e de consulta, mas criar também oportunidades para a capacitação e transformação da comunidade. A proposição de uma pedagogia da biblioteca a partir do pensamento de Paulo Freire e ação comunicativa articulada pela teoria crítica e comunidades baseadas na aprendizagem para tecer uma perspectiva dialógica da biblioteca. Os autores trazem novas concepções sobre a biblioteca como repositório de informação e bibliotecários como curadores desses recursos e formulando um quadro crítico baseado em conceitos como diálogo, a práxis, e conscientização para identificar as características de uma biblioteca transformadora e de base comunitária.

Edwards; Robinson e Unger (2013) apresentam uma concepção de bibliotecas centradas na comunidade e demonstram em sua obra inspirações para criação de bibliotecas

2 *Hacklabs* funcionam como laboratórios de experimentação tecnológica. No Brasil, destacamos a Rede MetaReciclagem (rede.metareciclagem.org), que desenvolve ações descentralizadas de apropriação tecnológica em diversas localidades.

centradas na comunidade através de estudos de caso sobre como alocar os recursos, ações políticas de sustentabilidade e as artes. O trabalho das autoras demonstra como as bibliotecas públicas podem posicionar-se como “[...] centros de ativos e vibrantes da vida da comunidade no século XXI.” Com base em exemplos da vida real, as autoras demonstram através de estudos de caso como bibliotecas de todos os tamanhos, dados demográficos e orçamentos nos Estados Unidos podem e trabalham para tornar-se centradas na comunidade. Demonstram projetos realizados, partilha de dicas, truques, inspiração, o que fazer e o que não fazer, representando desta forma uma literatura de grande valia para incentivar e permitir que qualquer biblioteca tornar-se mais centradas na comunidade.

A partir desta perspectiva percebemos a necessidade de uma agenda que fortaleça a discussão sobre as múltiplas funções da biblioteca de uma forma que agencie os aspectos sociais, tecnocientíficos, estéticos e informacionais. Acreditamos que esses ecossistemas permitirão transver os referenciais de uma área marcada pelo pensamento dominante que tem em seu bojo, um discurso voltado a organização de conteúdos e sua função informacional na atualidade está muito centrada no acesso a formatos digitais e interesses em gestão de ambientes e ferramentas computacionais.

Cardoso (2015), discute algumas perspectivas ao trazer para o debate a questão da oralidade, a cultura imaterial e fluxos simbólicos, questão da diversidade étnica e racial para discutir ações de medição da informação em bibliotecas. Esse fundamentos permitem trabalhar a incidência em políticas públicas de informação, articulada ao direito à comunicação, cultura, educação e moradia, escolas, articulações para o planos estaduais e municipais do livro e da leitura, bibliotecas nos bairros, iniciativas comunitárias, escolares, laboratórios, bibliotecas e outros espaços culturais como arquivos, museus e centros de cultura, informação e documentação. Paletta, Vasconcelos, Gonçalves (2015), abordam a importância das cidades para o desenvolvimento econômico e social e trazem para o debate da biblioteconomia a questão das cidades. De acordo com Paletta, Vasconcelos, Gonçalves (2015):

As bibliotecas podem prover aspectos decisivos para que as cidades se tornem em cidades mais inteligentes. O acesso efetivo a informações estratégicas coletadas, organizadas e disseminadas pela biblioteca, pode colaborar nesse processo. Além disso, a biblioteca é um aparelho cultural que pode colaborar em *clusters* criativos. As bibliotecas podem ser mediadoras de alguns processos importantes para se planejar essas cidades, como colaborar ao criar elos entre a sociedade civil, a iniciativa privada e a gestão pública, que podem construir meios para um planejamento e

gerenciamento estratégico mais eficaz para uma cidade mais inteligente.

Paletta, Vasconcelos, Gonçalves (2015) afirmam ainda que é necessária a implementação de uma rede integrada de bibliotecas para trabalho mais colaborativo entre todos os tipos de biblioteca. Nesse sentido, para os autores, o papel da biblioteca também pode ser direcionado na questão de disseminar informações estratégicas para que pesquisadores, gestores e pessoas interessadas em projetos, que tratem sobre mobilidade, meio ambiente, dentre outros aspectos cruciais para a cidade, acessem informação relevante sobre tais aspectos e tragam para debate a todos os atores interessados.

Os exemplos mencionados ilustram como as intervenções nos espaços das bibliotecas são iniciativas que permitem reforçar uma visão de biblioteca articulada por práticas criativas e inventivas. A partir desses exemplos, podemos perceber as discussões que trazem uma biblioteca operada por ações que efetuam experimentações éticas e estéticas, colocando os modos de semiotização como forças intensivas que modulam acontecimentos. Mas como as tecnologias são agenciadas nesses processos?

Percebemos a necessidade de rupturas com a visão da tecnologia como instrumento de apoio ao processamento técnico e não reproduzir o discurso gerencial trabalhado pela relação eficiência/eficácia e demais abordagens oriundas das modelizações de mercado. As redes digitais e dispositivos tecnológicos traduzem as forças criativas e inventivas, conectam modos de existir e práticas informacionais que fazem uma biblioteca vibrátil, alimentada pelos planos heterogêneos que compõe as ações culturais mediadas pelas tecnologias e processos de subjetivação coletiva. Os sistemas técnicos, tecnológicos, científicos, éticos e estéticos que configuram esse plano comum, necessitam de novos suportes teóricos para problematização das práticas informacionais que envolvem a apropriação das redes comunicacionais, das máquinas eletrônicas e digitais em instituições como a biblioteca.

3 TECNOLOGIA COMO CAMPO PROBLEMÁTICO

É um espectro contínuo que liga a estética à técnica. Um simples parafuso cadmiado apresenta irisações e nuances que fazem pensar nas cores das objetivas fluorescentes: cores de peito de pomba, espelhamento colorido. Existe estética contemplável no cabeamento de um radar. Nenhum objeto deixa indiferente a necessidade estética. Talvez não seja verdade que todo objeto técnico tem, sob um certo aspecto, um teor estético (SIMONDON, 1998, p.259).

A referência ao filósofo Simondon nos auxilia ampliar as percepções acerca da técnica na contemporaneidade a partir das relações entre a cultura, a realidade humana e a máquina, permitindo discutir a informação e suas interfaces com as redes e tecnologias. A tecnologia como problemática filosófica é considerada um plano de discussões emergentes dada as reconfigurações da técnica na era pós-industrial e pós-midiática. Diversos filósofos têm se dedicado a temática a ponto de desenvolver uma disciplina chamada “Filosofia da Tecnologia, tão recente quanto a Filosofia da Ciência” (CUPANI, 2004). Este campo busca então estudar as questões éticas, estéticas, epistemológicas e políticas, assim, a questão da técnica passa a ser uma preocupação filosófica, trazendo perspectivas teóricas para problematizar as tecnologias e redes digitais.

A obra “Filosofia da Tecnologia: um convite” de Alberto Cupani (2013) apresenta alguns enfoques da tecnologia com base em significativas correntes filosóficas, abordagens determinísticas, operacionais, organizacionais e crítica à racionalidade instrumental sendo uma obra de grande relevância para as discussões contemporâneas e para a fundação da disciplina Filosofia da Tecnologia e estudos correlatos. Em seu livro Cupani apresenta autores clássicos como Martin Heidegger e seu enfoque ontológico, metafísico e crítica à visão antropológica e instrumental da técnica. Ortega y Gasset, com a reforma humana imposta a natureza e satisfação das necessidades, Gilbert Simondon e a falta de compreensão do mundo tecnológico e necessidade de filosofar sobre a técnica.

O texto de Cupani (2013) apresenta ainda o enfoque analítico de Mario Bunge, que tratou da tecnologia o estudo científico do artificial relativo ao desenho de artefatos, operação, ajuste, manutenção e monitoramento, controle e transformação da natureza pelo homem. A abordagem fenomenológica de Albert Borgmann que designa um modo de vida próprio da Modernidade, um modo tipicamente moderno de o homem lidar com o mundo, um “paradigma” ou “padrão” característico e limitador da existência, intrínseco à vida cotidiana. A teoria crítica da tecnologia por Andrew Feenberg que traça caminhos de fuga das relações

de poder e problematizações acerca da razão tecnocientífica influenciado pela Escola de Frankfurt. Cupani traz o estudo de Jacques Ellul e a noção de máquina como discussões estabeleceram algumas posições sobre os modos de produção centrados na ideologia da tecnociência. (CUPANI, 2013).

Outra fonte relevante para os estudos da tecnologia é “O Conceito de Tecnologia” de Álvaro Vieira Pinto (2005). Conforme Pinto, o termo “técnica” é advindo do grego *techne* (arte), já o termo “tecnologia” é a junção dos termos gregos, *techne* + *logos* (tratado). Seu equivalente em latim mais próximo é *ars* ou *artis*, ambos significando “arte”, ou ainda, a habilidade adquirida a partir de um estudo ou prática. Segundo Pinto (2005), existem diversas acepções para o termo. O primeiro sentido diz respeito à “arte” designando a “teoria, a ciência, o estudo, a discussão da técnica, abrangidas nesta última noção as artes, as habilidades do fazer, as profissões [...]”. O segundo significado do termo remete à simples técnica, sinônimo do saber fazer. A terceira significação equivale à união de todas as técnicas de que dispõe uma determinada sociedade, em qualquer fase histórica de seu desenvolvimento. A última compreensão está associada à “ideologia das técnicas”. Este último sentido, mais amplo e menos ingênuo, deriva da soma dos termos *techne* (arte) + *logos* (palavra, fala, razão) e remete ao que seria uma ideologia que há por trás das técnicas. (PINTO, 2005, p. 219).

Silva (2013, p.7) ressalta que a origem do termo “técnica” está vinculada ao “pensamento da Grécia Antiga a partir do termo *téchne*, que apresenta basicamente o mesmo significado de arte (na Grécia Antiga, técnica e arte apresentavam o mesmo significado, que foi sendo separado no decorrer da história, especialmente a partir da Idade Moderna)”. Conforme o autor, diante de um processo de construção histórica e filosófica houve uma separação do significado de técnica e arte, todavia, é muito comum ainda na contemporaneidade observar uma relação conceitual entre os dois termos. (SILVA, 2013, p.7) Na sociedade contemporânea, a tecnologia computacional e a linguagem eletrônica trouxe novas experimentações no campo das artes, uma estética baseada na arte digital, novas mídias e interfaces interativas que reaproximaram os conceitos técnica, tecnologia e arte. Inclui nesta tríade, a noção de máquina como conceito para discutir os acoplamentos, relações e agenciamentos tecnológicos na contemporaneidade.

Nessa linha de pensamento, a heterogênesse, os agenciamentos maquínicos, objetos técnicos e processos de subjetivação na sociedade (GUATTARI, 1992; DELEUZE E

GUATTARI, 1995; LAZARATTO, 2014) são pistas para criação de uma rede conceitual de enunciações que possibilitam compreender as tecnologias de difusão baseadas no espectro aberto, dispositivos para discutir as experimentações com as tecnologias livres e abertas.

Noções como “tecnicidade” em Simondon (2008) maximizam as inquietações filosóficas e mobilizam outras paisagens conceituais e problematizações que consideram as diferentes articulações sobre a máquina e o objeto técnico. Esta posição relevante em um campo relativamente novo e sedento de estudos e intervenções, embora este quadro venha se transformando nos últimos anos com a massiva inserção da tecnologia digital na cultura contemporânea. Tecnicidade para Simondon é o modo específico como os elementos são compostos e como expressam suas qualidades a partir do uso de certa tecnologia. Cupani comenta que para Simondon (2013, p. 59), “o essencial da técnica, a ‘tecnicidade’, diz respeito aos esquemas específicos de ações que o homem materializa nos objetos técnicos de ação que o homem materializa nos objetos e conjuntos técnicos”.

Ao discutir os conceitos de Simondon no âmbito do NESTA pude verificar alguns fundamentos para fundamentar uma outra leitura acerca das máquinas no contexto das bibliotecas, especialmente no que se refere aos *softwares* livres com “máquinas abertas”. Para Simondon, “a máquina dotada de alta tecnicidade é uma máquina aberta, e o conjunto das máquinas abertas supõe o homem como organizador permanente, como intérprete vivo das máquinas umas com relação às outras”. O conceito “meios associados” formulado por Simondon também funciona como um dispositivo de grande valia para problematizar as atividades de “mediação da informação” desenvolvidas em muitas bibliotecas, “quais sejam: animação cultural, ação cultural e apropriação cultural” (RASTELI; CALDAS, 2015).

Nas Ciências Sociais, a questão da técnica e tecnologia pode ser percebida como uma problemática antropológica, sociológica e política pelas abordagens que discutem a mutações do capitalismo na reinvenção das forças produtivas e simbólicas. Estas discussões tratam de alguns fenômenos contemporâneos como as redes sociotécnicas e aspectos da cultura livre que envolvem as comunidades virtuais e as mudanças nos negócios de uma economia em Rede, são aspectos de base imaterial das forças produtivas do trabalho contemporâneo dependente das tecnologias digitais e redes de comunicação. Essas discussões fornecem dispositivos de leitura e análise das reconfigurações das forças coletivas da sociedade atual para questionar a tecnologia informação e comunicação.

O diálogo entre vários campos do saber como conduta teórica e política de investigação processual sobre o paradigma vigente se mantém na composição de um plano comum que transver os modos de apropriação tecnológica em uma sociedade marcada pela conectividade digital. Assim, após revisar alguns conceitos, optamos pela abordagem heterogenética de Deleuze e Guattari, pois acreditamos que nos indica caminhos bifurcados que possuem pistas para transitar livremente entre os territórios do saber, do sentir e do agir, potência que impede isolamentos que fazem emergir a disciplinarização, a instrumentalização e o automatismo da técnica, da tecnologia e das máquinas que produzem a servidão e assujeitamento. Nesse atravessamento polifônico, os objetos, as técnicas, as tecnologias, as máquinas emitem timbres que se modularizam e se agregam e trazem inúmeras possibilidades para estudos que envolvem a questão da tecnologia.

Não pretendo exaustivamente trabalhar conceitos, mas apenas revisá-los para efetuar a composição de dispositivos teóricos para dialogar com as algumas correntes filosóficas que levam em consideração as codificações técnicas dos modos de existência humana. A heterogeneidade das discussões acerca da técnica e toda a complexidade que envolve o fazer humano, intervenção/reinvenção de modos de ser, é terreno fértil para uma pragmática que considera as agregações das tecnologias computacionais e redes de comunicação. Assim, defendo que para discutir o fenômeno das tecnologias digitais na contemporaneidade é interessante realizarmos uma aproximação da crítica filosófica da técnica e da tecnociência, cuja análise crítica se dar através da articulação de elementos essenciais dos mecanismos que regem o funcionamento de uma sociedade cada vez mais digitalizada e enredada. Acredito que as expostas correntes filosóficas podem disparar o debate e articulações com o ensino de tecnologias de informação e comunicação no campo da biblioteconomia.

Essa articulação se faz necessária na medida a tecnologia da informação enquanto disciplina relativamente recente no ensino de biblioteconomia, ainda é visualizada como *modus operandi* da biblioteca, ou seja, como recurso tecnológico necessário para manipulação, preservação, geração e difusão de informação. Esse reducionismo oriundo da racionalidade instrumental é reverberado nas práticas discursivas dos profissionais e estudiosos da área, basta verificarmos as enunciações que reificam as tecnologias através de conceitos como Automação de Bibliotecas, Recuperação da Informação, Mídias Sociais em Bibliotecas, dentre outros. A inserção das tecnologias nas bibliotecas e suas apropriações tanto

pela equipe de trabalho e quando pelos leitores-usuários é discutida geralmente a partir de abordagens homogeneizantes que recaem na retórica do automatismo, da autonomização, da unicidade e da instrumentalização.

Em bancas de examinação e de orientação de monografias de conclusão de curso de graduação em biblioteconomia temos dificuldades para indicar textos que possibilitem um olhar mais crítico sobre a tecnologia. Como a maioria das pesquisas desenvolvidas pelos discentes possuem relações com as práticas pedagógicas e investigativas docentes, percebemos constantemente a dificuldade de buscar referenciais não tecnicistas para debater as tecnologias e redes digitais nas bibliotecas. As incipiências de estudos que tratem de saber-fazer mais transversal, relacionados as questões éticos-políticas é mais um fator que demonstra a relevância de investigações sobre os processos de agenciamentos que compõe a tecnologia distante das reduções universalistas significantes e da racionalidade científica. As interfaces máqunicas são heterogênicas que hibridizam subjetividades, “individuação técnica, que mistura humano com não-humano, na época contemporânea, nos seus agenciamentos concretos. Um trabalho semelhante ao de um cartógrafo que desenha as linhas e forças, que atravessam os processos de agenciamento.” (NEVES, 2011).

Simondon, Deleuze e Guattari fornecem linhas que atravessam as forças ideologizantes, as significações dicotômicas, as prisões da identidade e da noção de indivíduo articulado pela “sujeição social e servidão máqunica” (GUATTARI, 1992; LAZZARATO, 2014), proposições conceituais que negam as retóricas tecnicistas, tecnocráticas e tecnofóbicas. Lazzarato (2014) [...] afirma que a servidão máqunica opera no sentido oposto, desmontando o sujeito individual e suas representações, com caráter pré-individual e supraindividual. Corresponde a um processo de subjetivação no qual o indivíduo passa a ser uma engrenagem, um componente de um sistema. Nesse contexto, não há espaço para o dualismo sujeito/objeto ou natureza/cultura. Tanto homem quanto máquina constituem engrenagens intercambiáveis de uma estrutura produtiva, que se agenciam mutuamente”.

Pensar em uma máquina aberta que modula a subjetividade humana como invenção de novas dinâmicas existenciais, são perspectivas teóricas para problematizar a questão da tecnologia em processos de intervenção, já que ensinar tecnologia da informação em bibliotecas é compreender os aspectos teóricos que engendram toda a complexidade dos modos de saber e fazer criativo/inventivo. A tecnologia como potência ética, estética e micropolítica pode ser um dispositivo de resistência aos processos de homogeneização do

pensamento contemporâneo que condiciona a subjetividade humana a uma engrenagem da máquina de poder e servidão. Como demonstra Simondon quando sustenta que

a mais forte causa de alienação no mundo contemporâneo reside nesse desconhecimento da máquina, que não é uma alienação causada pela máquina, mas pelo não-conhecimento de sua natureza e de sua essência, pela sua ausência do mundo das significações e por sua omissão no quadro dos valores e conceitos que participam da cultura. (SIMONDON 2008, p.9-10).

Com base nessas proposições conceituais, apresento na seção 3.1 algumas enunciações que permitem compreender as aplicações das máquinas computacionais no âmbito das bibliotecas, e trago algumas questões referentes ao determinismo tecnológico representado pela Automação de Bibliotecas e outras disciplinas que envolvem a tecnologia no campo biblioteconômico.

3.1 Tecnologias em bibliotecas: múltiplas enunciações?

As Bibliotecas estão passando mudanças significativas em termos diversificação de serviços, suportes, experiências e atividades. Estas instituições estão se tornando espaços de convivência, de trabalho colaborativo e participativo através da integração de sujeitos, objetos e práticas. No entanto, ainda percebemos forças que enrijecem os modos de conceber as tecnologias como algo uniforme e distante da cultura. Após problematizar a questão da técnica e tecnologia, percebo que discorrer sobre as redes de comunicação e dispositivos computacionais no âmbito das bibliotecas, convém mencionar alguns pontos sobre as disciplinas que se sustentam como campo de estudo, a incorporação de dispositivos tecnológicos na organização e dinamização de espaços de informação.

A literatura biblioteconômica geralmente enfatiza os aspectos gerenciais e operacionais das tecnologias computacionais, desde a década de 60 até os dias atuais, a maioria dos textos abordam os componentes necessários para inserir a informática nas bibliotecas, ou seja, *softwares* e *hardwares* para gestão de recursos informacionais e comunicação via rede. Em meados dos anos 60, deu-se início a inserção dos computadores nas bibliotecas destinados a automação das rotinas de catalogação e posteriormente a circulação (empréstimos, reservas e renovação) de materiais bibliográficos.

Das e Chatterjee (2015) colocam que a palavra “automação” é derivada da forma grega da palavra “*automose*” significa algo, que tem o poder de movimento espontâneo ou

auto-movimento. Conforme os autores, o termo “automatização” foi introduzido pela primeira vez por D.S. Header em 1936. O termo automação foi usado para significar a manipulação automática de peças entre os processos de produção progressivas. Já a automatização é a tecnologia de funcionamento automático, em que o método de tratamento, o processo de criação e de material profissional são integrados. Este é o esforço para alcançar uma cadeia automática e autorregulação dos processos. Conforme o dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia de Cunha e Cavalcanti (2008):

automação *automation* ENG INF 1. Método de comando automático. 2. Método que analisa, organiza ou dirige os meios de produção, visando a utilização máxima de todos os recursos produtivos, mecânicos, materiais e humanos. 3. Sistema de produção no qual o trabalho em processo é transferido de uma operação para outra sem intervenção humana.

automatização *automatization* ADM eng inf 1. Introdução, numa máquina, de um método ou sistema que lhe permita ser autocontrolável e autocomandável sem a intervenção humana. 2. Transformação de um método, de um processo ou de uma instalação com o objetivo de torná-los automáticos. Automação, mecanização.

A automação é um campo que abrange o uso das máquinas em determinados processos industriais e comerciais, já a automatização seria um processo autônomo por parte das máquinas. A automação na sociedade moderna é a principal ferramenta para agilidade no processamento, controle, precisão de rotinas operacionais. Instituições e organizações devem investir em máquinas para serem produtivas e assim atingirem suas metas, essa é a máxima do discurso tecnocrático. Para Simondon (2008, p. 11), “o automatismo é um grau bastante baixo de perfeição técnica. Para tornar uma máquina automática, é preciso sacrificar várias possibilidades de funcionamento, vários usos possíveis”.

O automatismo – e sua utilização sob a forma de organização industrial que chamamos de automação – possui uma significação econômica ou social mais do que uma significação técnica. O verdadeiro aperfeiçoamento das máquinas, aquele que, poderíamos dizer, eleva o grau de tecnicidade, corresponde não a um aumento do automatismo mas, ao contrário, ao fato de o funcionamento de uma máquina guardar uma certa margem de indeterminação. (SIMONDON, 2008, p. 11).

Conforme Simondon, as noções vinculadas a automação e autonomização trazem condições socialmente determinadas, funcionamento definido pela lógica industrial, não permite “à máquina ser sensível a uma informação exterior”, ou seja, as máquinas não permitem outros fins, o que o autor denomina de “desvio de função”, uma ruptura com o valor

de uso, uma customização, adaptação, reconfiguração e quebra com as dicotomias fins/meios. Simondon comenta que é por essa “sensibilidade das máquinas à informação que um conjunto técnico pode se realizar, muito mais do que por um aumento do automatismo”, o autor enfatiza que “uma máquina puramente automática, completamente fechada sobre si mesma num funcionamento pré-determinado, não poderia oferecer mais que resultados sumários”. Esses conceitos são caros para a biblioteconomia, que trata de sistemas automatizados para organização, recuperação e filtragem da informação a partir de um determinismo controlado pelo mercado de TI e pelas abordagens tecnicistas da Automação de Bibliotecas. Segundo, Cunha e Cavalcanti (2008), a automação de biblioteca e automação de serviços de biblioteca (*automation of library services, library automation*) é:

[...] utilização da informática visando modernizar e aperfeiçoar a rotina, produtos e serviços de uma biblioteca. programas de automação de biblioteca, sistema integrado de automação de biblioteca. a. integrada de bibliotecas *library automation systems integration* BIB INF automação de bibliotecas num único sistema com integração das atividades relacionadas com aquisição, processamento técnico, empréstimo e referência. automação de bibliotecas.

Lam (2002) afirma que Automação de Bibliotecas pode ser definida simplesmente como o uso de tecnologias de informática e redes em bibliotecas e contempla a automatização de funções de biblioteca, uso de recursos eletrônicos dentro da biblioteca, por exemplo, CD-ROMs, e Acesso a recursos eletrônicos remotos via Internet. Na visão de Kemdarne (2012, p.76-77), a automação de bibliotecas é a aplicação de computadores e utilização de produto baseado em computador e serviços no desempenho de diferentes operações e funções de uma biblioteca na prestação de diversos serviços e produção de produtos de saída. Automação de Biblioteca implica um elevado grau de mecanização das várias tarefas repetitivas e de rotina a ser executada por seres humanos. Com o advento de automação, a intervenção humana é reduzida. O aparecimento de computadores aumentou consideravelmente a automação de bibliotecas, além desse avanço, as tecnologias de telecomunicações e audiovisuais deram lugar a novas possibilidades no tratamento da informação. A automação de bibliotecas inclui o uso de computadores e outros dispositivos semi-automáticos, como cartões perfurados para reprografia. Estes são semi-automática porque a intervenção humana é maior. Assim, o autor trata da automação de bibliotecas, nos dias de hoje, como o uso de computadores, meios associados a periféricos e produtos baseados em computadores e serviços no trabalho da biblioteca. (KEMDARNE 2012, p.76-77).

Como pode ser percebido, as teorizações sobre as redes de comunicação e dispositivos computacionais nas bibliotecas envolvem aspectos como autonomização, automação, processamento, controle e precisão. De acordo com Borgman (1997), a introdução das redes de comunicação e tecnologias computacionais nas bibliotecas se deu na década de 60 no Reino Unido e Estados Unidos. Esses países compartilhavam um conjunto de padrões e práticas de operações de biblioteca, particularmente centrados na catalogação de dados, base para os sistemas de automação de bibliotecas e iniciaram diversos programas cooperativos para promover o intercâmbio de registros bibliográficos entre diversas instituições internacionais. (BORGMAN, 1997).

Eyre apontou para os problemas da automação de bibliotecas no final da década de 70, destacando problemas de pessoal, aspectos técnicos e custo, variáveis que impediram maiores apropriações por parte dos bibliotecários (1979). O autor mencionou a dependência de especialistas em automação, pois a “máquina era estrangeira” (SIMONDON, 2008) ao bibliotecário, “enquanto antes da automação cada departamento era responsável por suas próprias esferas de operação, agora o especialista em automação tem que ser consultado sobre o uso do sistema automatizado, as mudanças necessárias, e os problemas que estiverem ocorrendo” (EYRE, 1979, p.55). Os problemas apontados por Eyre até hoje permanecem, a máquina computacional no contexto da automação ainda é algo desconhecido, restrito a uma elite digital.

Felstead (2007) discute a questão do mercado dos sistemas de gerenciamento de bibliotecas enfocando alguns sistemas comerciais proprietários e demonstra o avanço dos sistemas livres e abertos. Sistema de gerenciamento de bibliotecas (*library management system*) “é o software que gerencia as operações de bibliotecas através de módulos que interagem e compartilham uma base de dado central de registros”. (WILSON, 2006, p. 20). Nesse domínio, os sistemas proprietários engessam e solidificam o processo de automação, deixando as bibliotecas sem autonomia, o que causa uma dependência de tecnologia proprietária. Isto é visível em bibliotecas que optam por licenças proprietárias pois quando estas instituições necessitam de uma modificação, um ajuste, uma customização ou adaptação, a empresa detentora dos direitos de propriedade se nega a realizar tais mudanças, já que impactará diretamente na sua lógica de desenvolvimento e de distribuição. Quando estas modificações são possíveis, há um alto custo e um contrato que regula o fechamento do código, impedindo que até mesmo um especialista em programação de computadores

compreenda o funcionamento da máquina. Mesmo com o advento dos sistemas baseados em *softwares* livres e padrões abertos, existe uma pequena margem de indeterminação técnica, pois nem sempre os sistemas informatizados para as bibliotecas permitem um maior grau de tecnicidade, isto se deve ao desconhecimento de linguagens de programação, princípios de análise de requisitos de bibliotecas e estudos mais transversais sobre as tecnologias e redes digitais. Apesar desta problemática, o modelo descentralizado de desenvolvimento de softwares livres permitem romper com as abordagens determinísticas. Conforme Gorz (2005), a lógica de trabalho do *software* livre é interativo, em rede, subjetivo, auto-organização criativa, neste modelo a divisão do trabalho em tarefas especializadas e hierarquizadas está abolida e o computador é o instrumento universal, universalmente acessível, por meio do qual todos os saberes e todas as atividades podem, em princípio, ser compartilhados. O direito ao livre acesso e à partilha são reivindicações das comunidades de desenvolvedores de programas de computadores e das redes livres e nesse contexto existe um grande movimento contrário ao direito de livre acesso e partilha, representado pela indústria do *copyright* que realiza a apropriação privada dos bens comuns e criam diversas estratégias para manter controle o acesso. (GORZ, 2005).

A lógica do trabalho baseado em máquinas e em rede não apenas conectou pessoas e processos como também desterritorializou os fluxos produtivos e os modos de saber-fazer em todas as esferas institucionais e organizacionais. As máquinas computacionais adentraram inicialmente nas bibliotecas para automatizar os processos administrativos, tais como rotinas de catalogação e classificação, atividades imprescindíveis para recuperação de dados bibliográficos. No decorrer dos anos, percebeu-se a necessidade de gerenciar os fluxos de empréstimo e com o advento das redes, o processo de comunicação com usuários e outras bibliotecas. Assim, as redes como a Internet, permitiu novas possibilidades para serviços *on-line* e comunicação mediadas por dispositivos telemáticos.

Wilson (2006, p. 20) comenta que a Internet incrementa as operações e serviços da biblioteca, provendo comunicação e transferência dos dados, trazendo impactos no fluxo de trabalho e na coleção. A Internet permite a busca no catálogo e bases de dados, compra de materiais da biblioteca, transferir e baixar arquivos de registros bibliográficos de catálogos e expandir as opções de pesquisa e comunicação com os usuários e funcionários da biblioteca. A internet nas bibliotecas também estabelecem serviços como intranet, web sites internos, recursos e informações para os funcionários.

A automação de bibliotecas como tecnologia de informação aplicada à biblioteconomia vem dividindo espaço com outras abordagens devido ao aperfeiçoamento das tecnologias de conectividade. No início dos anos 2000 começou-se a vislumbrar outras possibilidades de uso das redes de comunicação de dados e arquivos digitais, permitindo assim, emergir as bibliotecas digitais e atualmente os repositórios institucionais. Esses espaços virtuais disponibilizam basicamente documentos em formato digital. Vale lembrar que as bibliotecas sempre funcionaram em redes cooperativas, realizando empréstimos entre instituições e compartilhando catálogos, porém com a Internet, o usuário, a instituição e os serviços foram muito afetados, principalmente em bibliotecas ligadas as instituições de ensino superior e especializadas em Ciência e Tecnologia.

Com o impacto das tecnologias nas bibliotecas pode ser visto com o uso massivo das redes sociais, e incorporação dos recursos da chamada Web 2.0. A incorporação dessas tecnologias nas bibliotecas fez surgir a “Biblioteca 2.0” (MANESS, 2006). A Teoria da Biblioteca 2.0 foi difundida como uma proposta de conceituar a biblioteca como espaço colaborativo a partir da presença da biblioteca tradicional no contexto através das redes sociais, *streaming* media, folksonomias, blogs, *wikis* e outros recursos de compartilhamento de conteúdo na Web. Algumas dessas tecnologias rompem com modelos clássicos de organização hierárquica da informação, exemplo das folksonomias que são formas classificação colaborativa de conteúdos. Bradley (2015) traz as Mídias Sociais em bibliotecas para discutir o fenômeno do compartilhamento de conteúdo, sendo que o autor publicou um livro sobre o tema da Biblioteca 2.0 e atualmente o autor acha mais relevante denominar Mídias Sociais em Bibliotecas, título da segunda edição da obra sobre as redes sociais, ferramentas para gestão colaborativa, compartilhamento e disseminação da informação.

Tarulli e Spiter (2012), discutem o futuro dos catálogos com base nessas tecnologias colaborativas e comenta as tecnologias que permitem os leitores da biblioteca intervirem no processo de organização bibliográfica, demonstra os recursos baseados em *Wiki* como plataforma colaborativa de produção e compartilhamento de conteúdo. De acordo com Bradley (2015), *wiki* é uma ferramenta que permite às pessoas criarem páginas web, e adicionar, editar ou excluir o conteúdo. As páginas são geralmente criadas usando uma muito simplificada linguagem de marcação, semelhante à de um processador de texto, e toda a coleção de páginas normalmente é hospedada pelo editor da ferramenta. *Wikis* diferem de blogs em que não há geralmente mais do que um autor, são baseados em torno de páginas de

assunto, em vez de dispostas cronologicamente, e a estrutura exata é o resultado das exigências dos usuários e *Wikis* podem ser públicas ou privadas limitadas a um número de pessoas que podem criar conteúdo (BRADLEY, 2015, p.104).

Outros enunciados sobre as tecnologias no contexto da biblioteconomia trata da criação de acervos de documentos digitais e/ou digitalizados, bem como publicações acadêmicas na Web. As Bibliotecas Digitais, Repositórios Institucionais, Periódicos Eletrônicos pode ser conceituado com um campo bastante difundido na área, no contexto das bibliotecas universitárias. As revistas quase todas utilizam plataformas baseadas na filosofia Arquivos Abertos, protocolos para interoperabilidade de dados, coleta, filtragem e recuperação federada da produção tecnocientífica. Nesta área, os *softwares* livres e padrões abertos também são aliados estratégicos para a circulação da produção cultural, científica e tecnológica, devido a sua viabilidade econômica e flexibilidade para implementação de servidores na Web, todavia, a visão utilitária ainda é predominante.

Visualizo o *software* livre como um movimento de resistência ao determinismo tecnocientífico e a lógica produtivista. Os estudos sobre o tema intimam problematizações que consideram programas de computador como uma produção simbólica, como uma reinvenção do trabalho, matrizes sociais relevantes para o debate sobre as tecnologias em aparelhos culturais como as bibliotecas. Significativas contribuições analíticas com base em elementos históricos, estéticos e políticos da comunidade de desenvolvedores de sistemas livres e abertos auxilia compreender a tecnicidade destas tecnologias computacionais. A natureza aberta destas tecnologias computacionais fornecem argumentos para problematização dos sistemas sociotécnicos e nesse cenário de acesso livre, colaborativo e compartilhado, emerge as abordagens vinculadas ao *software* livre.

O texto de Stevenson (2007) apresenta o software livre como proposta auto-sustentável e iniciativa baseada na comunidade, o autor estabelece uma crítica ao modelos filantrópicos privados de fomento de bibliotecas por parte de instituições de caridade que possuem vínculos com a tecnologia proprietária. Vasupongayya et. al. (2011) dissertam sobre essas problemáticas e demonstram que os *softwares* livres e abertos permitem a autonomia e flexibilidade no processo de inserção tecnológica das bibliotecas e como as abordagens de *software* de código aberto e livre foram ganhando impulso em algumas bibliotecas, os autores realizaram uma revisão dos principais sistemas de gerenciamento de bibliotecas de código aberto atualmente disponíveis. León-Moreno e Zapico-Alonso (2014) abordam o processo de

desenvolvimento e implementação de uma plataforma livre e aberta para bibliotecas da A Comunidade Autônoma de Extremadura. Os autores discutem a introdução do uso generalizado de *software* livre aumenta o uso universal de novas tecnologias em uma comunidade e o compromisso político, social e cultural e seus reflexos nas ações voltadas para o desenvolvimento da rede de bibliotecas de Extremadura. Outro trabalho relacionado é o relevante estudo de Upasani (2016) sobre sistemas de gerenciamento de bibliotecas no contexto das tecnologias de ponta, como computação em nuvem e dados abertos e de gestão de biblioteca na web.

Conceber a biblioteca como redes de conexões não basta apenas integrá-la às redes computacionais, é importante estabelecer rupturas nos sistemas fechados, criar um espaço informacional que configure novos modos de apropriação de sistemas de informação e redes de comunicação. Nesse sentido dois aspectos instalam-se: as redes e sistemas computacionais são incorporados nas bibliotecas de forma clássica através da automação e digitalização, da introdução das mídias sociais, dos dispositivos móveis; e como contemporaneamente essas tecnologias veem recodificando linguagens, suportes e significações no contexto das bibliotecas.

As tecnologias nesses processos de semiotização, produção criativa, recepção e apreciação estética, permitem a invenção de novos universos, portanto, é importante destacar a TI em Bibliotecas como um campo de problematização teórica. Um campo como a biblioteconomia, caracterizado pelo determinismo tecnológico, existem poucas abordagens sobre as tecnologias de informação em bibliotecas. Algumas proposições teóricas baseadas na teoria crítica acerca das novas tecnologias de informação e comunicação pode ser encontrada na coletânea de Leckie e Buschman (2009) propõem novas abordagens críticas para o debate no domínio da Tecnologia da Informação na Biblioteconomia. Os autores da obra apontam para as discussões sobre o controle da tecnologia pelo capital, racionalização, controle, monitoramento, monopólio, hegemonia cultural, a revolução da informação como ideologia, críticas feministas à tecnologia, bem como o utopismo tecnológico e questões relativas a política e esfera pública. A coletânea de Leckie e Buschman (2009) preenche a lacuna existente sobre teoria crítica das tecnologias aplicadas as bibliotecas ao apresentarem textos que o discurso tecnológico sob uma perspectiva social e política, enfatizam pontos cruciais sobre aspectos relativos a privacidade, segurança, gênero, diversidade, necessários para o debate sobre os dispositivos tecnológicos como dispositivos de controle em bibliotecas.

Pyati (2009) comenta que o movimento do software livre e aberto é além do discurso do código aberto e alternativa de baixo custo ao *software* proprietário e reivindica maior ativismo devido ao caráter político dos sistemas livres e abertos. Assim, Pyati (2009, p. 216), aponta que o movimento do *software* livre fornece oportunidades e aberturas para bibliotecas não permanecerem sob o domínio de empresas, e defende que estes movimentos trazem teorizações para estabelecer uma voz política mais ampla para as bibliotecas em debates sobre a democratização tecnológica.

Mostafa, Nova Cruz e Amorim (2015) afirmam que a informação na era digital é sempre um artefato de muitas mãos. Configuram-se novos elementos na relação saber-poder, como resultado da economia informacional, em que o dado é poder. Isso porque, produzido em tempo real, a acumulação desses dados cresce geometricamente, fazendo surgir expressões como enxurrada ou avalanche de dados. É preciso ressaltar, ainda, que além da capacidade de produção exponencial de dados, a velocidade de processamento, interpretação, transmissão e aplicação da informação constitui um novo – ainda a ser explorado – campo de conhecimento. Conhecimento, aliás, afeito ao campo de pensamento do campo da Ciência da informação inserido na contemporaneidade digital.

As autoras questionam ainda, se a era digital criou um processo informacional híbrido (humanos e não humanos), tão complexo que colocado em rede oferece a todos os atores a possibilidade do poder de puxar alavancas, girar engrenagens e alterar a máquina, teorizamos que a força de resistência, a linha de fuga, está justamente em viver no tempo presente, no espaço real e cibernético, sempre devindo outra coisa possível. Sempre abertos, sempre pensando o novo. Atentos aos desejos maquínicos de toda a rede. A questão dos dispositivos computacionais nas bibliotecas está além da incorporação da automação de bibliotecas e das discussões críticas acerca das tecnologias, acreditamos que as possibilidades criativas das tecnologias são infinitas. A rede como potência permite a biblioteca reconfigurar suas práticas sociais e conseqüentemente incrementar seu conceito de instituição de acesso a bens imateriais. O enfoque nas discussões sobre tecnologia e cultura reivindica uma visão mais crítica dos dispositivos tecnológicos de interconectividade e produção simbólica e suas implicações nas bibliotecas contemporâneas. As tecnologias livres e práticas colaborativas permitem traçar um panorama conceitual para qualificar as tecnologias como um movimento político a partir da sua ética e estética centrada nos modos de produção na “sociedade em rede” (CASTELLS, 2002) baseado no “trabalho imaterial” (GORZ, 2005), uma ênfase na

“economia baseada em rede e na colaboração como um modelo de reinvenção da lógica do capital” (ROBERTS, 2011). Para Lazzarato (2014) estas reconfigurações são mais uma forma de controle da subjetividade contemporânea ocidental, uma crítica a economia da informação, ao capitalismo cognitivo e modos de produção baseado na lógica do compartilhamento, na produção simbólica, na circulação de bens imateriais em rede que materializadas por temáticas como direitos autorais, acesso livre, plataformas colaborativas para publicação e compartilhamento de conteúdos.

Seguindo essas perspectivas, Burke (2014) discute a biblioteca como espaço de criação e colaboração, formula o conceito de “espaço de fabricação (*makerspace*)” como ferramentas para compartilhar conhecimentos. Herring comenta sobre ao futuro das bibliotecas estão vinculadas aos dispositivos móveis em bibliotecas e mídias sociais, outras percepções acerca das bibliotecas obsoletas na sociedade tecnológica. Essas discussões trazem para o debate e a transformação da biblioteca em território dinâmico por meio de apropriações que tragam múltiplas margens de indeterminação, trazendo uma tecnoestética que agencia mídias sociais, plataformas colaborativas, *softwares* livres para experimentações criativas na dinamização de atividades. Bibliotecas podem se apropriar destas tecnologias para formação de coletivos de leitores que utilizam plataformas colaborativas para resenhas, dicas de eventos, comentários e compartilhamento de conteúdo sobre a temática, acionadas pelos encontros que permitem fomentar a leitura, o acesso ao livro e mediação cultural, uma rede de agregações semióticas e micropolíticas.

Uma rede de bibliotecas é uma rede mediadora de significados e subjetividades. Funciona como uma rede social distribuída tradicionalmente por espaços físicos constituídos como bibliotecas em seu sentido clássico, porém ativas, vivas, descentralizadas e distribuídas em diversos pontos de uma comunidade. Nesta rede não há interoperabilidade de dados e sim de símbolos, afetos, experiências, agregação de práticas sociais e produção compartilhada de saberes, fazeres, lugares e formas de expressão. Faz-se necessário pensar uma Biblioteca como lugar, não seria mais um lugar fixo, delimitado por um ambiente físico, mas sim um lugar heterotópico, rizomático, caracterizado como um espaço de múltiplas significações e cada biblioteca funciona como linhas interligadas.

Essa conectividade não é apenas para permitir uma transferência fluída de dados e sistemas computacionais não são apenas ferramentas para automação, filtragem e recuperação de dados, mas uma rede de agenciamentos e dispositivos interconectados. Agenciamento

coletivo como dinâmica das bibliotecas comunitárias, pois o processo de concepção, criação, organização e dinamização dessas instituições tem como força propulsora o trabalho coletivo. As atividades de dinamização operam pela convergência pós-midiática, pelas tecnologias baseadas em código livres/abertas e ações que de apropriação de objetos semióticos analógicos e digitais, uma hipertextualidade sonora, imagética, de múltiplas e infinitas recombinações.

Essas práticas de recombinação incluem uma demanda que constitui uma incorporação de tecnologias de informação e práticas colaborativas pelas iniciativas populares transformando um campo para promoção da cidadania, educação emancipadora e transformadora como bem colocam Riedler e Eryaman (2010) ao proporem uma “Biblioteca Transformativa e uma Pedagogia de Bibliotecas” de base comunitária. A formação de rede sustentada por relações afetivas, meio de execução de projetos e compartilhamento de experiências funcionam como dispositivos de transformação social e consiste no acesso público aos bens imateriais via redes descentralizadas baseadas em padrões abertos e tecnologias livres como forma de resistência ao modelo de produção agenciado pela subjetividade capitalística.

Nesse sentido, apresentamos alguns exemplos de abordagens e ações que servem para ilustrar os movimentos que vão de encontro com a mercantilização dos espaços informacionais e culturais e servem de inspiração para a execução de uma cartografia que enfatize a produção de subjetividade e as transformações sociais e educacionais da biblioteca e todo o maquinismo que opera os modos de produção de subjetividades. A biblioteca criativa baseada em tecnologias livres e perspectiva ética-estética para pensar os agenciamentos coletivos que compõe o plano comum e heterogêneo da Rede Leitora Terra das Palmeiras e criação de mapas para acompanhar fluxos de subjetivação e modos associados. As diversas facetas, fazem das bibliotecas territórios de individuação, processos de produção de subjetividade, agenciamentos maquínicos e as conexões rizomáticas que modulam as dinâmicas existenciais na sociedade contemporânea. Modulações, reticulações, tecnicidade permitem visualizar outros modos de apropriação das tecnologias computacionais e as redes sociotécnicas em bibliotecas, a intenção é possibilitar a tomada de consciência da tecnologia nas instituições culturais. Nesse sentido, na próxima seção, abordo as conexões entre instituições, produção de subjetividade e processos informacionais.

4 AGENCIAMENTOS MAQUÍNICOS, PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE E PROCESSOS INFORMACIONAIS

Este início de século é notório a relevância da máquina na vida contemporânea. Geralmente a máquina é concebida como objeto, artefato, instrumento de apoio a atividades, procedimentos e processos associados a necessidade de controle, processamento, manipulação e operacionalização. Embora a visão funcional da máquina seja o cerne das enunciações dominantes, observo que existem implicações políticas, éticas e estéticas quando colocamos como campo problemático, a técnica e a tecnologia. A máquina, a técnica, a tecnologia e a rede são conceitos que se materializam em processos, bens e serviços, retórica primordial da sociedade contemporânea e os enunciados que militam a socialização do capital humano e da inteligência coletiva das redes sociotécnicas na chamada era da comunicação e informação.

Há também uma forte linha de oposição a essa tendência pós-industrial e até mesmo uma espécie de tecnofobia, de aversão aos aperfeiçoamentos tecnológicos e crítica pautada no isolamento social e problemas cognitivos. O aperfeiçoamento das tecnologias e redes digitais colocou as inovações tecnocientíficas a serviço da manipulação da natureza, da automação e controle de operações. Discutir a questão da tecnologia na produção de subjetividades é acompanhar os agenciamentos que envolvem as práticas de apropriação da informação e comunicação em uma sociedade marcada pelo trabalho de base imaterial, forças econômicas regidas pela lógica da produção do conhecimento.

As forças que regem as tecnologias no mundo contemporâneo são encontros de relações com outras máquinas, linhas de conexões sociais, políticas, semióticas, biopolíticas e estéticas. O conceito de máquina aqui não se restringe a máquina técnica (máquinas mecânicas, eletrônicas e digitais), entendo máquina (maquínico) de acordo com a visão de Guattari e Rolnik (2013, p.385), a máquina:

“[...] mecânica é relativamente fechada sobre si mesma: ela só mantém com o exterior relações perfeitamente codificadas. As máquinas, consideradas em suas evoluções históricas, constituem, ao contrário, um *phylum* comparável ao das espécies vivas. Elas engendram-se umas as outras, selecionam-se, eliminam-se, fazendo aparecer novas linhas de potencialidades. As máquinas, no sentido lato (isto é, não só as máquinas técnicas, mas também as máquinas teóricas, sociais, estéticas, etc.), nunca funcionam isoladamente, mas por agregação ou por agenciamento. Uma máquina técnica, por exemplo, numa fábrica, está em interação com uma máquina social, uma máquina de formação, uma máquina de pesquisa, uma máquina comercial, etc.”.

As máquinas operam por agenciamentos que se articulam, o conceito de agenciamento é pautado na “[...] noção mais ampla do que as de estrutura, sistema, forma, processo, montagem. Um agenciamento comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica, quanto social, maquina, gnosiológica, imaginária.” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p.381). Lazzarato coloca que para “entender o conceito de máquina, devemos abandonar as oposições sujeito/objeto, natureza/cultura pois é apenas desconsiderando a máquina que é possível separá-la da natureza humana.

A máquina faz parte da essência do homem. Não se trata de um subconjunto da técnica; em vez de ser uma ramificação da técnica, a máquina é seu pré-requisito. Devemos ir além do modelo clássico baseado na ferramenta, que torna a máquina uma extensão e projeção do ser vivo. Pois esse modelo é ainda fundado no modelo “humanista e abstrato” no qual a máquina serve com um órgão ou uma prótese. O maquinismo de Guattari não opõe o homem à máquina para avaliar “as correspondências, os prolongamentos, as substituições possíveis entre ambos”, mas sim colocá-los “a comunicar entre si para mostrar como o homem compõe pela com a máquina. A outra coisa pode ser uma ferramenta, ou mesmo um animal, ou outros homens.” (LAZZARATO, 2013, p. 72).

Os agenciamentos maquinais que modulam redes comunicacionais digitais na contemporaneidade, sustentam práticas que produzem novas modalidades de relações cognitivas, corporais, perceptivas e afetivas. Os dispositivos tecnológicos viabilizam infinitas conexões entre sujeitos, objetos, processos, significações e territórios. Essas conexões acarretam mutações que reconfiguram constantemente os modos de subjetivação através de complexos agenciamentos. Neste plano, as subjetividades são produzidas em diversas instâncias e geridas por agenciamentos que operam experimentações que rompem os eixos cartesianos do pensamento dominante, pois é necessário “acessar um plano comum e também construir um mundo comum e, ao mesmo tempo heterogêneo” (KASTRUP; PASSOS, 2014, p.15), isso implica um movimento de abertura comunicacional, pois existe um “terceiro eixo que cruza e desestabiliza os eixos vertical e horizontal da comunicação nas instituições (eixo vertical da hierarquização da comunicação dos diferentes e o eixo horizontal que homogeneiza a comunicação na corporação dos iguais)” (PASSOS; BARROS, 2014, p.28).

A perspectiva estética em Guattari (1992) faz referência à experiência ética e estética e desdobra-se a partir de modos de produção de subjetividade, conforme o autor, “a potência estética de sentir, embora igual em direito às outras – potências de pensar filosoficamente, de conhecer cientificamente, de agir, politicamente no seio dos agenciamentos coletivos de enunciação de nossa época”.

Para Guattari, “o paradigma estético trabalha com os paradigmas científicos e éticos e é por eles trabalhado. Ele se instaura transversalmente à tecnociência porque os *phylum* maquínicos desta são, por essência, de ordem criativa e tal criatividade tende a encontrar a do processo artístico”. Guattari indica que “para estabelecer essa ponte, temos que nos desfazer de visões mecanicistas da máquina e promover uma concepção que englobe, ao mesmo tempo, seus aspectos tecnológicos, biológicos, informáticos, sociais, teóricos, estéticos” (GUATTARI, 1992). Segundo Guattari e Rolnik (2013, p.385), as máquinas engendram-se umas as outras, selecionam-se, eliminam-se, fazendo aparecer novas linhas de potencialidades. As máquinas, no sentido lato (isto é, não só as máquinas técnicas, mas também as máquinas teóricas, sociais, estéticas, etc.), nunca funcionam isoladamente, mas por agregação ou por agenciamento. Uma máquina técnica, por exemplo, numa fábrica, está em interação com uma máquina social, uma máquina de formação, uma máquina de pesquisa, uma máquina comercial, etc.

A noção de máquina permite não só apenas nos distanciar das visões positivistas, determinísticas e cartesianas, mas como também formular um arcabouço para pensar a subjetividade produzida por constantes agenciamentos coletivos de enunciação, já que:

Os processos de subjetivação, de semiotização, ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica - não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microssociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam no funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanta de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e de produção idéica, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.). (GUATTARI, 1992, p. 14)

Para Guattari (1992), “as máquinas tecnológicas de informação e comunicação operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio das suas memórias, da sua inteligência mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes. A consideração dessas dimensões maquínicas de subjetivação nos leva a insistir, em nossa tentativa de redefinição, na heterogeneidade dos componentes que concorrem para a produção de subjetividade (GUATTARI, 1992, p. 14):

- 1) Componentes semióticos significantes que sem manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do

esporte;

- 2) Elementos fabricados pela indústria da mídia, do cinema, etc.;
- 3) Dimensões semióticas assignificantes colocando em jogo máquinas informacionais de signos, funcionando paralelamente ou independentemente, pelo fato de produzirem e veicularem significações e denotação que escapam então às axiomáticas propriamente linguísticas.

O aperfeiçoamento tecnológico da era pós-industrial como componente semiótico significativa modelizou a subjetividade através da razão econômica. As inovações tecnológicas conforme Guattari (1992, p.15) demonstra, “nos obrigam a considerar simultaneamente uma tendência à homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade e uma tendência heterogênica, quer dizer um reforço da heterogeneidade e da singularização de seus componentes”. Apesar desta dualidade, o autor coloca que “é preciso evitar qualquer ilusão progressista ou qualquer visão pessimista, já que a produção maquínica pode trabalhar tanto para o melhor como para o pior, não pode ser julgada nem positiva nem negativamente; tudo depende de como for sua articulação com os agenciamentos coletivos de enunciação” (GUATTARI, 1992, p. 15-16).

Noções como heterogênese e agenciamento oferecem novas perspectivas para discutir e acompanhar os processos micropolíticos das bibliotecas como máquina de intensificação e potencialização de subjetividades e nesse cenário, as tecnologias digitais e as redes de comunicação podem ser componentes de singularização necessários para definição de outros modos de vida. De acordo com o Guattari, a máquina estética nos parece a mais capaz de revelar à coisa criada, dimensões essenciais, muitas vezes desconhecidas, existem “implicações ético-políticas porque quem fala em criação, fala em responsabilidade da instância criadora em relação à coisa criada, em inflexão de estado de coisas, em bifurcação para além dos esquemas pré-estabelecidos” (GUATTARI, 1992).

Guattari (1992) indica que “o paradigma estético, o da criação da composição de perceptos e de afetos mutantes se tornou todas as formas possíveis de liberação, expropriando assim os antigos paradigmas cientificistas aos quais estavam referidos” (GUATTARI, 1992, p.106). A ecologia do virtual se impõe, então, da mesma forma que as ecologias do mundo visível. E nesse respeito, a poesia, a música, as artes plásticas, o cinema, em particular em suas modalidades performáticas ou performativas, têm um lugar importante a ocupar, devido à

sua contribuição específica, mas também como paradigma de referência de novas práticas (GUATTARI, 1992, p.106).

Sendo assim, as máquinas de informação como a biblioteca, as tecnologias digitais e redes de comunicação se bifurcam, transversalizam e operam a partir de planos de composição movimentados rizomaticamente pela multiplicidade e heterogeneidade. A noção de rizoma proposta por Deleuze e Guattari é um “conceito fractal, que nos leva a pensar em uma dimensão intermediária que nos ajuda a superar as dicotomias entre o inteligível e o sensível, entre o discursivo e o extradiscursivo, entre o sujeito e o objeto” (PARENTE, 2007). Parente (2007) considera que essas características das redes podem ser aplicadas aos organismos, às tecnologias, aos dispositivos, mas também à subjetividade, pois somos uma rede de redes (multiplicidade), cada rede remetendo a outras redes de natureza diversa (heterogênese) em um processo autorreferente (autopoiesis). A perspectiva rizomática de Deleuze e Guattari (1995) se refere a um “mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga que conectam cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais”.

As conexões são constituídas por linhas que podem se ramificar indefinidamente em outros nós de informação, são elos semióticos de qualquer natureza que se interligam e se recodificam, elos biológicos, políticos, econômicos, estéticos. A multiplicidade de conexões desencadeia possibilidade de combinações e reconstrução de significados. Um sistema de pensamento baseado na dinâmica das redes, tem como energia, o acontecimento, o movimento, a experiência e processos em curso que permitem reconfigurar o pensamento e realizar associações que agregam subjetividades, territórios e objetos técnicos.

Nas redes sociotécnicas, há uma reconfiguração das forças produtivas e das disposições favoráveis de pensar e agir, conforme Parente (2004), “houve uma ampliação das possibilidades de acesso aos ciberespaços, assim as redes sociais fazem parte do processo de comunicabilidade, indispensável no processo de produzir subjetividade e pensamento, tornando-se elemento principal de mudanças”. As tecnologias da comunicação e da informação passaram a exercer um papel de protagonista na estrutura da nova ordem mundial, o espaço, o tempo e a subjetividade conseqüentemente, sofrem influências dessas redes. Redes heterogêneas que mobilizam tensões e forças que as hibridiza e os espaços onde a intensidade heterotópica é maximizada e pode ser capitalizada como tantas ações potenciais

sobre o mundo. O autor afirma ainda que “se quisermos compreender como certas visões de mundo se impõem e se tornam dominantes, como nos apegamos às coisas, aos procedimentos, a certos comportamentos, devemos analisar o processo de transformação do mundo em informação nas redes, sejam elas quais forem” (PARENTE, 2007, p.103).

As “redes de transformação” referenciadas por Parente, ultrapassa a esfera tecnológica, estão relacionadas a uma rede de extrema complexidade composta por uma grandeza de significações, dispositivos e atores. As redes não funcionam como acoplamento, como próteses ou extensões cognitivas e sim dinâmicas existenciais que codificam aparatos técnicos e sociais. A informação como energia quebra modelos horizontais e verticais da modernidade, assim, faz-se necessário considerar a rede como um agenciamento de fluxos heterogenéticos que movimentam a inseparabilidade dos modos de ser, de dizer e de sentir.

Pensar em práticas que levam em consideração os devires da produção de sentidos e o posicionamento ético é evitar a fragmentação do conhecimento, os postulados cognitivistas e os esquemas representacionais da modernidade. Diante de tal complexidade, a emergência de ultrapassar os saberes instrumentais e não apenas estabelecer interligações, mas, propor a transdisciplinaridade como religação dos saberes compartimentados, e oferecer uma perspectiva de superação das tendências disciplinares. O movimento transdisciplinar é a imanência do pensamento estético e estético e que agencia modos de produção semiótica de maneira que possam se articular ao conjunto dos outros tipos de produção maquínica, o que para Guattari é o envolvimento de toda essa revolução informática, telemática, dos robôs, deste modo, é necessário que criemos estratégias para abrir e quebrar antigas esferas culturais fechadas sobre si mesmas e produzir novos agenciamentos de singularização que trabalhem por uma sensibilidade estética, pela mudança da vida num plano mais cotidiano e, ao mesmo tempo, pelas transformações sociais a nível dos grandes conjuntos econômicos e sociais (GUATTARI, 1992).

A partir dessa abordagem, problematizo os fundamentos que ancoram a visão das bibliotecas como instituições sociais, marcadas pela horizontalidade, centralidade e verticalidade das semióticas significantes. Tais modelizações são materializadas em organogramas, códigos, esquemas, normas, manuais e receitas de boas práticas que determinam o funcionamento das bibliotecas. Em uma sociedade cada vez mais dependente dos objetos técnicos e das redes telemáticas para comunicação e informação, é necessário ampliar o debate acerca da biblioteca como uma instituição associada às novas tecnologias.

Sabemos que inúmeras ações vêm sendo desenvolvidas para prover a universalização do acesso à informação, geralmente, essas ações têm como eixo central a democratização da Internet, principal retórica das iniciativas de apropriação digital. Pouco se evidencia o papel das bibliotecas nesse contexto, pois estas instituições, além de fornecerem recursos bibliográficos e um espaço físico para estudos e atividades culturais, podem ser importantes aliadas em ações de apropriação de tecnologias de informação integradas a outros objetos semióticos.

A biblioteca quando integra diversas perspectivas, suportes e ferramentas torna ainda mais evidente a influência dos processos de subjetivação. A biblioteca como instituição é determinada por funções, diagramas, linguagens, normas e tecnologias que representam modelizações identitárias para o pleno funcionamento da máquina. A perspectiva heterogenética é um dispositivo de fuga dessas modelizações e uma vez observada a produção de subjetividade nas bibliotecas sob essa abordagem, podemos acompanhar “as processualidades, os movimentos e as transformações” (KASTRUP; PASSOS, 2014), que efetuam as dimensões múltiplas.

Nessa linha de pensamento, é importante atentarmos para os componentes que envolvem as significações e denotações que sustentam o debate acerca das bibliotecas, para então problematizarmos as modelizações dominantes que impedem a abertura necessária para “a criação e invenção de novos Universos de Referência” (GUATTARI, 1992, p.15). Universos de referência é uma proposição espacial e temporal coexistente, territórios móveis de fluxos e intensidades que impedem a homogeneização, a divisão e a simplificação das estratégias de análise e intervenção institucional.

Todas essas perspectivas fornecem um sustentáculo crítico para pensarmos uma biblioteca tática, modulada por ações políticas de grande valia estética e potencializadora de múltiplas subjetividades. Embora percebemos toda essa potência, as ações criativas existentes no âmbito das bibliotecas geralmente envolvem o acesso à leitura/apreciação de obras e acreditamos que as questões das máquinas digitais nesse contexto requerem uma maior atenção, pois existem inúmeras semióticas (a)significantes contidas em muitos desses registros do conhecimento e algumas ações da chamada mediação da informação nem sempre contemplam aspectos que podem desencadear em aberturas para novos modos heterogêneos de existência.

Diante destas discussões, enunciaremos que a incorporação das máquinas computacionais nas bibliotecas está além das tecnologias de automação de bibliotecas e das questões operacionais e administrativas de controle e precisão. Acreditamos que as possibilidades criativas das tecnologias e a rede permitem a biblioteca reconfigurar suas práticas sociais e seu conceito de instituição coletiva. A tecnologia sob a perspectiva ética-estética reivindica uma visão mais transversal das máquinas tecnológicas de interconectividade na produção semiótica e suas implicações que recombina ideias, conceitos, metodologias e objetos nas bibliotecas contemporâneas.

Essas linhas de conexões causam rupturas nas estruturas arborescentes e dos grafismos hierárquicos das tecnologias de informação e comunicação. Deleuze e Guattari (1985, p.36), afirma que “a árvore ou a raiz inspiram uma triste imagem do pensamento que não para de imitar o múltiplo a partir de uma unidade superior, de centro ou de segmento”. Com efeito, se se considera o conjunto galhos-raízes, o tronco desempenha o papel de segmento oposto para um dos subconjuntos percorridos de baixo para cima: um tal segmento será um “dipolo de ligação”, diferentemente dos “dipolos-unidades” que formam os raios que emana de um único centro. Mas as próprias ligações podem proliferar como no sistema radícula, permanecendo no Um-Dois e nas multiplicidades só fingidas. As regenerações, as reproduções, os retornos, as hidras e as medusas não nos fazem também sair disto. Os sistemas arborescentes são sistemas hierárquicos que comportam centros de significância e de subjetivação, autômatos centrais como memórias organizadas. Acontece que os modelos correspondentes são tais que um elemento só recebe suas informações de uma unidade superior e uma atribuição subjetiva de ligações preestabelecidas. Vê-se bem isso nos problemas atuais de informática e de máquinas eletrônicas, que conservam ainda o mais arcaico pensamento, dado que eles conferem o poder a uma memória ou a um órgão central concluem Deleuze e Guattari (1985, p.36).

Deleuze e Guattari (1985) citam os autores Pierre Rosenstiehl e Jean Petitot que discutem a fabricação de imagens das arborescências, sistemas centrados ou estruturas hierárquicas. A estes sistemas centrados, os autores opõem sistemas a-centrados, redes de autômatos finitos, nos quais a comunicação se faz de um vizinho a um vizinho qualquer, onde as hastes ou canais não preexistem, nos quais os indivíduos são todos intercambiáveis, se definem somente por um estado a tal momento, de tal maneira que as operações locais se coordenam e o resultado final global se sincroniza independente de uma instância central.

Uma transdução de estados intensivos substitui a topologia, e “o grafismo que regula a circulação de informação é de algum modo o oposto do grafismo hierárquico”. De acordo com Deleuze e Guattari (1985, p.37), “não há qualquer razão para que esse grafismo seja uma árvore (chamávamos mapa um tal grafismo)”.

Conforme Gallo (2008), o rizoma rompe com a hierarquização – tanto no aspecto do poder e da importância, quanto, no aspecto das prioridades na circulação – que é própria do paradigma arbóreo. No rizoma são múltiplas as linhas de fuga e portanto múltiplas as possibilidades de conexões, aproximações, cortes, percepções, etc. Ao romper com essa hierarquia estanque, o rizoma pede, porém, uma nova forma de trânsito possível por entre seus inúmeros “devires”; podemos encontrá-la na *transversalidade*.

Gallo (2008) menciona que a noção de transversalidade foi desenvolvida por Félix Guattari, ao tratar das questões ligadas à terapêutica institucional, propondo que ela substituísse a noção de transferência:

Transversalidade em oposição a:

-uma verticalidade que encontramos, por exemplo nas descrições feitas pelo organograma de uma estrutura piramidal (chefes, subchefes etc.); -uma horizontalidade como a que pode se realizar no pátio do hospital, no pavilhão dos agitados, ou, melhor ainda, no dos caducos, isto é, uma certa situação de fato em que as coisas e as pessoas ajeitem-se como podem na situação em que se encontrem. (GUATTARI, 1985, p. 93-94.)

Guattari (1992) indica que tomar a noção da transversalidade e aplicá-la à imagem rizomática do saber: ela seria a matriz da mobilidade por entre os liames do rizoma, abandonando os verticalismos e horizontalismos que seriam insuficientes para uma abrangência de visão de todo o “horizonte de eventos” possibilitado por um rizoma.

As propostas de interdisciplinaridade postas hoje sobre a mesa apontam, no contexto de uma perspectiva arborescente, para integrações *horizontais e verticais* entre as várias ciências; numa, perspectiva rizomática, podemos apontar para uma *transversalidade* entre as várias áreas do saber, integrando-as, senão em sua totalidade, pelo menos de forma muito mais abrangente, possibilitando conexões inimagináveis. Gallo (2008) afirma que “assumir a transversalidade é transitar pelo território do saber como as sinapses viajam pelos neurônios, uma viagem aparentemente caótica que constrói seu(s) sentido(s) à medida que desenvolvemos sua equação fractal”. (GALLO, 2008).

Gallo (2008) nessa perspectiva afirma que a proposta interdisciplinar, e todos os seus matizes, aponta para uma tentativa de globalização, este cânone do neoliberalismo,

remetendo ao Uno, ao Mesmo, tentando costurar o incosturável de uma fragmentação histórica dos saberes. A transversalidade rizomática, por sua vez, aponta para o reconhecimento da pulverização, da multiplicização, para a atenção às diferenças e à diferenciação, construindo possíveis trânsitos pela multiplicidade dos saberes, sem procurar integrá-los artificialmente, mas estabelecendo diversas compreensões infinitas. Ao denunciar essas perspectivas arbóreas, estabeleço algumas aberturas proporcionadas pelas discussões sobre a produção de subjetividade agenciada pelas tecnologias e redes digitais livres e abertas, promovida pelos protocolos comuns, sistemas de comunicação descentralizados, pois essas toda a conectividade efetua inúmeras rupturas para problematizar as práticas criativas em bibliotecas.

4.1 Rupturas: a perspectiva ética-estética, produção de subjetividade e bibliotecas

Após a discussão dos conceitos teóricos, visualizei as ressonâncias com a BCI a partir da filosofia da diferença na ciência da Informação de Mostafa e Gerolami para problematizar os processos de produção, organização e circulação de fluxos informacionais. Além das contribuições de Mostafa, temos a tese de Moreira sobre a problemática da organização e representação do conhecimento, classificações hierárquicas e vocabulários controlados. Esquemas de conceitos, a engenharia do conhecimento. Essa leitura foi importante, pois no mestrado em Engenharia de Eletricidade, desenvolvi uma pesquisa no âmbito do Laboratório de Sistemas Inteligentes da UFMA e estudei questões relacionadas a modelagem de um Repositório Semântico de Objetos de Aprendizagem. Na pesquisa utilizei os pressupostos da representação e organização do conhecimento, mais precisamente, propus uma ontologia computacional para especificar um modelo conceitual para agregação de conteúdo de objetos de aprendizagem. Ao adentrar no PGIE-UFRGS, observei que essas questões mais “tecnológicas” não estão totalmente vinculadas às minhas experiências em sala de aula e no engajamento com os movimentos sociais e projetos no campo da apropriação crítica de tecnologias. Assim, observo que foi necessário realizar algumas rupturas e tive que estabelecer um posicionamento transversal para a literatura da área no qual estou imerso como docente.

Recorrer ao ponto de vista desses estudos contemporâneos, possibilitou problematizar conceitos como indivíduo, identidade, comunidade, cultura, representação,

instituição, conceitos enraizados nas enunciações coletivas de entidades, trabalhadores da cultura e toda cadeia mediadora e produção cultural. Esses conceitos quando são vistos como categorias estruturalistas não permitem a uma discussão sobre os elementos constitutivos do conceito de bibliotecas, devido à diversidade de conotações e práticas da contemporaneidade. Aspectos sociais e culturais das tecnologias e suas interfaces com a biblioteconomia, como cultura digital e livre, ciberativismo e economia solidária, tem sido foco de debates em eventos e aulas nas escolas de biblioteconomia, assim, muitos dos questionamentos são pautados na multiplicidade de usos das tecnologias e mídias digitais para produção e circulação de bens imateriais em bibliotecas geridas por comunidades.

Sobre a multiplicidade de papéis da biblioteca, Mostafa (2012) coloca que: “vamos encontrar bibliotecas funcionando como centros de cultura, ou bibliotecas integradas a centros de cultura, tanto quanto encontrar bibliotecas dentro de museus ou arquivos dentro de bibliotecas, para não falar em museus ou exposições que integram, a um só tempo, os processos informacionais e culturais”. A afirmação da autora, permite um debate, pois a natureza conceitual da biblioteca é cada vez mais transformada com a incorporação do trabalho em rede. Ora a biblioteca é um setor, ora é uma instituição, ora é uma rede de instituições, ou até mesmo um conceito de repositório de conhecimentos. Pensar as bibliotecas de forma unidirecional não condiz com o pensamento rizomático. A ideia de rizoma na biblioteca não é muito discutida, porém na literatura, pode-se encontrar algumas aproximações que permitem experimentar a criação de novos conceitos para incrementar o debate.

Robinson e Maguire (2010) com base no conceito de rizoma como um modelo para a organização da informação em oposição a cultura clássica da biblioteca, baseada na organização hierárquica do conhecimento. Robinson e Maguire (2010) afirmam que durante muito séculos as bibliotecas foram organizadas sob influência do modelo hierárquico de Aristóteles, de conceitos divididos em categorias mutuamente exclusivas. Recentemente esta visão tem sido desafiado pelas tecnologias da Web, já que no espaço virtual a heterogeneidade e usuários requer um modelo de organização que permita múltiplas possibilidade de combinações e que sejam multidimensionais e não apenas baseado em uma estrutura vertical de classes de assuntos.

Aquino (2007, p.11) faz menção a ideia de rizoma no contexto da Ciência da Informação (CI) ao colocar que a forma de pensar a informação em sua multiplicidade de

suportes e aprecia o conceito de informação em seu formato múltiplo. Citando Deleuze e Guatarri, a autora diz que esse ponto de vista conduz à ideia de que não existe sequer um acontecimento, um fenômeno, uma palavra, nem um pensamento cujo sentido não seja múltiplo. Assim sendo, o campo de atuação da CI é múltiplo e suas possibilidades sociais são múltiplas. A CI viaja numa torrente de informação, que foge sem parar, constrói “linhas de fugas” e se desterritorializam. É uma informação “rizomática”.

Pinheiro e Silva (2008), também mencionam o conceito de rizoma para se referir uma rede de citações em sua uma pesquisa sobre conhecimento científico. As autoras colocam que uma rede cognitiva, na qual os cientistas e seus produtos são os nós e as citações indicam as relações entre eles. Os documentos científicos, com seu sistema de remissões a outros documentos, constituem uma rede do conhecimento científico. Dessa forma, as redes de citação podem ser denominadas redes cognitivas, pois são nós e relações que possibilitam representar o conhecimento, e se reportam à teoria da autopoiese. Em vez de utilizar a teoria liberal para compreender a biblioteca, Gerolami escolheu a concepção de Deleuze sobre instituição como agenciamento/montagem para resolver problemas de determinismo na biblioteconomia. Se a biblioteca, como instituição, é entendida como um conjunto, então seus componentes são peças definidas por suas relações de exterioridade. Se entendermos livros de acordo com as relações de exterioridade, então eles não são eternamente definidas por sua relação com o autor (aquele que manifesta), nem sua relação para o mundo real que eles tentam representar, nem sua relação com ideias de comunicar. Livros em bibliotecas em nossa cultura são definidos por suas relações políticas e econômicas. A autora usa a teoria de agenciamento para examinar livros e documentos agenciados com outras partes do mundo, a fim de compreender como e com o que eles funcionam. As ideias, as fotografias, as estatísticas, gráficos e histórias pessoais neles são todas as partes de um agenciamento maior: o livro. Porções de um livro ou imagem, por exemplo, pode ser removido do conjunto e ligada a uma outra imagem em uma tentativa de criar uma nova forma de relações materiais.

Gerolami (2015) afirma que é possível que a biblioteca se agence com outras instituições, forças ou pessoas, etc. Eles podem, por conseguinte, ser destacada e removida a partir de um conjunto e ligada a uma outra. A biblioteca não é determinada por forças econômicas ou políticas isoladamente. Não é definida por sua relação com o capital, por exemplo. A biblioteca pode ser removida desse conjunto e pode ser montada com outros movimentos. Novos movimentos também podem surgir a partir de agenciamentos existentes,

assim como assuntos produzidos nos correspondentes são capazes de transversalizar. As ideias de redes cognitivas, agenciamento e rizoma oferecem novas perspectivas críticas para uma concepção de biblioteca tática, com ações para uma política potencializadora de subjetividades.

No exemplo de práticas criativa em bibliotecas, a exposição híbrida desenvolvida pela USP e apresentada por Mostafa ilustra os aspectos transdisciplinares das redes de bibliotecas de instituições de ensino superior, não só atravessa as concepções disciplinares da Museologia, Arquivologia e Biblioteconomia, mas como prática de curadoria baseada no conceito de coordenadas energético-espaco-temporal de Guattari e coloca a biblioteca como equipamento de semiotização.

Observei que ao dialogar com os autores, percebi as perspectivas binárias de conceber as coisas, fenômenos, pessoas, acontecimentos e ações. Como uma rede de conhecimento, como modo de refutar as modelizações arbóreas, como filosofia para formular conceitos para a área, aqui defendo como uma perspectiva heterogênea que se ocupa como as formas afetivas de atribuição de sentidos, as estratégias de pesquisar-intervir operada por modos de subjetivação, perceber que as bibliotecas são territórios existenciais de múltiplos fluxos inventivos e tornam a individuação como o movimento que reconfigura a dinâmica das bibliotecas. Problematizar a biblioteca não é conduzir uma investigação que envolve uma (re)configuração de conceitos solidificados na cultura, sem correr o sério risco de desenvolver um espírito pautado na proposição de teorias aplicáveis, modelos de referência ou padrões metodológicos para inserção de tecnologias em bibliotecas. Pensamos em tecnologia a partir de uma pragmática que possa mobilizar ações descentralizadas e singulares de experimentações abertas por múltiplas possibilidades.

Ao discutir práticas criativas e inventivas nas bibliotecas, deparei-me com o modelo mecanicista e determinista e tive o cuidado para não confundir biblioteca com centro de cultura, com laboratório, com museu, com escola, pois o argumento é que a biblioteca é um espaço determinado, previamente instituído, possui uma forma, objetos e sujeitos pré-definidos que caracterizam a natureza da biblioteca, além das normas e diretrizes para o processamento técnico dos materiais que compõe o acervo. Em seu texto que discute a biblioteca como espaço para “práticas culturais”, Silveira e Reis (2011) apresentam “condições teóricas para a integração epistemológica da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia na Ciência da Informação”.

Mesmo que empiricamente observamos práticas artísticas e culturais nas bibliotecas, recitais, exposições, conferências, oficinas e outros programas destinados ao público da biblioteca, assim como, práticas desenvolvidas pelo pessoal da biblioteca, que muitas vezes passam despercebidas devido a formação técnica e humanista de muitos profissionais e estes geralmente estão engajados em procedimentos administrativos e operacionais.

A leitura de Deleuze, Guattari, Simondon e outros autores influenciados por estes pensadores desencadeou algumas inquietações, permitiu problematizar a metaestabilidade dos modos de existências, das instituições bibliotecárias e de seus objetos técnicos. Essas tensões demonstram a relevância dessas instituições e o quanto atualmente estão sendo colocadas em questão, são grandes desafios, ameaças, mas também perspectivas. A “sua função institucional, conjuntural é baseada na compreensão coletiva de sua importância para acesso e produção de saberes” (LINGEL, 2011).

Em busca de alguns referenciais, pude sentir que a pesquisa de enfoque qualitativo sobre as práticas informacionais que engrena a necessidade de investigar as revoluções historicamente construídas e os divergentes discursos que envolvem a questão da técnica, do conhecimento e da informação. A Informática na Educação como campo multidisciplinar, proporcionou um terreno para experimentar estratégias metodológicas que fogem dessa visão determinística e fazer uma ponte com o ensino de tecnologias em bibliotecas, nessa articulação sujeito-mediação-tecnologia se misturam e se autoreferenciam, gerando novas imersões para repensar a relação humano/técnica a partir da luz da composição. Essas experimentações não ousam tornar as produções acadêmicas em senso comum, mas sim reinventar o cotidiano (através de uma articulação que atravessa sujeitos, objetos, práticas e instituições).

5 INSTITUIÇÕES, PROCESSOS, TECNOLOGIAS E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO: narrativas da pesquisa/intervenção

Introduzir ferramentas digitais em iniciativas de mediação da leitura em bibliotecas modifica os modos de criar, aprender e conhecer, portanto, ao investigar as práticas informacionais e conceber as tecnologias digitais como questão processual nas bibliotecas da Rede, verifiquei o andamento e linhas contínuas que intencionam conexões, energizam as intensidades e movimentam fluxos, pois “sempre que o cartógrafo entra em campo há processos em curso” (BARROS; KASTRUP, 2014, p.56). Assim, participei desse movimento para acompanhar os fluxos, atividade criadora que modifica e desestabiliza o campo investigado.

Neste trabalho, pretendi estabelecer linhas de conexão de debates acerca das práticas contemporâneas que agenciam ações, metodologias e tecnologias em territórios heterogêneos. Percebi que as bibliotecas como territórios existenciais mobilizam a heterogeneidade e sincronizam um espaço comum onde várias pessoas estabelecem trocas de conhecimentos e experiências. Como então ter acesso a esse plano constituído por pessoas, objetos e ideias em diversas bibliotecas comunitárias? Como funcionam as engrenagens que movimentam essas instituições enredadas? Quais atores, tecnologias e instituições configuram essa Rede?

Esses questionamentos permitem um olhar diferenciado para as problemáticas de investigação e esse desafio investigativo como eixo norteador de pesquisas que envolvem componentes heterogêneos, considera a pesquisa como um universo complexo, aberto e múltiplo. Essa estratégia é necessária para conduzir atentamente investigações que contemplem experiências, acontecimentos, instituições e políticas de subjetivação – questões de grande interesse nos estudos sobre as práticas educacionais contemporâneas.

Como base nessas questões, estabeleço aportes teóricos e metodológicos que orientaram a condução de uma pesquisa de cunho qualitativo sobre os processos associados aos modos de subjetivação a partir das tecnologias convergentes e práticas criativas em bibliotecas. Essa abordagem permitiu conceber as tecnologias nas bibliotecas conectadas às práticas ético-políticas, e uma vez direcionado por este enfoque, busquei observar e compreender “[...] a possibilidade de combinar matérias heterogêneas e a princípio incompatíveis entre si, a partir do trabalho imaterial de um coletivo, sem que este trabalho

reduza, a um único denominador homogeneizante, a multiplicidade das singularidades envolvidas” (AXT, et. al, 2010). Os fluxos transversais desta tese, evidencia uma proposta investigativa articulada às concepções teóricas e epistemológicas da linha de pesquisa “Interfaces Digitais em Educação, Arte, Linguagem e Cognição” no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação.

Essa recombinação e hibridismo em um ambiente “aberto à ciência, à filosofia e à arte” (AXT, et. al, 2010) cruza concepções e reinventa teorizações, práticas e ferramentas que, uma vez reapropriadas, oferecem múltiplas condições e transfiguram os olhares sobre os estudos de natureza transdisciplinar. Vejo portanto, que esse rico cenário de sujeitos, objetos, conexões e abordagens proporciona divergências, convergências, linhas que modulam os processos educacionais não apenas sob o ponto de vista tecnológico e educacional, mas também ético, estético e sobretudo político.

Ao cumprir os créditos do doutorado, constatei que pensar as apropriações educacionais e informacionais proporcionadas pelas tecnologias não podem ser resumidas a uma fragmentada reflexão sobre as ferramentas de informática nos modos de ser e agir, pois as tecnologias na educação são uma rede de relações que realizam as mediações que reconfiguram os conceitos e as abordagens e possibilita o diálogo com os fluxos informacionais, afetivos e semióticos. Estas implicações possibilitam uma montagem de um dispositivo metodológico que fornece deslocamentos necessários para debater a sociedade tecnológica, já que introduzir ferramentas digitais em instituições culturais é modificar os modos de sentir, criar, compartilhar e se relacionar.

Nessa direção, a cartografia como estratégia para discutir as bibliotecas como equipamentos coletivos de subjetivação possibilitou acompanhar os agenciamentos coletivos, permitiu estabelecer leituras outras sobre as apropriações educacionais e culturais. Ao transitar pelas trilhas da cartografia, pude encontrar pistas para acompanhar as processualidades existentes em projetos de mediação de leitura, contação de histórias e outras ações culturais. Continuando esse percurso, pude verificar que esses pressupostos se distanciam das doutrinas reducionistas que utilizam os dispositivos de pesquisa e produção do saber como artefato dissociado das singularizações existentes. Nessa (re)invenção acadêmica, estabeleço a permanente interferência do sujeito coletivo como força propulsora de investigações que envolvem a complexidade dos modos de existência.

A pesquisa cartográfica não é necessariamente classificada dentro dos rigores dos manuais de metodologia científica, que estabelece tipos de pesquisa como exploratória, analítica e descritiva. Na verdade ela pode compor essas proposições metodológicas, não no sentido de instrumentalizar, e sim direcionar pistas, cultivo de dados/informações e manejo sofisticado e maleável que leva sempre em conta a processualidade e as múltiplas vozes que compõe as enunciações. De acordo com Barros e Kastrup (2014), “A pesquisa se faz em movimento, no acompanhamento de processos, que nos tocam, nos transformam e produzem mundos”, nessa perspectiva, proponho pesquisar com as tecnologias, com os atores da rede, com livros e com ideias, técnicas e que se agregam, se bifurcam, se agenciam e se reinventam. Ao pensar nessas discussões na dinâmica das bibliotecas, vislumbrei o quanto a BCI pode ampliar suas enunciações, formar conexões, associações e diálogos com outros campos e outros modos de perceber as bibliotecas e fazer pesquisa. Não obtive êxito em buscas de referências que pudessem sustentar uma pesquisa cartográfica no domínio da Biblioteconomia e Ciência da Informação, vale ressaltar que é inteiramente provável que muitas cartografias sociais já tenham sido e continuam sendo realizadas em bibliotecas, portanto, não se pode afirmar que não existem estudos sustentados a partir dessa abordagem metodológica.

O estudo de Barros (2009) é uma fonte que se aproxima da abordagem desta tese, embora a autora não tenha colocado a tecnologia como campo problemático na dinâmica das bibliotecas, considero que o estudo da autora contribuiu para disparar algumas inquietações e verificar a relevância do posicionamento ético da presente pesquisa-intervenção. Na obra “Leituras em Elos: o prazer em ler com crianças e adolescentes”, Barros (2009) buscou identificar, descrever e analisar os elos constituídos a partir de diferentes práticas de leitura com crianças. Conforme a autora, “Os elos foram investigados através do método da cartografia, com o qual foram acompanhados processos de incentivo à formação de leitores, com foco na criança, no adolescente e no contexto comunitário” (BARROS, 2009, p.21). A investigação de Barros destaca: elos com a leitura, elos mediadores, elos territoriais e comunitários e elos com o Prazer em Ler e resalta aspectos que contribuem e outros que podem dificultar as práticas de leitura com crianças.

Nesse sentido, pretendo chamar atenção para a influência transversal que acabe com os antagonismos existentes nas relações de controle e poder entre disciplinas e métodos que buscam apenas identificar, precisar e mensurar as relações que envolvem o livro, a leitura, a biblioteca e a tecnologia na esfera coletiva. Mostafa (2012, p. 115) influenciada pelo artigo

de Gerolami (2009) sobre as bibliotecas na sociedade do controle, expõe que “são bem visíveis as novas armas da Biblioteconomia e Ciência da Informação nesta sociedade de controle, fazendo essas áreas ora velozes ora lentas em seus movimentos sobre a Terra”. Para a autora, a BCI como uma área de saber ou uma profissão apresenta movimentos (ou linhas) de estratificação – linhas duras, molares, e linhas moleculares, mais moles, mais flexíveis”. Essas linhas flexíveis são também “linhas de fuga, por onde este rizoma ou agenciamento chamado BCI cresce e se multiplica”. Mostafa (2012, p.115) chama atenção que assim como todo movimento, há perigo tanto na linha de estratificação quanto na linha de fuga, “a primeira por paralisar os acontecimentos e as relações, e a segunda, por fugir tanto que não consegue mais consistência para formar o tecido, e, assim, morre ou fazer morrer o que já se tinha cultivado.”

Nesse cultivo, emerge as “linhas de visibilidade, de forças, enunciações e subjetivação” (KASTRUP; BARROS, 2014, p.79) e seguindo essa abordagem, Mostafa (2012) assinala que são “linhas atuando juntas em qualquer agenciamento: as linhas duras de estratificação, as linhas moleculares que permitem mudança e as linhas de fuga. Elas são imanes à qualquer instituição, pessoa ou processo” (MOSTAFA, 2012, p.215). Processos estes que podem ser exemplificados como as práticas articuladas a leitura, a brincadeira, a apropriação tecnológica, a apreciação e recepção artística que fazem parte desse maquinismo que também relaciona a Escola, o Estado, a Cidade e a Subjetividade humana. Mantida por bibliotecárias, equipe de trabalhadores da cultura e educação, arte-educadores e mediadores, a Rede Leitora Terra das Palmeiras traça linhas moleculares que permitem fugir das significações fechadas e unívocas. A cartografia como pesquisa-intervenção, assim constituída, agencia objetos intangíveis, semióticos, singularizações a partir da apropriação de máquinas informacionais. Os conceitos aqui elencados são matrizes problematizadoras que permeiam o pensamento contemporâneo, ilustrando a relevância de pesquisas que buscam compreender a dimensão coletiva das tecnologias e as paisagens subjetivas que se configuram.

Mostafa (2012, p.112-113) coloca que é a “filosofia que propõe novas ordenadas cartográficas, latitudes e longitudes que traçamos. Se é assim, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação têm muito a ganhar ao se aproximar da filosofia de Deleuze e Guattari”, pois isso permite “traçar novos percursos, novos mapas e novos encaminhamentos”. Em conformidade com a visão da autora, espero iniciar esse longo percurso metodológico de

tendência transversal e desenvolver conexões polifônicas das práticas sociais e micropolíticas. Na próxima seção faço algumas considerações metodológicas. Discorro sobre a cartografia e implicações relativas ao delineamento de uma proposta transversal para acompanhar processos de produção de subjetividade a partir de experiências e vivências nas bibliotecas da Rede.

5.1 Considerações acerca da Cartografia como estratégia investigativa

Essa cartografia da produção de subjetividade que rompe radicalmente com a filosofia analítica, com o lacanismo, com a linguística, como um certo marxismo, mas principalmente com o conceito e as práticas da representação (tanto política quanto linguística), produz um deslocamento do qual será preciso partir para pensar uma política à altura da crise atual (LAZZARATO, 2014, p.190).

Um estudo sobre as máquinas digitais e suas interfaces com a educação e informação procura estabelecer a reconfiguração de algumas noções metodológicas que deslocam as proposições clássicas da produção do conhecimento. Caracterizada como “pesquisa-intervenção” (PASSOS, BARROS, 2014, p.17), esta tese realiza uma narrativa dos agenciamentos processuais que alimentam as concepções e práticas sociais na biblioteca. Essa abordagem qualitativa recusa a separação entre pesquisa de campo, sujeito pesquisador, sujeitos pesquisados, teorias e objetos técnicos, pois tudo está articulado e operado pelos múltiplos agenciamentos coletivos de enunciação. Alvarez e Passos (2014, p.131) afirmam que o “método da cartografia não opõe teoria e prática, pesquisa e intervenção, produção de conhecimento e produção de realidade”. Para os autores, “conhecer não é tão somente representar o objeto ou processar informações acerca de um mundo supostamente já constituído, mas pressupõe implicar-se com o mundo, comprometer-se com a sua produção”.

o trabalho da pesquisa se faz pelo engajamento daquele que conhece no mundo a ser conhecido. É preciso, então, considerar que o trabalho da cartografia não pode se fazer como sobrevoo conceitual sobre a realidade investigada. Diferentemente, é sempre pelo compartilhamento de um território existencial que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e se codeterminam (ALVAREZ; PASSOS, 2014, p.131).

Cartografia como método de acompanhamento de produção de subjetividades em pesquisas contemporâneas no domínio das Ciências Sociais e Humanidades, como na Educação e Psicologia, sob influência do pensamento de Foucault, Deleuze, Guattari e seus comentadores e colaboradores. Essa proposta metodológica é difundida nos escritos

produzidos no Brasil. A perspectiva proposta por este modo de conhecer implica desestabilizar as posições fechadas e constituir a “base de uma proposta ética” (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2014, p.105) e o compartilhamento de um território existencial que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam, uma rede de relações como enfatizam Escóssia e Tedesco (2014, p.105). É nessas relações entre experiências e no ato responsável que a cartografia busca acompanhar os movimentos das subjetividades e territórios, pois conforme Barros e Kastrup (2009, p.73-74), “cartografar é acompanhar processos”:

[...] a processualidade está presente em cada momento da pesquisa. A processualidade se faz presente nos avanços e nas paradas, em campo, em letras e linhas, na escrita, em nós. A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra. O acompanhamento de tais processos depende de uma atitude, de um *ethos*, e não está garantida de antemão. Ela requer aprendizado e atenção permanente, pois sempre podemos ser assaltados pela política cognitiva do pesquisador cognitivista: aquele que se isola do objeto de estudo na busca de soluções, regras, invariantes. O acompanhamento dos processos exige também a produção coletiva do conhecimento. Há um coletivo se fazendo com a pesquisa, há uma pesquisa se fazendo com o coletivo. A produção dos dados é processual e a processualidade se prolonga no momento da análise do material, que se faz também no tempo, com o tempo, em sintonia com o coletivo. Da mesma maneira, o texto que traz e faz circular os resultados da pesquisa é igualmente processual e coletivo, resultado dos muitos encontros (BARROS; KASTRUP, 2014, p.73-74).

Conforme as autoras, a “ética do cartógrafo é uma ética transdutiva e transversal que se traduz na capacidade de transferência amplificadora e intensiva, na qual sujeito e objeto de pesquisa se apresentam como duas dimensões distintas”, porém existe uma inseparabilidade de uma mesma realidade reticular entre sujeito e objeto. (BARROS; KASTRUP, 2014, p.74).

A escolha da cartografia como estratégia de pesquisa foi relevante para perceber a biblioteca como instituição coletiva e tecer um olhar diferenciado para as novas práticas e apropriações que desterritorializam as definições fechadas, estabilizações e dicotomizações. Esse aprendizado possibilitou seguir diferentes situações e trajetos e exigiu também um saber agir responsável e atento, que implica mobilizar, relacionar e associar conhecimentos para descrever e analisar as bibliotecas como territórios afetivos. Isto posto, observei que o coletivo se transforma com a pesquisa e os processos em curso afetam a produção de dados e informações, portanto, “[...] ver, ouvir, sentir, pensar, perguntar, registrar, escrever e comunicar como parte das inquietações metodológicas” (ZANELLA, 2013, p.16). A pesquisa cartográfica como referencial potencializa a compreensão e criação de conceitos a partir de

atualizações de processos coletivos em territórios agenciados por práticas colaborativas, já que leva em consideração as demarcações de semiotização sob um prisma qualitativo, participativo e ampliado.

O método cartográfico comporta uma concepção ampliada de conhecimento. Não mais restrito à descrição e/ou à classificação dos contornos formais dos objetos do mundo, conhecer é também acessar o movimento próprio que os constituem, ou seja, conhecer a realidade é traçar seu processo constante de produção. Numa perspectiva pragmática do conhecer, afirmamos ainda que acessar o plano das forças é já habitá-lo e, nesse sentido, os atos de cartógrafo, sendo também coletivos de forças, podem participar e intervir nas mudanças e, principalmente nas derivas transformadoras que aí se dão. (BARROS; KASTRUP, 2014, 73-74).

Com base nesses referenciais, entendo que traçar os trajetos que movimentam a subjetividade é demarcar conexões e manter um olhar flexível, desmontável, pois a cartografia consiste no “[...] acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p.36). Na mesma perspectiva, Romagnoli (2009), afirma que a cartografia se apresenta como valiosa ferramenta de investigação, exatamente para abarcar a complexidade, zona de indeterminação que a acompanha, colocando problemas, investigando o coletivo de forças em cada situação, esforçando-se para não se curvar aos dogmas reducionistas. Contudo, mais do que procedimentos metodológicos delimitados, a cartografia é para autora, um modo de conceber a pesquisa e o encontro do pesquisador com seu campo, pode ser compreendida como método, como outra possibilidade de conhecer, não como sinônimo de disciplina intelectual, de defesa da racionalidade ou de rigor sistemático para se dizer o que é ou não ciência, como propaga o paradigma moderno, conclui a autora.

Prado Filho e Teti (2013) ratificam que uma cartografia faz diagramas de relações, enfrentamentos e cruzamentos entre forças, agenciamentos, jogos de verdade, enunciações, jogos de objetivação e subjetivação, produções e estetizações de si mesmo, práticas de resistência e liberdade. Prado Filho e Teti acrescentam que é bom lembrar ainda que existem tantas cartografias possíveis quanto campos a serem cartografados, o que coloca a necessidade de uma proposição metodológica estratégica em relação a cada situação ou contexto a ser analisado, indicando que dessa perspectiva, método e objeto são figuras singulares e correlativas, produzidas no mesmo movimento, e que não se trata aqui de metodologia como conjunto de regras e procedimentos preestabelecidos, mas como estratégia flexível de análise crítica.

É importante também frisar que a pesquisa-intervenção no presente estudo não se concentra em juízos de valor, não reproduz a rigidez das avaliações e nem diagnóstico de serviços e produtos desenvolvidos nas bibliotecas investigadas. A intenção foi compreender os modos de gestão compartilhada, não reduzir a complexidade das atividades a normas, diretrizes e modelos fechados, aspectos que tanto permeiam as políticas de funcionamento e energizam as hierarquizações das instituições culturais. Foi necessário, então, habitar as bibliotecas de um modo que pudesse relacionar experiências diretas para o aprendizado dos fluxos heterogêneos que operam os modos de saber-fazer dessas instituições.

A instalação da pesquisa cartográfica sempre pressupõe a habitação de um território, o que exige um processo de aprendizado do próprio cartógrafo. Tal aprendizado não será aqui pensado como uma série de etapas de um desenvolvimento, mas como um trabalho de cultivo e refinamento. Aprendizado no duplo sentido de processo e de transformação qualitativa nesse processo. Movimento em transformação. Tal aprendizado não pode ser enquadrado numa técnica e em um conjunto de procedimentos a seguir, mas deve ser construído no próprio processo de pesquisa (ALVAREZ; PASSOS, 2014, p.135).

Assim, para cartografar as práticas criativas nas bibliotecas não definimos procedimentos, instrumentos e recursos previamente, pois ao lidar com a processualidade que reconfigura constantemente os territórios, necessitamos de uma análise que leve em consideração a reinvenção de estratégias da pesquisa, uma reinvenção investigativa que busca a imanência do pensamento, a criação de conceitos (DELEUZE, GUATTARI, 2010) e acompanhamento das dinâmicas das bibliotecas. Ao habitar as bibliotecas e senti-las como territórios existenciais, pude acompanhar sua dinâmica, consegui perceber as transformações existentes, observadas nas visitas realizadas, na firmeza dos olhares, nos apertos de mãos, nos abraços e nas vozes que compuseram as enunciações coletivas.

A pesquisa como um mosaico, cujas peças podem ser movimentadas, conectadas, redimensionadas, permitem rupturas assignificantes de abordagens, objetos, técnicas e subjetividades, o que permitiu compreender as bibliotecas como territórios vibrantes, de intensidades e multiplicidades.

Segundo a perspectiva cartográfica, a construção de um território existencial não nos coloca de modo hierárquico diante do objeto, como um obstáculo a ser enfrentado (conhecer = dominar, objeto = o que objetiva, o que obstaculiza). Não se trata, portanto, de uma pesquisa sobre algo, mas uma pesquisa com alguém ou algo. Cartografar é sempre compor com o território existencial, engajando-se nele. Mas sabemos que o processo de composição de um território existencial requer um cultivo ou um processo construtivo.

Tal processo coloca o cartógrafo numa posição de aprendiz, de um aprendiz-cartógrafo. Nesse processo de habitação de um território, o aprendiz-cartógrafo se lança numa dedicação aberta e atenta. Diferente de uma pesquisa fechada, o aprendiz-cartógrafo inicia sua habitação do território cultivando uma disponibilidade à experiência (ALVAREZ; PASSOS, 2014, p.135).

Construir, criar, cultivar, produzir, experimentar, inventar são infinitivos que condizem com o ato criativo, produção de sentidos que leva em conta as enunciações coletivas das práticas sociais e um olhar multidimensional que possibilita ampliar a compreensões micropolíticas, formulo uma perspectiva que não sustente uma leitura cartesiana de mundo, uma postura para efetuar um olhar transversal para os agenciamentos coletivos de enunciação e para as ressignificações acerca das bibliotecas.

O corpo teórico exposto permitiu uma análise de desqualificação do antagonismo técnico x humano, da divisão entre ciência e universo subjetivo, e da mecanização dos procedimentos de investigações e técnicas de coleta de dados convencionais. A cartografia assume a imprevisibilidade dos movimentos dos espaços de sociabilidade e inclui as redes de comunicação nos processos de singularização produção e partilha de saberes, fazeres e ferramentas. As bibliotecas são instituições que permitem a potencialização da leitura e as atividades desenvolvidas agenciam a literatura e outras linguagens, permitem desenvolver outros universos de referência, ampliar os modos de vivência, acesso às artes e cultura.

Barros (2009, p. 23-24) afirma que nos espaços dedicados à leitura a ênfase na literatura “a literatura tem um papel na produção de subjetividades, ativa e multiplica o traçado de caminhos e estratégias inventivas de vida”. Conforme Barros (2005, p.25):

Neste contexto, a subjetividade é indissociável da ideia de produção. Ao contrário do sujeito fixo, cartesiano, que tem um pensamento que o separa do mundo, as subjetividades estão em constante transformação e têm relação direta com o território existencial, histórico e afetivo que habitam. A leitura se insere no âmbito das práticas de produção de subjetividade. Ao considerarmos subjetividades em processo de produção no lugar de sujeitos e objetos dados, nos associamos à ideia de que uma humanidade está sendo criada.

Territórios existenciais que potencializam os processos de subjetivação a partir da mediação da leitura possibilita a produção de imagens do cotidiano, confrontando com a realidade concreta, com as enunciações dominantes e o determinismo operados pelo pensamento moderno. O percurso cartográfico implica a ruptura do discurso disciplinar, de caráter monológico que permeia muitas pesquisas relacionadas à informática aplicada à biblioteconomia. Um olhar qualitativo de procedimentos metodológicos necessita de técnicas

de análise de enunciações a partir do cultivo, da descrição de conteúdo de falas, movimento corporal, formas de expressão e qualquer prática de associação de códigos, saberes, fazeres e experiências. O diálogo transdisciplinar entre biblioteconomia, educação, tecnologia e cultura atenta para os condicionantes históricos, políticos, culturais, éticos e estéticos, visto que produção de subjetividades está intimamente condicionada a agenciamentos processuais. A biblioteca na sua criação crítica em relação às injustiças, aos desafios e perspectivas se articula com as políticas públicas de acesso à informação e com os movimentos de reivindicação de direitos.

Na sequência discorro sobre a experiência de pesquisa-intervenção e as linhas que sinalizaram rupturas com o racionalismo, com a tentativa de buscar por objetividade e neutralidade e do rigor, da precisão das abordagens positivistas e do binarismo existente nos estudos de enfoque dialético. Analisar as bibliotecas que compõe essa rede de heterogeneidades, é muito mais do afirmar que essas instituições trouxeram perspectivas de vida para as pessoas envolvidas, pois nessa dinâmica, as relações alteritárias ampliaram o desejo de inventar outros modos de pensar, falar, fazer e existir, logo outros modos de conceber as bibliotecas.

5.2 Sobre as intervenções

Desenvolver intervenções nas bibliotecas da Rede Leitora Terra das Palmeiras foi uma missão desafiadora. Primeiro porque a Rede já possui programas de dinamização dos espaços das bibliotecas, articulados por projetos de acesso à literatura através de mediação da leitura, porém, tais atividades não abordam conteúdos que permitam apropriação de ferramentas digitais, embora seja visível a presença de dispositivos móveis, publicação de conteúdo nas redes sociais e demais modos de produção e compartilhamento da informação digital.

Segundo desafio, foi demasiadamente complexo conciliar a dinâmica da vida acadêmica aos fluxos econômicos e sociais que se configuraram nos últimos 2 anos. A atual conjuntura política tem forte impacto no fomento das práticas de ensino, pesquisa e extensão. Todavia, esse contexto impulsionou movimentar ações em prol da educação e cultura no país que reivindicou um olhar ético-político sobre as práticas acadêmicas e pedagógicas que sustentam a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e extensão. Severino (2007) assinala

que a medida que a Universidade privilegia o ensino transmissivo, não prioriza a pesquisa e também a extensão, já que “esse centralismo no ensino come dois graves equívocos: um, epistemológico, ao negligenciar a exigência da postura investigativa, e outro, social, ao negligenciar a extensão. Mas o pedagógico não se sustenta sem estes dois pilares” (SEVERINO, 2007, p. 31-32).

Além das implicações epistemológicas e sociais, a extensão, como prática pedagógica, assim como a pesquisa, é pensada como intervenção sustentada por pilares tecnocientíficos, estéticos e ético-políticos, concepções que permitiram desenvolver ações descentralizadas em bibliotecas articuladas pela sociedade civil. As ações nas bibliotecas possibilitaram ampliar a sala de aula, desenvolver as atividades coletivas, planejadas e executadas em parceria com os alunos e alunas da graduação, professoras, mediadoras, bibliotecárias e leitores da Rede. Frente a esse cenário, deparei-me com a oportunidade de trocar experiências, observar as opiniões e definir um plano de forças que intensificam o movimento de conhecer novas ferramentas, reconfigurar normas, solucionar desafios e aprender a criar e compartilhar com o outro. Assim, acredito que a atividade de pesquisa é “uma ação criadora de mundos e sujeitos” (BARROS; SILVA, 2014, p.128).

Para efetivar um estudo que modifica essas ações coletivas “o pesquisador precisa lidar com um patrimônio constituído na história dos modos de fazer pesquisa, faz escolhas por direções e, ao mesmo tempo, lida com a emergência do singular” (BARROS; SILVA, 2014, p.129). Ao escolher uma direção, um saber-fazer pesquisar, comecei a delinear um plano de atividades para formatar uma oficina para intervir em bibliotecas existentes no Maranhão. Com base nas experiências de campo nas cidades maranhense em Mirinzal e Guimarães, pensei na possibilidade de efetuar uma investigação sobre a apropriação cultural e tecnológica a partir de algumas atividades pedagógicas realizadas durante o Projeto Piloto desenvolvido no curso de Letras³ (UFMA) no município de Guimarães. Nesta ação, discutimos diversas questões relacionadas a leitura, escrita, bibliotecas e tecnologias, desenvolvemos atividades de produção textual que envolveu narrativas, histórias de vida e memórias de leitura e publicação de conteúdo na Web. Essa dinâmica permitiu visualizar múltiplas possibilidades de experimentação criativa através das tecnologias e redes digitais em projetos de leitura e formação de leitores.

3 Prática docente referente a disciplina Metodologia de Estudos no curso de Letra do Programa Especial de Formação de Professores para a Educação Básica (PROEB) da UFMA. Essa prática fundamentou a Proposta de Tese defendida em 2015 no PGIE-UFRGS.

Com base em algumas visitas para planejamento das oficinas no município, percebi que devido a questões técnicas e estruturais não seria possível desenvolver atividades práticas de uso das ferramentas, já que a conectividade com a Internet seria o requisito funcional para executarmos as ações propostas. Esse ponto foi interessante para acionar o debate, pois a questão da conectividade é um problema vigente nas principais cidades maranhenses. O estado do Maranhão ainda apresenta um baixo índice de acesso à Internet, Bastos (2015) aponta, com base nos dados oficiais do IBGE, que o estado tem apenas 12,5% dos domicílios com acesso à Internet, bem abaixo da média nacional. Os números mostram que apesar de ostentar os piores indicadores, o estado registra um esforço para a redução da exclusão digital (BASTOS, 2015). Tal distanciamento amplia as desigualdades e solidifica a exclusão social, já que, o problema da exclusão está estritamente relacionado a questão das políticas públicas de informação, comunicação e cultura.

Todo esse impasse envolve aspectos relacionados a infraestrutura, extensão territorial, renda, mas também observo que existe uma incipiência de políticas públicas. Essa diversidade necessita está melhor sistematizada em polos para ligar instituições como escolas, bibliotecas, órgão públicos e sociedade civil em geral. O modelo de negócios para a imersão no território digital é centrado na relação contratual de prestação de serviços, neste caso, as empresas de telecomunicações, muitas destas que inclusive possuem Institutos de apoio a causas sociais, não contribuem para projetos de conectividade, não possuem uma preocupação em levar Internet aos lugares distantes dos grandes centros. Do ponto de vista logístico e financeiro, esse tipo de investimento para essas corporações não é rentável a curto prazo, esse é um dos pontos que podem sustentar o debate sobre as políticas de inserção tecnológica.

Nas práticas de orientação de trabalho⁴ de conclusão de curso, conseguimos observar algumas dessas questões que envolvem o chamado acesso pago, em 2009 ainda era predominante o acesso pelas *lan-houses* e, mas dificilmente as bibliotecas são enfatizadas como território propício a essas ações de apropriação de dispositivos digitais. Vale ressaltar que acompanho e participo de desde 2008 de projetos articulados na capital maranhenses. Alguns projetos envolvem ações de inclusão social através de cursos de capacitação em informática e oficinas que trabalham o protagonismo juvenil⁵. Nos últimos 5 anos essa realidade mudou e discutir a democratização da Internet precisa levar em consideração o

4 Monografias relacionadas as temáticas exclusão digital, competência informacional e acessibilidade em meios digitais.

5 Projeto Jogar a Rede e Fábrica de (Des)montação (redeamigadacrianca.org.br).

cenário da mobilidade, da telefonia móvel. O fenômeno dos celulares inteligentes, a febre dos aplicativos e as formas de conexão e interação via espectro móvel, contudo o acesso as redes móveis ainda é problemático e esse hiato impacta diretamente na sustentabilidade e longevidade de projetos articulados pela sociedade civil, pois deixam de fornecer acesso gratuito à internet para as pessoas no entorno, atividades de formação e serviços de governo eletrônico.

Nos municípios do estado do Maranhão, o acesso à Internet é geralmente via operadoras de celular, assim em conformidade com a visão de Biazus (2009, p.10), “pensar uma inclusão digital já não é o foco dos projetos uma vez que as tecnologias móveis e ubíquas parecem estar da tal modo imbricadas em nosso meio que pensamos já esta todos imersos e vivenciando o ser digital”. Apesar desta inclusão, observei que existem questões de base ainda estrutural no Estado, como a velocidade de transferência de dados e valores definidos pelas operadoras de telefonia móvel nem sempre condizem com o que é publicizado.

“Ah aqui agente usa é a operadora X, pois é a única que funciona, 50 centavos por dia, é o jeito”, relatou uma das estudantes do município de Guimarães ao discutirmos o papel das tecnologias nos domicílios, instituições de ensino, órgãos públicos e organizações sociais. A fala da estudante reflete que muito bem a precariedade dos sistemas educacionais e culturais, devido a falta de maior compromisso por parte da gestão pública e articulação com as prestadoras de serviços de acesso a rede alta velocidade. Como então conceber as bibliotecas articuladas às múltiplas expressões, linguagens e tecnologias se ainda estamos estagnados em uma problemática de base estrutural?

Ferreira (2007) estudou a questão da negação de direitos de acesso à informação através da discussão dos fatores que levam o Estado do Maranhão a situação de desigualdade e afirma “o pouco investimento na área de cultura e em especial a inexistência de uma política de informação e leitura contribui para acentuar o problema”. Conforme a pesquisa “Informação e Desigualdade Social no Maranhão” coordenada por Ferreira (2007), as desigualdades digitais ocasionadas pela falta do acesso as tecnologias de informação e da comunicação por parte significativa da sociedade ampliam as desigualdades sociais”. A pesquisa trabalhou com indicadores de desigualdades digitais no Maranhão e discutiu os desafios e mecanismos que podem transformar as condições de exclusão sociais e digitais em que estão inseridos muitos dos cidadãos maranhenses, situando o profissional da informação

como mediador entre o cidadão, a informação e o conhecimento (FERREIRA; TEIXEIRA; BORGES, 2008). Conforme os autores:

percebe-se claramente o modelo concentrador e excludente em que se formaram, persistem historicamente, as desigualdades no Maranhão. São inúmeras as evidências que indicam que é pela via de uma proposta inclusiva e democrática que se poderá garantir o acesso aos benefícios da sociedade informacional através das tecnologias de informação e da comunicação, na mesma medida estruturar um papel social a estas ferramentas, gerando desenvolvimento, igualdade, equidade e justiça social a todos e todas (FERREIRA, M.; TEIXEIRA, C.; BORGES, 2008)

Ao refletir sobre a questão do acesso à informação no estado do Maranhão, realizei um levantamento de fontes que pudessem sustentar uma discussão a respeito das políticas públicas na atualidade. Verifiquei que existem dois projetos a nível estadual que buscam trazer melhores perspectivas, porém, percebo que estas políticas ainda estão desconectadas com as instituições culturais e também não atendem a demanda, possuem baixa qualidade e se concentram nos grandes centros. Destaco o programa Cidadania Digital que contempla a criação dos Pontos Digital e o Pontos do Saber como exemplos de políticas de inserção de TICs na sociedade maranhense e mais recentemente “o projeto básico para a implantação do Cinturão Digital, programa que vai levar internet em banda larga ao interior do Maranhão” (SECRETARIA, 2016). O “Cidadania Digital”, do Governo do Estado, é coordenado pela Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI), e objetiva “oferecer pontos de acesso gratuito de internet e prevê um conjunto de medidas visando melhorias de indicadores sociais e está mudando a rotina de vários maranhenses.”

Além da melhoria de infraestrutura de acesso, o programa ‘Cidadania Digital’ também contempla as chamadas ações de ponta, voltadas para resolver o acesso emergencial de quem ainda não o possui. Entre estas ações estão a criação dos ‘Pontos Digitais’ e dos ‘Pontos do Saber’ e instalação do serviço de Wi-fi grátis nas feiras da Cidade Operária e Anjo da Guarda em São Luís (SECRETARIA, 2016).

Como pode ser visualizado, existe ainda muito trabalho para estreitar a brecha digital, pois a maioria dos programas são concentrados na capital. Embora não proponho fazer uso de indicadores para desenvolver uma pesquisa de cunho quantitativo, é importante tomar os dados do último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para visualizar os distanciamentos sociais. Dados do IBGE mostram que em 80,4% dos domicílios do Maranhão não há acesso à internet, e em 79,1% não há computadores. Sobre a questão, a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovação, as ações do governo visam promover

a cidadania digital principalmente em regiões mais carentes desse serviço. Por meio do Cinturão Digital será levada internet em banda larga para prefeituras e órgãos públicos do interior do Estado, além de melhorar a infraestrutura de acesso da população (SECRETARIA, 2016).

Esses dados ilustram que ainda é necessário a implementação de estruturas físicas para depois desenvolver programas articulados entre diversas instituições, pessoas e ferramentas para efetivar políticas públicas condizentes a multidão das cidades. Diante do exposto, não foi possível realizar as oficinas nas bibliotecas que existem nas comunidades de Guimarães e Mirinzal⁶ como definido na Proposta de Tese de Doutorado, apesar das intervenções realizadas e das discussões disparadas nos municípios, seria complicado desenvolver as ações extensionistas devido aos custos de deslocamento e aos problemas da infraestrutura das bibliotecas, desta forma, optei por desenvolver o estudo na Rede Leitora Terra das Palmeiras.

Devido a essas questões operacionais, foi mais viável realizar a pesquisa-intervenção nas bibliotecas da Rede Leitora Terra das Palmeiras, pois possuem conectividade com a Internet, desenvolvem ações regulares, além proporcionarem melhor mobilidade. Algumas dessas bibliotecas ficam próximos a minha residência, o que permitiu conviver no espaço, uma pesquisa imersa na experiência coletiva, sentindo a duração e as intensidades dos fluxos. Pude habitar este território juntamente a família, o filho realizou empréstimo de livros infantis e manipulou os objetos técnicos que compõe a bibliotecas, quadros, tapetes educativos, brinquedos, miniaturas, obtivemos livros para finalizar seus textos, encontrei obras de autores bibliotecários maranhenses que serviram para discutir alguns pontos desta tese.

É importante destacar essas questões que envolvem as múltiplos modos de “acessar a biblioteca”, não só como professor-bibliotecário-pesquisador, mas como um leitor vizinho da biblioteca, pois ao vivenciar os espaços, efetuei um olhar diferenciado e deslocado sobre os objetos que ali estavam inseridos nas bibliotecas, pensei na noção de instalação, ao verificar o inventário e acervo, biblioteca como uma instalação artística que envolve leitura, literatura e outras expressões. Tudo isso reforça que estávamos em um novo território, devir-biblioteca.

6 Bibliotecas Comunitárias Vaga Lume: <http://vagalume.org.br>

Essa Rede de interligações distribuídas, agrega política, direitos civis, Rede de bibliotecas geridas pelas comunidades, pensamento em rede e criação de novos universos. A Rede possui um engajamento político, pois participa de ações de incidem em políticas públicas culturais, possuem voz ativa nos congressos, assembleias e reuniões no Plano Municipal e Estadual do Livro, Leitura e Bibliotecas. Rede de ações e ações em Rede, já que muitas mobilizações são organizadas pelas redes sociais e também se conecta a entidades, ONG's e Institutos Comunitários para unir forças e reivindicar que os direitos sejam garantidos. Ao perceber o contexto micropolítico, o ciberativismo, a literacia digital e formação de acervo que não se resume a coleções de obras didáticas, ficou evidente a potência da Rede, já que muitas iniciativas comunitárias de criação de bibliotecas possuem uma visão distorcida das políticas de formação de acervo, muitas coleções que compõe o acervo dessas iniciativas são obras didáticas, livros desatualizados e nem sempre possuem um engajamento social e nem atuam na promoção de atividades artísticas, mediação da leitura e informação.

Ao verificar essas forças que movimentam as bibliotecas, precisei criar estratégias para acessar e descrever essas experiências em Rede. A priori pensei em aplicar instrumentos para identificar através questões abertas e fechadas, entrevistas semiestruturadas como exige alguns manuais de metodologia científica, mas ao dialogar com as bibliotecárias no intuito de acessar as suas experiências, saber como se articulam e quais as apropriações tecnológicas, percebi as aberturas e diálogos possíveis que entrevistas livres proporciona. Miguel (2010) indica que a entrevista é “capaz de quebrar isolamentos grupais, individuais e sociais, podendo também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação”.

Na primeira visita a uma das bibliotecas, mergulhei na experiência de investigar coletivamente, pois na conversa com as bibliotecárias, mediadoras e leitores que ali se encontravam, discutimos a ações das bibliotecas, como estas são organizadas, quais programas e aspectos tecnológicos, os problemas da inserção das bibliotecas nesses territórios, enfocamos a automação, a presença na Internet, mídias sociais e material de divulgação, ou seja, aspectos que envolvem a produção criativa, gestão das bibliotecas e como funciona a gestão de conteúdo sobre a Rede. A partir dessa vivência, consegui capturar “o plano coletivo de forças” (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2014, p.92) presente nas práticas de ativismo em rede, as mediações tecnológicas, experimentações criativas e gestão responsável no fortalecimento das instituições. “O ato ético, portanto, possui um poder de amplificação, de

propagação e ressonância que o inscreve na rede de outros atos.” (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2014, p.92).

Conforme as autoras, “não é uma simples integração entre atos, uma vez que a ressonância não se passa na ordem do logos (embora intervenha também sobre esta) nem se confunde com a relação de harmonia entre membros de uma comunidade”. Escóssia e Tedesco (2014) afirmam que “agir eticamente significa se colocar como ponto singular de uma infinidade aberta de relações, sem que sua ação se ampare em normas que funcionam como formas a priori, impostas do exterior à ação”.

A reticularidade do ato ético é o que permite passar de uma dimensão normatizante para uma dimensão de amplificação do agir. A ética do cartógrafo é, portanto, uma ética transdutiva e transversal que se traduz na capacidade de transferência amplificadora e intensiva, na qual sujeito e objeto de pesquisa se apresentam como duas dimensões distintas, porém inseparáveis, de uma mesma realidade reticular. É também a inseparabilidade entre sujeito e objeto que anima a cartografia no duplo desvio que esta propõe ao processo de investigação do mundo. (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2014, p.92).

Escóssia e Tedesco (2014) assinalam que as perspectivas representacionais, o mundo é conhecido pela linguagem e cognição, analisa-se os discursos com base nas divisões significante/significado, sujeito pesquisador/pesquisado, na cartografia conhecer é participar da processualidade, das constantes criativas, conforme “abandono da explicação de individualizados estabilizados” e “abandono da separação entre conhecimento físico” e “social, entre sujeito e coisa estudada”, de acordo com a perspectiva de Escóssia e Tedesco (2014):

o método cartográfico comporta uma concepção ampliada de conhecimento. Não mais restrito à descrição e/ou à classificação dos contornos formais dos objetos do mundo, conhecer é também acessar o movimento próprio que os constituem, ou seja, conhecer a realidade é traçar seu processo constante de produção. Numa perspectiva pragmática do conhecer, afirmamos ainda que acessar o plano das forças é já habitá-lo e, nesse sentido, os atos de cartógrafo, sendo também coletivos de forças, podem participar e intervir nas mudanças e, principalmente nas derivas transformadoras que aí se dão. (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2014, p.106-107).

Indagar, questionar, investigar, debater, discernir sobre as articulações e a infinidade aberta de relações da Rede, assim, cartografar os modos de apropriação tecnológica no fazer criativo em bibliotecas não é descrever habilidades e competências, avaliação de *softwares* utilizados, estudos de usuários, comportamento de busca, interações em rede e mídias produzidas. A biblioteca como instituição protagonista nesse cenário, já que a

biblioteca possui condições necessárias para propiciar essas formas de acesso e apropriação digital, uma ruptura significativa, deixa de ser concebida apenas como significação de acesso, como lugar de leitura e pesquisa escolar. Essa concepção, permitiu conhecer e acessar o plano coletivo de forças, poder participar das atividades de mediação de leitura e intervir nas mudanças através da participação como responsável por uma oficina e acompanhar os fluxos que transformaram os territórios das bibliotecas pesquisadas.

A participação responsável, permitiu relacionar a multiplicidade, as forças que fazem a biblioteca ir além das suas funções majoritárias. Olinto (2010, p.80) em seu artigo discorre sobre a biblioteca pública como instituição facilitadora do uso das TICs, aborda “a crescente multiplicidade de fontes de informação atualmente acessíveis dos mais diversos lugares”. A questão das constantes mudanças tecnológicas permitem afirmar que neste cenário, há uma necessidade de reconfigurar concepções, práticas e fornecer ferramentas para tornar disponível e acessível diversas iniciativas para apropriação informacional.

As iniciativas voltadas para a democratização do uso das TICs e da internet – valorizadas tanto pela sua relevância no momento atual, quanto pela necessidade de combater as desigualdades sociais que as acompanham – mostram, entretanto, que não basta disponibilizá-las, pois aspectos ambientais – socioculturais e políticos – são fundamentais para o sucesso das iniciativas (OLINTO, 2010).

Os aspectos apresentados por Olinto estabelecem interseções políticas, ambientais, culturais e tecnológicas, nessa transversalidade a autora reflete o sobre o papel das bibliotecas públicas neste cenário e aponta para:

[...] uma tendência à redefinição das suas funções, passando a destacar o acesso público à internet e a promoção, não apenas o atendimento das necessidades de informação do usuário, mas também sua competência em informação, sua participação cívica, seu acesso ao e-governo, contribuindo assim para o processo democrático (OLINTO, 2010, p.88).

Esta tendência é visível, quando observei a dinâmica das bibliotecas, ao visitar a Biblioteca Monteiro Lobato, verifiquei que existe um grande fluxo de estudantes que frequentam o espaço e não fazem uso de obras didáticas, não estão na biblioteca para cumprir com as obrigações escolares, “a maioria leva livros juvenis, aquelas séries”, aponta o mediador para uma coleção de livros juvenis sucesso de vendas. O mesmo mediador também comentou que apesar de a biblioteca não possuir computadores para pesquisa na Internet, sempre que possível existe a demanda por serviços do tipo impressão (paga-se um pequeno valor), informações sobre vestibular e serviços de consulta a título, local de votação, etc.

Conforme depoimento do mediador, “alguns vêm para biblioteca para obter informações sobre o ENEM, pegar gabarito, essas coisas de colégio”, informou o mediador e isso foi importante, pois na Biblioteca Monteiro Lobato, por exemplo, em todas as visitas realizadas (descrita na seção 5.4), observei movimento de estudantes, isso demonstra que também existe uma articulação com a escola, são relevantes para a escola e ao mesmo tempo, algumas dessas bibliotecas não possuem livros didáticos. Vale ressaltar que os livros didáticos são fontes de informação que não fazem parte das políticas de formação e desenvolvimento de coleções das bibliotecas da Rede. Todos os gestores, mediadores e bibliotecárias exercem uma responsabilidade de perceber a relação do acervo com as ações de mediação, agendar atividades, realizar novas aquisições e realizar a curadoria e difusão do material. Basicamente as bibliotecárias trabalham na parte gerencial e área de comunicação na Rede, existe um profissional destinado a publicação de conteúdos sobre a Rede nas mídias sociais e blog.

Observei que há um compromisso com a gestão das bibliotecas, mas há um distanciamento na relação tecnologia-biblioteconomia, pois observei que as bibliotecárias poderiam atentar para a tecnicidade das ferramentas digitais, mas isso é devido à quantidade de serviços que as bibliotecárias executam, pois o ideal seria que cada instituição tivesse uma profissional. Como comenta a bibliotecária quando indagada sobre essa questão:

“É muito trabalho, coordenar a catalogação, realização de pesquisa de preço para novas aquisições, já que temos recursos financeiros para compra de livros e desenvolvimento de ações e nem sempre temos tempo para desenvolver oficinas que envolvem a informática”.

Mesmo diante de tal problemática é relevante chamar atenção para um maior envolvimento com as práticas de apropriação digital. Nesse sentido, a bibliotecária como poderia desenvolver atividades mais intensivas para experimentações com base nas tecnologias e redes digitais. Há de convir que as bibliotecas comunitárias e escolares como espaços públicos ainda carecem de uma estrutura material para desenvolver suas ações. Sobre essa questão da conectividade, observei que apesar de todas as bibliotecas trabalharem em rede, a conexão com a Internet não apresenta estabilidade, o que dificulta a realização de trabalhos que demandam de uma maior largura de banda, como baixar e enviar vídeos, fazer *streaming*, a biblioteca poderia fazer videoconferências, instalações interativas e fornecer um catálogo *on-line* e sistema para reservas e renovações via Internet. Ainda sobre essa base material, destaco que esta variável ocasionou alguns problemas para a realização da oficina de tecnologias para produção criativa (seção 5.5).

Observo a necessidade de uma mais atenção a esses territórios, ao transitar pelas ruas observei uma diversidade de pessoas, principalmente jovens e trabalhadores ambulantes, comércios, escolas, serralherias, padarias, feira. Diversos fluxos. O interessante é que uma das bibliotecas fica próxima a uma iniciativa de acesso público à internet, projeto Cidadania Digital localizado na feira do Bairro da Cidade Operária, que segundo o governo do estado, pretende mudar a vida de maranhenses oferecendo acesso a conhecimento e inclusão digital. Ao experimentar tal serviço público em um celular, pude perceber que a conexão é de baixíssima velocidade, ou seja, a questão estrutural ainda é o fator primordial, tanto no acesso público quanto no privado, desta forma, indico a necessidade de estudos mais aprofundados sobre a temática da “cidadania digital” e ressalto ainda que futuras investigações sobre o tema, podem envolver os aspectos técnicos, políticos e educacionais, para o acesso ao conhecimento e inclusão.

O uso mais intensivo da Internet por parte dessas bibliotecas podem contribuir para o livre acesso, como também utilizar seus recursos e mídias colaborativas da Web não apenas para divulgar suas atividades, mas também como proposta de discussão, diálogo sobre os livros e ações que se articulam nas bibliotecas, já que as mesmas são organizações sem fins lucrativos e que possuem uma relevância para inserção tecnológica nos territórios onde reina a desigualdade e escassez de políticas públicas em cultura e informação.

Sales e Silva (2014), discutem as contribuições das Tecnologias de Informação e Comunicação para as organizações sem fins lucrativos através da apresentação de dados do Comitê Gestor de Internet (CGI). A proposta do CGI é compreender o estágio de adoção das TICs nas organizações sem fins lucrativos brasileiras e sua apropriação pelas pessoas que nelas atuam, buscando investigar também as possíveis barreiras e motivações que podem alavancar esse uso. Sob os auspícios do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), o CGI desenvolve diversos estudos sobre temáticas vinculadas ao acesso às tecnologias e redes de informação e comunicação no território brasileiro.

Conforme pesquisa do CGI. no Brasil, menos da metade das organizações sem fins lucrativos que utilizaram a Internet, em 2014, tinham um site (35%), embora 60% delas estivessem presentes em redes sociais, blogs ou fóruns. A presença dessas organizações nas redes sociais foi consideravelmente mais alta do que a das empresas brasileiras (CGI.br, 2014). De acordo com a pesquisa, a maior parte dos websites da sociedade civil no Brasil

ainda não conta com ferramentas participativas. Os recursos menos ofertados nos sites, segundo a pesquisa, foram precisamente aqueles que apresentam algum grau de interação, mas que podem ser considerados complexos, englobando atividades que demandem conhecimento especializado para operar e gerir. Nesse sentido, destacaram-se: ferramentas de prospecção de recursos (22%); acesso a petições, campanhas on-line ou de coleta de assinaturas (19%); e um ambiente de educação a distância (17%) (CGI.br, 2014). Em relação à interação com as atividades governamentais, as organizações brasileiras sem fins lucrativos reportaram a prestação de contas de departamentos públicos e controle social em menor escala, por exemplo, ao monitoramento dos serviços públicos (34%) e à busca de informações sobre gastos públicos/orçamento do governo (32%). (CGI.br, 2014).

O estudo do CGI defende a necessidade de “uso das tecnologias para converter informação em conhecimento, principalmente para as organizações sem fins lucrativos, pois o conhecimento para elas tem o potencial de capacitar as pessoas a melhorar sua condição de vida”. Não só essa visão cartesiana de converter informação em conhecimento, ao adotar ações que incitem em políticas de inserção tecnológica, tais mudanças permitem desenvolver ações que estabeleçam movimentos, modos de existência para criar territórios de diversidade e de multiplicidade, pois muitas iniciativas que visam “capacitar” pessoas, reproduzem toda uma visão mecanicista e instrumental da técnica, ou ainda uma “noção dramática e apaixonada do progresso técnico” (SIMONDON, 1958) que funcionam como dispositivo de sujeição social.

Diante dos pontos elencados, as oficinas ganharam um rumo diferenciado do que tinha sido formulado anteriormente na Proposta de Tese. Mas como acompanhar o andamento dos processos é muito mais do que uma descrever uma experiência, é narrar a processualidade do acontecimento e não estabelecer uma posição fechada, uma estrutura ordenada e sequencial de atividades para identificar as funções de cada indivíduo e avaliar as formas de apropriação do conhecimento pelas pessoas que formam a Rede. Outros questionamentos, problemáticas e desafios foram colocados como possíveis soluções para sanar tal impasse. Pensei em elaborar um questionário para identificar dados socioeconômicos, serviços, produtos, atividades e uso de recursos tecnológicos nas bibliotecas da Rede. Os questionários seriam aplicados aos usuários em períodos determinados e também seriam realizadas entrevistas semiestruturadas as bibliotecárias e mediadoras, após a tabulação dos dados, seria desenvolvido um Plano de Trabalho para executar oficinas nas bibliotecas que compõe a Rede

de acordo com a estrutura e o “perfil” das pessoas que formam a Rede. Mas será que a busca por uma precisão científica através da aplicação de um instrumental para “coleta de dados” legitimaria a pesquisa e auxiliaria na análise das práticas desenvolvidas nas bibliotecas “objetos de estudo”?

Conforme Passos e Barros (2014, p.30), “defender que toda pesquisa é intervenção exige do cartógrafo um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga”. As autoras colocam que:

Conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas. Quando já não nos contentamos com a mera representação do objeto, quando apostamos que todo conhecimento é uma transformação da realidade, o processo de pesquisar ganha uma complexidade que nos obriga a forçar os limites de nossos procedimentos metodológicos. O método, assim, reverte seu sentido, dando primado ao caminho que vai sendo traçado sem determinações ou prescrições de antemão dadas. Restam sempre pistas metodológicas e a direção ético-política que avalia os efeitos da experiência (do conhecer, do pesquisar, do clinicar etc.) para daí extrair os desvios necessários ao processo de criação. (PASSOS E BARROS, 2014, P.30)

Passos e Barros (2014, p.30-31) afirmam ainda que tal processo se dá por uma dinâmica de propagação da força potencial que certos fragmentos da realidade trazem consigo. Propagar é ampliar a força desses germens potenciais numa desestabilização do padrão. Nesse sentido, conhecer a realidade é acompanhar seu processo de constituição, o que não pode ser. Com base nessas afirmativas, percebi que desenvolver a pesquisa-intervenção a partir da execução das oficinas, disparar discussões e propor atividades para criação de objetos digitais a partir dos *softwares* livres e analisar tal experiência, seria resumir uma pesquisa de campo ao determinismo, tal delimitação reproduz toda uma cultura racionalista de produção do conhecimento.

Para intervir na realidade e inventar coletivamente novos universos de referência, habitar o território das bibliotecas, cotidiano como fonte de aprendizagem e produção do conhecimento, foi necessário romper com a posição de professor-pesquisador, pois geralmente a identidade estável, estabelece hierarquizações, nas vivências nas bibliotecas e como os atores que formam a área, estava plena individuação, estive como usuário, leitor da biblioteca, como vizinho, como habitante do território, como bibliotecário-professor-pesquisador, como mediador de oficina, com participante da oficina, devir-pessoa.

Ao longo da pesquisa foi ficando cada vez mais evidente que meu propósito não era executar as oficinas e ensinar os atores da Rede manusearem as funcionalidades das ferramentas apresentadas nas oficinas. Seria ignorar toda potência de fluxos, pois nos primeiros encontros percebi que as pessoas tinham o desejo de criar vídeos, áudios e textos com os *softwares* mencionados, mas algumas mediadoras afirmaram que não tinham tanta “intimidade” com as novas tecnologias, embora façam parte de uma sociedade conectada e utilizam dispositivos digitais diariamente. Foi então que disparou a ideia de sensibilizar, romper com as definições identitárias que tratam as tecnologias como algo distante da realidade, como algo voltado somente a especialistas, percebi que ao tratar das tecnologias, algumas mediadoras teriam mais trabalho, elas poderiam perfeitamente questionar se isso seria realmente relevante, já que a Rede possui uma pessoa da comunicação visual, um profissional *designer* destinado a esse tipo de trabalho. Observei também que teria dificuldade em analisar os objetos criados pelos participantes da oficina e escolher um recurso metodológico para estudar as recepções, práticas e os modos de interação que operaram os atos criativos. Assim, pesquisar com as bibliotecas, bibliotecárias, mediadores e leitores é tomar nota dos fluxos afetivos, modos de articulação e execução de atividades, relações interinstitucionais e, sobretudo, problematizar como as tecnologias são concebidas e apropriadas no trabalho coletivo da Rede.

A pesquisa-intervenção se propagou a partir de reuniões, eventos organizados pelas bibliotecas e oficinas culturais de produção multimídia e gestão descentralizada de conteúdo em ambiente digital. As múltiplas vozes consistiram a coexistência nas bibliotecas da Rede, reuniões, visitas, participação em oficinas para problematizar os aspectos criativos na contemporaneidade. As visitas, as reuniões, entrevistas, conversas informais e a realização das oficinas de apropriação tecnológica, foram experiências que possibilitaram desenvolver a pesquisa de campo e a partir dessas vivências, faço um mapa do processo de intervenção em curso, na intenção de trazer para o debate uma Pedagogia de Biblioteca preocupada com as questões éticas, estéticas e políticas.

As oficinas, reuniões, entrevistas, visitas são acontecimentos que permitiram acionar diversas inquietações e debates, constituídos por múltiplas vozes e enunciações coletivas. Além desses acontecimentos, outras vivências no campo de pesquisa e navegação nas redes sociais e blogs, realização de empréstimos de obras, conversas informais,

observação atenta e convívio para ouvir, observar, perguntar, anotar, responder, num olhar/relato.

A respeito dos recursos e ferramentas para instrumentalizar e auxiliar na produção de informações, realizamos entrevistas em algumas reuniões e oficinas, gravadas e transcritas, o áudio foi capturado durante a realização de oficinas (mais de 30h de conversações) com o *software* livre *audacity* e outras conversas informais, tomei nota, fazendo do diário de bordo, outro dispositivo de suporte para traçar os percursos que mobilizam a Rede. Em algumas reuniões, realizei a gravação com o celular e depois os arquivos de áudio foram importados para o *software* de edição para posterior transcrição e discussão. Esse recurso foi compartilhado com as mediadoras das bibliotecas Paulo Freire, Monteiro Lobato e Josué Montello e demais participantes da oficina, depois notifiquei e pedi autorização, deixei claro que não seriam mencionados nomes e o uso seria estritamente para registro, análise e validação da pesquisa cartográfica.

A observação direta, participante-atuante e as entrevistas como intervenção objetivaram acessar múltiplas experiências, assim, a prática de pesquisa é entendida de acordo com Tedesco, Sade; Caliman (2014, p.94), não como coleta de informações, conteúdo de experiência entendida como um conjunto de dados que a palavra traduziria na organização transparente do relato. Conforme os autores, “a entrevista não se dirige exclusivamente à representação que os entrevistados fazem de objetos ou estados de coisas, os conteúdos das experiências de cada um, frequentemente privilegiados nas pesquisas em geral”.

[...] a pesquisa cartográfica visa ao acompanhamento de processos e, se a entrevista na cartografia inclui trocas de informação ou acesso à experiência vivida, do vivido da experiência relatado na entrevista, e inclua seu aspecto genético, a dimensão processual da experiência, aprendida em suas variações (TEDESCO, SADE; CALIMAN, 2014, p.94-95).

A entrevista nesse estudo é instrumento para produção de dados e informações, realizei entrevistas com as 2 bibliotecárias e 2 mediadoras, além de conversas informais e discussões com algumas mediadoras. A preferência por entrevistas, conversas e observações deve-se a abordagem qualitativa e assim considereei registrar em áudio, tomar notas e fotografar como instrumentos indispensáveis para registro material para posteriormente dialogar com a literatura, não para confrontar a realidade, ou confirmar teorias, mas sim para efetuar uma produção textual articulada as múltiplas vozes e instrumentos. Além disso, essa estratégia facilita a comunicação entre os envolvidos, propiciando assim um grau maior de

interação e influência das informações pertinentes ao estudo do pesquisador e uma maior flexibilidade, pois permite realizar colagens, montagens, conexões com fatos, com “experiências vividas que fazem da experiência do processo de dizer e na análise compartilhada com o grupo de pesquisa” (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2014).

Com a entrevista busquei acessar as experiências, captação imediata para registro de fluxos necessários para produção da informação sustentada pela escuta, interpretação e contextualização. Em razão disso, o principal motivo pela escolha da entrevista deve-se ao fato de tornar o processo de pesquisa mais agradável, flexível, empático e rico em profundidade e atribuição de sentidos. Com base nos diálogos estabelecidos, as seguintes atividades foram desenvolvidas:

- a) entrevistas agendadas com as duas bibliotecárias da Rede;
- b) visitas aleatórias e conversas informais;
- c) observações e participação em atividades de mediação nas bibliotecas;
- d) oficinas de produção criativa, ministradas aos mediadores e as mediadoras;
- e) empréstimos de livros do acervo;
- f) acompanhamento das atividades no blog e redes sociais;
- g) produção coletiva de fotografias e material gráfico para as bibliotecas.

Todas as atividades propostas neste trabalho foram realizadas dentro de datas combinadas as bibliotecárias e em outros momentos, realizei visitas aleatórias para imersão no território, ação necessária para estabelecer diversos diálogos e acompanhamento dos processos informacionais da Rede. Nesse sentido, a entrevista na cartografia considera a inseparabilidade dos dois planos da experiência, Tedesco, Sade e Caliman (2014) assinalam que “a experiência de vida ou do vivido da experiência pré-refletida ou ontológica”. Conforme os autores,

o primeiro plano refere-se ao que usualmente chamamos “experiências de vida”, que advém da reflexão do sujeito sobre suas vivências e inclui seus relatos sobre histórias de vida, ou seja, o narrado de suas emoções, motivações e tudo aquilo que o sujeito pode representar como conteúdo vivido. Já a experiência pré-refletida ou ontológica refere-se à processualidade, ao plano da coemergência, plano comum, coletivo de forças, do qual advém todos os conteúdos representacionais. Esses dois planos não são excludentes, funcionam em reciprocidade. Caso a entrevista vise explorar exclusivamente as opiniões, crenças, atitudes e os valores dos

entrevistados, ela focalizará restritamente as representações vividas, considerando apenas uns dos aspectos da experiência, a dimensão de conteúdo, que, isolada do seu plano genético, aparecerá como um dado representando estados de coisas.(TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2014)

A entrevista como algo sequencial que busca as representações, regimes de signos, estruturas significantes, restrita a obtenção de informações diretas sobre um determinado tema estabelece modelizações identitárias, centradas nas visões do indivíduo, nas sujeições sociais. Muitas abordagens defendem a entrevista como coleta de dados da pesquisa de forma lógica e linear, como um encontro entre “duas pessoas”, a dicotomia entrevistador/entrevistado e se sustenta em uma conversação que não leva em conta as múltiplas vozes, as influências extrínsecas ao ser. Contrariamente as proposições clássicas de fazer entrevista, na cartografia o ato de entrevistar não deve ser encarado como um procedimento estável, a metodologia é baseada na imprevisibilidade, nas mutações, nas ambiguidades, nas associações e nas relações. Em virtude desse direcionamento metodológico a entrevista é movida pelo dialogismo:

Uma vez que a entrevista acontece como diálogo, é importante que possamos entender como, por meio da linguagem, podemos acompanhar a experiência tendo em conta as suas duas dimensões expostas anteriormente. O pensamento da representação é operada sobre a linguagem, entre expressão e conteúdo, e depois as modulações propostas pela abordagem pragmática. Não se tratará de fazer corresponder cada um desses quatro planos (experiência de vida e experiência pré-refletida; conteúdo e expressão), dois a dois, numa sobreposição ou equivalência entre os planos da experiência e da linguagem, mas esclarecer como a perspectiva pragmática da linguagem nos permite afirmar a entrevista como procedimento privilegiado de acesso imediato à experiência em toda extensão. (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2014).

Conforme Tedesci; Sade e Caliman (2014), “a perspectiva representacional, na linguagem, o plano da expressão corresponde aos aspectos que envolvem os signos linguísticos e a sintaxe que os relacionam entre si, enquanto o plano dos conteúdos comporta a realidade exterior à linguagem, aquilo sobre qual si fala, incluída aí a experiência”. A perspectiva representacional que estabelecem regimes de signos e relações identitárias fechadas e na entrevista cartográfica considera-se aspectos extralinguísticos. Essa prática de intervenção foi se alternando com leituras, que, aos poucos, me permitiram ir situando a perspectiva da tese e através da participação direta, observação atenta e registro visual e sonoro, pude reviver os acontecimentos, como singular, reinvenção do cotidiano, revisão de posições, posturas, falas, ruídos, etc. Ouvir as gravações, o registro em áudio, possibilitou

uma condição de escuta desterritorializada, recortar, aumentar, remover ruídos, retroceder, avançar, recriação, reinvenção e escrita com base nas múltiplas vozes para montar a tese. A instalação da escrita acadêmica como ato inventivo, pesquisar é investigar/inventar e dialogar com os autores, dialogar com outras áreas do conhecimento, gêneros, expressões, suportes, mídias e tecnologias. Modos de saber-fazer da pesquisa em Informática na Educação como campo transdisciplinar, como afirma Pais (2010) quando discute a inserção das novas tecnologias da informática na educação a partir de uma dimensão rizomática e transdisciplinar.

A complexidade pedagógica existente na articulação mostra a impossibilidade de abranger a essência da questão com base no referencial de uma única área do conhecimento. Qualquer tentativa nessa direção seria uma redução não conveniente para fundamentar uma proposta educacional pluralista. Por essa razão, a compreensão dos atuais desafios educacionais passa pela consideração da visão transdisciplinar como mais um conceito pedagógico. (PAIS, 2010, p.32-33).

Dentre os desafios educacionais, sobressai-se a indispensável e inestimável necessidade dos elementos heterogêneos compostos pela criatividade, curiosidade, produção de sentidos, aprendizado coletivo e desejo de compartilhar como forças constituintes e propulsoras de toda política educacional. Contrário ao paradigma representacional que busca mensurar o desempenho pessoal, profissional e cultural, ou ainda convenção moral, padrões de conduta consensualmente determinados e legitimados pelo sistema educacional. Atores que lidam com projetos educacionais e culturais precisam compreender que a sobrevivência de muitas ações que buscam a inserção das tecnologias estão intimamente interligadas a associações complexas, dinâmicas e recíprocas. Com base nessa filosofia de investigação busquei tratar das tecnologias digitais através a partir dos programas de mediação artística e cultural para montagem de novos universos de referência nas bibliotecas da Rede.

O período da pesquisa de campo foi de outubro de 2015 a Julho de 2016. Nesses meses além das intervenções nas bibliotecas, busquei acompanhar também a literatura e identifiquei algumas fontes que auxiliaram na discussão sobre as bibliotecas como espaços criativos. Para sistematizar a discussão, na seção 5.3, apresento as bibliotecas que compõe a Rede Leitora Terra das Palmeiras, destaco um breve histórico das bibliotecas, atividade e programas desenvolvidos e as suas articulações. Na seção 5.4 relato as reuniões, visitas e narro os diálogos que permitiram discutir diversas questões com base nas teorizações defendidas ao longo da Tese. Através dessas reuniões, fui convidado para participar de uma

atividade de capacitação para a equipe das bibliotecas. A atividade foi uma oficina de “A arte de contar histórias” com uma arte-educadora e com base nessa experiência vislumbrei a possibilidade mapear as articulações da Rede e planejar a oficina sobre tecnologias na produção criativa nas bibliotecas. Na seção 5.5 abordo as oficinas que foram realizadas e discorro sobre as algumas questões sobre a dinâmica da Rede e demonstro a relevância das apropriações tecnológicas nas bibliotecas a partir de uma abordagem transversal.

5.3 Bibliotecas da Rede Leitora Terra das Palmeiras

Figura 2 – Logomarca da Rede Leitora



Fonte: REDE (2016)

Terra das Palmeiras! A referência ao poeta Gonçalves Dias se encaixa nas ideias e práticas associadas ao universo da leitura, da literatura e dos livros⁷. Apesar do saudosismo dos românticos versos, a referência ao poeta maranhense é justificada pela sua importância na história da literatura da língua portuguesa.

“Por que o nome da biblioteca?” Indaguei em uma das visitas à biblioteca.

“Ah é por causa do autor, já que é um grande nome da literatura, é maranhense”, respondeu a mediadora.

⁷ “Minha terra tem palmeiras ...”, Canção do Exílio de Gonçalves Dias.

Conforme a figura 3, a logo possui folhas verdes e amarelas, articuladas às páginas do livro. As palmeiras são resistentes árvores, a Ilha de São Luís é cercada de palmeiras por todos os lados. As folhas servem para os vegetais respirarem, metáfora que pode ser aplicada às páginas dos livros, pois estas nos ajudam a oxigenar a imaginação e a invenção de novos mundos. Cada biblioteca possui a sua própria marca, “não como uma identidade visual, mas como uma imagem que sintetiza as nossas ações, nossos objetivos” afirmou o *designer* responsável pelo trabalho de programação visual da Rede Leitora. Essas iniciativas cada vez mais vem ganhando destaque nos movimentos em prol dos direitos à informação, comunicação e cultura no município de São Luís. Reconhecer a realidade dessas iniciativas é uma complexa e desafiadora tarefa, pois nos deparamos com os riscos e possibilidades das práticas investigativas que muitas vezes estão mais preocupadas em avaliar os serviços prestados à comunidade e estudar estruturas administrativas. Ao tentar compreender a dinâmica dessas bibliotecas na cidade, despertei para a relevância das relações inerentes às práticas que possibilitam aflorar as singularidades dos processos criativos desenvolvidos nessas instituições.

A Rede Leitora Terra das Palmeiras é uma iniciativa conjunta entre Instituto Mariana, Instituto Santa Clara, Escola Comunitária Educando, Instituto Educacional Nossa Senhora Aparecida e Clube de Mães Santa Luzia. O projeto é apoiado por um Instituto através do programa Prazer em Ler. A Rede compreende a leitura como prática social que possibilita interações, pensamento crítico e reflexivo. São desenvolvidas atividades e intervenções focadas em experiências educativas, lúdicas e culturais, tais como oficinas e rodas de leitura, oficinas de reconstrução textual e contação de histórias além de manuseio e trocas de livros (REDE, 2016). A leitura literária (contos, poemas, crônica, romances e literatura de cordel) é bastante presente nas oficinas, assim, o texto literário ocupa um lugar privilegiado nas ações das bibliotecas e a mediação da informação é considerada o principal dispositivo na formação de leitores.

As atividades das bibliotecas possibilitam o acesso ao livro nas comunidades Cidade Operária, Cidade Olímpica, Vila Janaína e Santa Clara, oportunizando experiências de leitura e proporcionando uma formação cidadã. A Rede além de contribuir para o desenvolvimento do potencial criativo e crítico de Crianças e Adolescentes, Jovens e Adultos a partir do incentivo à leitura, estimula a participação pública valorizando a capacidade de protagonismo e ações compartilhadas. (REDE, 2016). Embora as bibliotecas estejam

legalmente vinculadas as escolas de base comunitária, o acervo é aberto e livre a qualquer pessoa e instituição, assim a biblioteca é considerada como uma instituição escolar e comunitária.

De acordo com uma das bibliotecárias, as concepções que regem a Rede são pautadas no “trabalho compartilhado, no acesso à literatura, a valorização de autores maranhenses e atividade de mediação da leitura e participação em movimentos que incidem em políticas públicas no município”. A Rede Leitora Terra das Palmeiras tem suas ações conjuntas voltadas para o atendimento as necessidades de educação, leitura e socialização, numa ação complementar à educação. As oficinas trazem como proposta a leitura e a escrita a partir de obras como: contos, poemas, crônicas, romances, cordéis, peças, quadrinhos e demais expressões. Apesar da importância dessa função de atendimento às necessidades de leitura e educação, a bibliotecária comenta que *“não podemos entender as bibliotecas como um lugar priorizado e reduzido ao acesso à informação”*.

Neste cenário, a distinção entre as funções informacional, educacional e cultural de uma biblioteca se desmancha, pois não é aceitável conceber estas instituições como espaços desvinculados dos processos criativos e inventivos. As atividades existentes na programação cultural dessas bibliotecas são exemplos de articulação informação, leitura e experimentação estética, o que permitem visualizar as bibliotecas como “lugar de práticas infoculturais” (GARCIA; MACEDO; OLIVEIRA, 2015), espaço para “mediação cultural” e “acesso a informações artísticas” (RASTELIS; CALDAS, 2015), como “centros transmissores de cultura” (SMALLWOOD, 2014), como “incubadora” de projetos artísticos (DAMON-MOORE; BATYKEFER, 2014) e como “espaço de fabricação, criação e colaboração” (BURKE, 2014). Ao verificar que a Rede desenvolvia inúmeras práticas artísticas e culturais que transversalizam as significações estáveis e saber que alguns textos podem sustentar o debate, esbocei um plano tático de intervenção para as bibliotecas.

Foi complicado compreender o funcionamento da Rede, primeiro busquei estruturas diagramáticas e organogramas que canonizam as formas de gerenciar uma instituição/organização. Fiz o meu próprio diagrama e percebi que tal desenho não conseguiu “representar” os fluxos semióticos, institucionais, políticos e estéticos que movimentam a dinâmica das bibliotecas. Foi necessário traçar mapas de fluxos, de trajetos que se modificavam constantemente devido ao plano de forças que desestabilizam as ações dos grupos. Para compreender como funcionam as ações, foi preciso acompanhar como são

formados e organizados os grupos de trabalhos para depois discutir como estas ações operam múltiplos agenciamentos.

Apresento algumas atividades desenvolvidas pela Rede e ratifico que as bibliotecas possuem programações descentralizadas que não são necessariamente definidas pela coordenação do projeto. As bibliotecas possuem autonomia, os mediadores são responsáveis em planejar atividades, um plano de trabalho mensal de ações a serem desenvolvidas que incluem palestras, recitais, oficinas, contação, performances, exposições, passeatas, assembleias, conferências e outras programações. Com base nessas programações, destaco as algumas atividades desenvolvidas no período de 2015-2016, como o Café literário, Barulho Literário, Agito Cultural, Rodas de Leitura com Idosos, Carreata Literária, Piquenique Literário, Abraço Literário, Caminhada Literária e Bate-papo com autores maranhenses.

Figura 3 – Atividade literária com Idosos do CRAS



Fonte: REDE (2016)

A Rede tem buscado também realizar a produção do vídeo e edição de imagens, porém, é um trabalho que estão iniciando e precisam de agregar forças para movimentar as

experimentações no campo do audiovisual. A figura 4 demonstra o primeiro vídeo sobre atividade com idosos, produzido e publicado no canal de uma rede social de *streaming media*.

Figura 4 –Vídeo sobre atividade literária com Idosos do CRAS



Fonte: REDE (2016)

Os vídeos e as fotos são produzidas por vários atores da Rede, mas geralmente esse trabalho é realizada pela bibliotecária, que é fotógrafa e videodocumentarista e pelo mediador responsável pela criação multimídia que também registra os acontecimentos da Rede e manipula diretamente as ferramentas para produção de imagens, gráficos, áudio e vídeos. Outra programação são as mediações realizadas com crianças que envolvem contos indígenas e africanos, interessantes para trabalhar as temáticas educacionais que levem a diversidade dos povos tradicionais.

Figura 5 – Atividade de contos indígenas



Fonte: REDE (2016)

Através dos diálogos disparados durante algumas visitas, conversamos sobre as mobilizações para financiar projetos, a Rede Leitora possui orçamento para ampliação dos acervos e também reformas para ampliação do espaço físico da biblioteca, como por exemplo, a aquisição de imóvel próprio para a biblioteca Monteiro Lobato. Outra ação que envolve as pessoas dos bairros e objetiva chamar atenção da comunidade e poder público é a Carreata Literária. A figura 6 demonstra o cartaz da 3ª edição Carreata Literária, material produzido pelo *designer* da Rede.

Figura 6 – Carreata Literária



Nós, da Rede Leitora Terra das Palmeiras, convidamos todos e todas para estarem conosco na 3ª CARREATA LITERÁRIA em comemoração ao nosso aniversário.

PERCURSO

- | | | |
|---|---|--|
| 1 Viva da Maiobinha (Próximo ao Campo) | 4 Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo | 7 Biblioteca Comunitária Josué Montello |
| 2 Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato | 5 Biblioteca Comunitária Paulo Freire | |
| 3 Farol da Educação "SOUSANDRADE" | 6 Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria | |



Fonte: REDE (2016)

Outras programações são desenvolvidas pela Rede, rodas de contos, recitais de poesia, saraus de música, conversa com leitores, agito cultural e outras. Em uma das atividades realizadas pela coordenação da Rede Leitora, foi desenvolvida uma atividade que problematizou: Como desenhar essa rede? Segundo um dos participantes desta atividade, essa experiência permitiu conhecer as relações com outros projetos, a importância de perceber que ninguém trabalha sozinho. Assim ao observar e conversar sobre as conexões da Rede, senti os fluxos, as agregações entre pessoas, livros, literatura, imaginação, histórias, narrativas. A rede é o meio que conecta a heterogeneidade, a noção bastante difundida na atualidade. Como pode ser visto em Musso (2013):

A noção de “rede” é onipresente, e mesmo onipotente, em todas as disciplinas: nas ciências sociais, ela define sistemas de relações (redes sociais, de poder), ou modos de organização (empresa-rede), por exemplo); na física, ela se identifica com a análise dos cristais e dos sistemas desordenados (percolação); em matemática, informática e inteligência artificial, ela define modelos de conexão (teoria dos grafos, cálculos sobre redes, connexionismo...); nas tecnologias a rede é a estrutura elementar das telecomunicações, dos transportes ou da energia, em economia, ela permite pensar as novas relações entre atores na escala internacional (redes financeiras, comerciais...) ou elaborar modelos teóricos (economia de rede,

intermediação); a biologia é apreciadora dessa noção de rede que tradicionalmente, se identifica com a análise do corpo humano (redes), sanguíneas, nervosas, imunológicas...).

A noção de rede como movimento reticular, conexões e agregações diversas, redes como “[...] cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regime de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.22). A rede possui suas estruturas topológicas, estratos, linhas que se conectam. A ideia de rede como aspectos vinculados as associações e relações sociais que remetem multiplicidade de agregações e agenciamentos. A Rede Leitora Terra das Palmeiras como agregações entre instituições, tecnologias e subjetividades, conexões semióticas e intensivas entre as redes virtuais e as ruas, as arquiteturas afetivas, fundamentais para acompanhar as mobilizações sociais, organização descentralizada e autogestão de projetos.

Figura 7 – Formação de Redes de livros, leituras e bibliotecas



Fonte: REDE (2016)

Pudemos compreender que nossa busca por uma Rede Local está somente no começo e que as cinco bibliotecas da Rede Leitora Terra das Palmeiras (Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato, Biblioteca Comunitária, Josué Montello, Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo, Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria e Biblioteca Comunitária Paulo Freire), ainda tem muito caminho pela frente na busca destas “conexões” que formaram uma rede cada vez maior em busca da efetivação de direitos para as comunidades e para o país". Pensar as bibliotecas a partir da lógica de Rede foi preciso levar em consideração as conexões não-lineares:

- a) Que são os atores e o que fazem;
- b) Conhecer as principais atividades e como são desenvolvidas;
- c) Conviver nos espaços;
- d) Verificar Infraestrutura.

Assim as intervenções buscaram saber como as tecnologias são utilizadas nos processos de conversação, criação, circulação e recepção e como funciona esse movimento, como acompanhar a processualidade. Para conhecer as cinco bibliotecas da Rede e acompanhar os processos, foi necessário conviver com mediadores e bibliotecárias, habitar o território das bibliotecas, transitar pelas ruas, acessar os serviços das bibliotecas para podermos acessar a experiência coletiva e assim estabelecer o pesquisar com o outro.

5.3.1 Biblioteca Monteiro Lobato

Figura 8 – Logo da Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato



Fonte: REDE (2016)

A biblioteca iniciou com uma sala de leitura dentro de uma escola comunitária no bairro da Cidade Operária, complexo habitacional formado por diversos bairros da Grande São Luís. Conforme o blog da biblioteca (2015), em 2004 era apenas um sonho, algo desejado, porém sem muita estrutura de funcionamento, mas com ações pontuais de leitura foi minando o desejo de ler e fazer ler, com tímidas atividades em sala de aula a leitura foi fazendo parte da rotina das crianças atendidas nesta instituição. Em 2005 essas atividades se intensificaram e o que era apenas pontual, transformou-se em projeto para um semestre, envolvendo crianças e as famílias. Em 2006, a mais destacada ação do projeto foi “Lendo na Praça”, momento em que além das crianças e suas famílias, as pessoas da comunidade puderam ter acesso a várias atividades de leitura, teatro e outras, em uma área livre denominada coreto da 101, foi um momento ímpar, onde a imprensa esteve presente e pode fazer registro e entrevistas com os participantes. A partir de então, o projeto começou a contar com atividades sistemáticas o ano inteiro, porém em 2011, com o lançamento de um edital [...], a coordenação do Clube de Mães Mariana em parceria com a Rede Amiga da Criança através do projeto Palco das Letras executado em 2012 e 2013. Em 2012, o mesmo projeto foi encaminhado para um Instituto e também foi aprovado com a principal proposta de incentivar a leitura literária, para tal foi criada a Rede Leitora Terra das Palmeiras, composta por 5 Bibliotecas, e agora o que era espaço de leitura, transformou-se em Biblioteca “Monteiro Lobato”.

Podemos perceber a trajetória da biblioteca e seu envolvimento como ações culturais, conforme a Rede, a missão da biblioteca é “garantir o acesso à informação, estimular a leitura e promover serviços de apoio ao ensino e aprendizagem visando formar cidadãos críticos com habilidades e competências para o uso eficaz da informação”. E tem como visão “Ser referência Municipal e Estadual em relação ao acervo e aos serviços prestados aos usuários da biblioteca.” (REDE, 2016)

A biblioteca Monteiro Lobato foi a primeira biblioteca a ser visitada. Conheci em 2013 em uma visita quando estavam iniciando seu processo de automação do acervo e ainda funcionava dentro da Escola Comunitária. Na biblioteca são desenvolvidas diversas atividades de mediação da leitura, bazar para arrecadação de fundos, ações contra o abuso e exploração sexual e programações artísticas como peças de teatro, performances, apresentações musicais e possui um espaço com um palco, prédio próprio e cada vez maior amplitude e potência.

Figura 9 – Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato



Fonte: REDE (2016)

5.3.2 Biblioteca Comunitária Josué Montello

Figura 10 – Logo da Biblioteca Comunitária Josué Montello



Fonte: REDE (2016)

A biblioteca fica no bairro da Cidade Olímpica, considerado uma das maiores ocupações da América Latina, bairro que possui grandes comércios. A instituição tem suporte

de Mediadores e voluntários e se mantém através de projetos e patrocínios. (REDE, 2016). Na Josué Montello são desenvolvidos programas que estimulam a imaginação através da leitura de obras infantis. Neste espaço é realizado café literário e mostras de poesia, “Também podemos oferecer aos nossos leitores e mediadores a chance de compartilhar conhecimento nas comunidades locais. A missão é transformar a realidades das cidades, garantindo o direito a cidadania e cultura”. (REDE, 2016).

O acervo da biblioteca leva em consideração as políticas de formação e desenvolvimento de coleções com foco na literatura juvenil e desenvolve uma atividade chamada de “contação de terror” para jovens na biblioteca, “concurso literário”, já na sua 3ª edição, atividades de “leitura com idosos no asilo de mendicidade”, ocupação de espaços públicos através da ação “lendo na praça”, assim como outras atividades que permitem incentivar a leitura e expressão artística, sendo esta biblioteca uma instituição que implementa ações sociais, educativas, artísticas e de lazer no bairro.

Figura 11– Biblioteca Comunitária Josué Montello



Fonte: REDE (2016)

5.3.3 Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo

Figura 12 – Logo da Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo



Fonte: REDE (2016)

A Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo fica localizada no Bairro Santa Clara, região considerada bastante violenta. Ao pesquisar na Internet sobre o bairro, no intuito de identificar dados demográficos, socioeconômicos e geográficos, encontrei diversas notícias sobre violência, vandalismo com patrimônio público, assaltos, homicídios e demais problemas de segurança como todas as grandes cidades. O bairro surgiu a partir de uma ocupação realizada na década e 80. A biblioteca possui um prédio próprio, porém antes, funcionava nas dependências de uma escola comunitária, possui um calendário regular de atividades culturais.

Figura 13 – Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo



Fonte: o autor

Como podemos ver na figura, a biblioteca possui um espaço, acervo atualizado com obras de literatura infantil e juvenil, foi ampliada a pouco tempo e na instituição são desenvolvidas programações que envolve a leitura através da música, dança e literatura.

A Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo fica situada quase em uma esquina do bairro da Santa Clara. A Arthur é muito mais do que só um lugar confortável, lá, pensamos várias maneiras de levar leitura à comunidade, o Recreio Literário é uma das atividades que leva até as escolas livros aperiitivos, com objetivo de multiplicar o hábito da leitura, além do mais, terá Poesia de Porta em Porta que está sendo trabalhado como um movimento literário para que haja uma interação maior do público, fazendo conhecer o que ainda é distante para muitos. E a Mediação Musical faz com que as datas comemorativas deixem a biblioteca virar até uma aldeia cheia de índios e transforma-se numa verdadeira oca de histórias. Outro projeto desenvolvido é o Sarau Literário que tem muitos desafios: festival de poesia, dança, música e ainda dá pra levar um livro como premiação (REDE, 2016).

A biblioteca Arthur Azevedo trabalha diretamente com os saberes e fazeres populares através de contos indígenas e africanos e no mês de junho do corrente ano,

organizou um Arraial para promover as festas juninas. Como a instituição fica localizada ao lado de um ponto final da linha do ônibus Santa Clara, usaram o espaço público que possui grande fluxo de pessoas para montar barracas, vender comidas típicas e realizar danças e espetáculos que constituem os bens materiais e imateriais da cultura popular Maranhense. Essa relevância para a educação patrimonial é interessante para trazer as pessoas para as bibliotecas, como comentou a bibliotecária que participou da atividade, “Olha só, como tem uma questão política aí, nunca ia imaginar que tudo isso seria organizado pelas pessoas que fazem a biblioteca. A biblioteca realizando projetos em um bairro. Uma forma criativa de trazer essas pessoas para o espaço das bibliotecas”.

Ao conversar com a bibliotecária sobre essas questões de acesso aos bens simbólicos, tratamos da Rede como agente comunitária, responsável pelo protagonismo da biblioteca e de inventar e se agregar como outras iniciativas culturais para difundir a relevância da leitura, literatura e do livro como surge a partir desses agenciamentos coletivos. Instituições desterritorializadas, articuladas com outras expressões, festas populares, poder ocupar os espaços públicos em um local estigmatizado, marcado por problemas de segurança, pois a biblioteca já foi invadida e pessoas roubadas, frágeis ações do sistema de segurança público que não possui políticas para coibir os atos criminosos na região.

5.3.4 Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria

A Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria é outra biblioteca que fica localizada na Cidade Olímpica. A biblioteca é vinculada ao Clube de Mães que desenvolve diversos programas comunitários, exibição de filmes, concurso de poesia, bingo literário e outras atividades de mediação cultural. Conforme a mediadora da biblioteca, são desenvolvidas atividades de mediação para crianças de 2 a 3, gestantes e também jovens e adultos da região.

Figura 14 – Logo da Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria



Fonte: REDE (2016)

No dia 25 de julho de 2005, o Clube de Mães Santa Luzia, entidade mantenedora do Colégio Nossa Senhora da Conceição, com o intuito de abrir espaços de leitura nas comunidades, deu o primeiro passo para o acesso ao livro. Após investimento em capacitação para professores e gestores sobre espaço, acervo, catalogação e pesquisas, formação e preparação do espaço, foi inaugurado no dia 19 de março de 2006 o Espaço de Leitura “Portal da Sabedoria”. Com preocupação com os futuros leitores da nossa comunidade, bairro conhecido como o segundo maior em ocupação da América Latina, é que em parceria com o institutos para implantação da Rede Leitora Terra das Palmeiras o espaço foi inaugurado como Biblioteca Comunitária". Atendendo crianças, jovens, adolescentes e adultos da comunidade do bairro Cidade Olímpica (REDE, 2016).

Figura 15 – Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria



Fonte: REDE (2016)

Aqui na Rede Leitora Terra das Palmeiras, tem contação de histórias até pra quem ainda vai nascer, sem esquecer das mães é claro. Este projeto de Leitura com as Gestantes é um incentivo para a leitura da mãe, e outra, a partir dos quatro meses de gestação o feto já está com seu sistema auditivo praticamente formado, então... uma boa leitura já pode ser feita. A ação consolida-se como uma atividade permanente realizada pela Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria e quase sempre com mães diferentes. Josy e Rubenita (que também são mães) foram as mediadoras que conduziram o belíssimo trabalho com leituras, conversas e empréstimos de livros. A atividade aconteceu em parceria com o CRAS da Cidade Olímpica, na oportunidade a equipe do CRAS fez distribuição de enxovais para as mães que já

estavam com oito meses. Foi muito bom ver os sorrisos e acima de tudo, deixar a semente da leitura germinando em cada uma destas Mães.

5.3.5 Biblioteca Comunitária Paulo Freire

Figura 16 – Logo da Biblioteca Comunitária Paulo Freire



Fonte: REDE (2016)

A Biblioteca Paulo Freire funciona em um prédio vinculado a uma escola comunitária, o Instituto Educacional Nossa Senhora Aparecida. A iniciativa surgiu por parte dos professores da escola em criar um espaço para dar suporte as atividades pedagógicas, depois foi aberta a toda comunidade. A Paulo Freire fica localizada no Bairro da Janaína, região ocupada no início dos anos 80, também faz parte dos indicadores de violência e sofre constantemente com a falta de segurança, saúde e cultura. A criação da biblioteca foi motivada por essas problemáticas e as ações buscam propor outras perspectivas para o território.

A Biblioteca Paulo Freire, teve seu início como espaço de leitura para atender alunos e professores do Instituto Educacional Nossa Senhora Aparecida. Em 2013 com o programa Prazer em Ler tornou-se a “Biblioteca Comunitária Paulo Freire”, e hoje atende toda a comunidade (REDE, 2016).

A Biblioteca Paulo Freire, realiza diversas atividades e oferece serviços, tais como rodas de leitura, empréstimos, pesquisas. Possui um acervo atualizado composto por literatura infantil, juvenil, adulta; enciclopédias, revistas e informativos. A biblioteca foi reformada

recentemente e reinaugurada. “A reinauguração aconteceu por causa da ampliação da biblioteca que agora passa a ter o dobro do tamanho, garantindo cada vez mais o acesso ao livro neste espaço de leitura tão importante para a comunidade” (REDE, 2016).

Figura 17 – Biblioteca Comunitária Paulo Freire



Fonte: REDE (2016)

5.3.6 Outras conexões

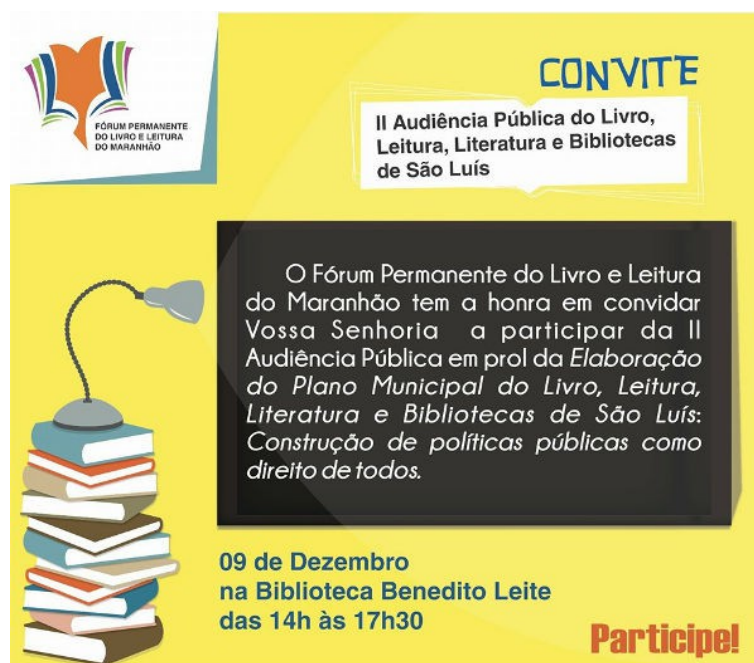
Além dessas cinco bibliotecas, a Rede Leitora possui conexões com outra Rede, a Rede Leitora Ler para Valer localizada na região do Coroadinho, aglomerado de bairros que possuem altos índices de violência e com poucas políticas públicas de informação, educação, cultura, esporte e lazer. Freitas, Vetter e Silva (2015) em um estudo exploratório sobre a Rede Leitora Ler para Valer, colocam que a implantação de Bibliotecas Comunitárias contribui para que trabalhos relevantes de inclusão sejam efetivados junto à comunidade, como promoção de projetos de assistência à alfabetização; espaço para interação social; aumento da relação comunidade e governo; melhor compreensão da comunidade acerca de seus direitos e deveres como cidadãos, através de palestras e seminários articulados com órgãos competentes sobre assuntos como gravidez, drogas, violência, saúde, lazer, e outros (FREITAS; VETTER; SILVA, 2015).

A Rede busca também força para efetivar o direito à informação e cultura

mediante o diálogo com a Sociedade, políticas públicas que fortalecem a democracia participativa em parceria com a Biblioteca Pública Benedito Leite, apoio ao Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca, participação em eventos de formação e fóruns de debates tanto de forma presencial como nas redes sociais. Além da participação ativa no Fórum Permanente do Livro e Leitura do Maranhão (figura) e reunião dos GTs para reivindicação de maior investimento na área da cultura (figura 18).

Percebe-se o protagonismo de alguns mediadores e mediadoras que em suas mais diferentes atribuições ainda se ocupam de atividades como conselheiros tutelares, representantes do segmento no Conselho Municipal de Cultura (CMC), além de fazerem parte de um coletivo que abrange várias qualificações como bibliotecário(a)s, educadore(a)s, pedagogo(a)s, mediadores de leitura entre outros na formação do Fórum Permanente do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas do Maranhão que visa realizar diagnósticos da realidade leitora do estado além de junto com o poder público trabalhar na formulação e implementação do Plano Municipal. (MARTINS, 2015).

Figura 18 – Convite para participação da Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas



Fonte: REDE
 (2016)

Nestes eventos, é comum os GTs desenvolverem reuniões para debater, discutir e

poesia e performance, o primeiro atua no âmbito da Biblioteca Monteiro Lobato e o segundo é o designer responsável pelas peças de divulgação e toda a arte gráfica e digital da Rede. Essas duas pessoas foram fundamentais para permitir uma comunicação aberta e um trabalho participativo que proporcionou a captura das intensidades e troca de experiências para além das modelizações conteudistas da mediação cultural e informacional. Esse convívio foi necessário para entender que os fluxos contemporâneos circulam afetos e perceptos preciosos sobre a vida das bibliotecas e dos projetos de intervenção que são articulados com outras instituições, organizações e coletivos.

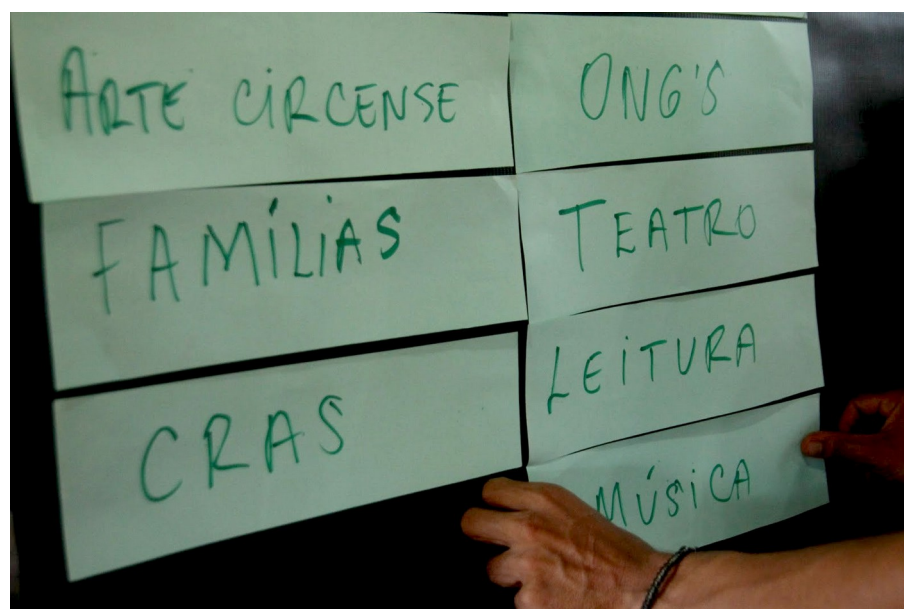
Figura 20 – Coletivo Residência 05



Fonte: @Residência 05

A Rede possui também relações com as ONGs, já que são dispositivos da sociedade civil e precisam fortalecer as conexões para movimentar o engajamento, o compromisso e a conduta ética de agir sobre a realidade. Como menciona Gerolami (2015), as bibliotecas são agenciamentos de livros, informações, trabalhadores de bibliotecas que podem ser montados em uma multiplicidade de maneiras diferentes para alcançar a justiça social.

Figura 21 – Atuação da Rede II



Fonte: REDE (2016)

Conforme relato publicado pela Rede em seu blog, existem relações com outras Redes (rizoma, princípio de multiplicidade), para conectar a diversidade de organizações sem fins lucrativos, entidades e ações que visam fortalecer a participação democrática dos setores solidários da sociedade civil na Cidade Operária e adjacências:

Nesta última terça feita aconteceu por aqui, na área da Cidade Operária e adjacência, um encontro da Rede de Educação Integral que teve a participação de cerca de 50 entidades entre ONG's e Institutos Comunitários de Educação. Esse encontro é importantíssimo para fortalecimento da educação de base principalmente na periferia, onde o ensino inda é bem precário devido a falta de apoio do governo e do município. Por outro lado esse encontro busca juntamente unir forças para que os direitos sejam garantidos a todos, sem distinção. E a Rede Terra das Palmeira se fez presente no evento, compreendendo que as bibliotecas comunitárias e os projetos que desenvolvemos são fundamentais para a melhoria da educação dentro das comunidades. A criança e o adolescente tem que permanecer em espaços de educação ou de outro modo caem no mundo de violência e de violação dos direitos, pois o cidadão consciente de seus direitos se constrói desde a infância e com Livros, Leituras, Bibliotecas, uma educação integral e não opressora. Foram discutidas estratégias para a educação e foram apresentadas as formas que cada instituição trabalha na comunidade. O objetivo era aproximar estes gestores e educadores para caminharem juntos em busca de uma educação cada vez melhor (REDE, 2016).

Os bairros onde as bibliotecas estão localizadas, necessitam modificar os quadros de violência, vandalismo em escolas e espaços públicos, é importante comunicar a falta de segurança, contudo, existem tantas iniciativas educacionais que muitas vezes são desconhecidas, logo, os bairros não deveriam está apenas nas páginas policiais ilustras pelas desigualdades, principais instrumentos das máquinas midiáticas engajadas na audiência e banalização dos problemas que afligem a humanidade. Nesse sentido, a biblioteca deve se constituir em território criativo, inventivo e inovador aliada aos movimentos de garantia de direitos, e aberta ao múltiplo, à diversidade e a experiência estética. Para acompanhar esses movimentos frequentei reuniões, visitei as bibliotecas e convivi com as pessoas que fazem a Rede. Essa experiência foi capaz de aperfeiçoar e garantir confiabilidade na pesquisa-intervenção como estratégia que respeita as interferências micropolíticas para tecer outras leituras acerca das vivências investigativas no campo.

5.4 Reuniões e visitas: diálogos

Nesta seção narro as experiências relativas as ações no campo de pesquisa, as reuniões, visitas, bem como uso do serviço de empréstimo nas bibliotecas. Estabeleço algumas definições. Denomino **reunião**, o encontro agendado, com hora e local determinado pelas bibliotecárias e mediadoras. Algumas dessas reuniões foram gravadas e depois transcritas e dialogadas com as imagens produzidas e discussões teóricas. Já a **visita** é o encontro sem agendamento prévio, visitas aleatórias que proporcionaram conversações, mapeamento dos trajetos das bibliotecárias e mediadoras, observação do fluxo de leitores nas bibliotecas. Nas visitas realizei algumas entrevistas, fiz algumas fotografias e tomei notas, o diário de bordo para mapear linhas para atribuição de sentidos associados aos movimentos registrados por celular, computador e câmera digital, recursos necessários para apreciação dos relatos e acompanhamento das experiências.

Foram realizadas 4 reuniões e diversas visitas, estas não foram quantificadas. A primeira reunião foi destinada a apresentar a equipe e conhecer a proposta do projeto de extensão Tecnologias Criativas em Bibliotecas. As outras duas reuniões foram realizadas para planejar as oficinas e a quarta reunião discutirmos alguns pontos para esboçar um projeto para captação de recursos para a Rede. Como não objetivei mensurar as visitas, escolhi alguns momentos que considero mais relevantes e que consegui observar as enunciações e práticas

que envolveram os processos de produção operados por tecnologias de informação e comunicação, como uso do sistema de gerenciamento das bibliotecas, a criação de material de comunicação, compartilhamento de conteúdo nas redes sociais e discussões sobre a leitura, o livro e a biblioteca em tempos de convergência digital.

1ª Reunião

Data: 07 de março de 2016

Território: Biblioteca Arthur Azevedo

Bairro: Santa Clara

Santa Clara. Território aberto, bairro estigmatizado pela noção de zona de conflito. Indago “onde não existem conflitos?”. Conflitos normatizados e institucionalizados, compõe as estatísticas de violência, baixos indicadores sociais, ausência de espaços culturais, crianças e adolescentes em situação de risco, ou seja, um prato cheio para intervenções sociais e legitimação da academia através de projetos de extensão. A primeira vista percebi que tal argumento sobre a realidade discutida tem forte relação com as práticas de muitos projetos existentes na Universidade.

Iniciamos a reunião as 9 horas com a fala da bibliotecária, fui apresentado a equipe da Rede como um professor de tecnologia em bibliotecas, nesse encontro, a presença de um especialista modifica o território, interferências externas que podem efetuar ressonâncias com a autoridade pedagógica, gerada pela identidade de professor/pesquisador interessado em investigar as atividades da Rede através da programação das bibliotecas. Um participante da reunião interferiu e disse que gostaria de iniciar com uma mediação. Pegou a obra intitulada “O Colecionador de Manhãs”, de Walther Moreira Santos e fez a mediação do conto “Você já viu um pastor de nuvens?”

A obra tratava das relações com as pessoas, natureza, objetos, memórias e afetos. Ao ressignificarmos a história e relacionarmos com o trabalho da Rede nos bairros, muitas experiências foram mencionadas. Tal dinâmica descontraiu o grupo, mas também trouxe discussões, começamos a falar do bairro, dos problemas e das perspectivas, algumas mediadoras comentaram sobre as reformas de ampliação de 2 bibliotecas, simbolizando a luta dos líderes comunitários e da Rede. A mediação da leitura é a principal atividade desenvolvida pela Rede, os mediadores de leitura utilizam dos mais diversos recursos de conexão entre

corpo, imagens, objetos técnicos e sensibilidade estética. Carvalho (2015, p.47-48), considera a mediação como processo vital do paradigma social que envolve a dialogicidade e interação permanente.

A presença no bairro da Santa Clara, a apresentação como professor e a mediação do texto foram movimentos capturados nesse primeiro momento que possibilitou perceber um pouco do trabalho da Rede. Iniciar a reunião com uma mediação permitiu sentir a textura da história, da força da oralidade que se associa ao movimento dos corpos, quebra das estabilizações, livro/pessoa, expressões se agenciando e virtualizando, a biblioteca como um território de fluxos. Seguindo o curso, após as discussões a bibliotecária da Rede comentou sobre a gestão compartilhada, frisou que mesmo estando vinculada a organizações sociais, as bibliotecas possuem autonomia para desenvolvimento de atividades e criação de projetos para captação de recursos. Na conversa, a bibliotecária explicou que a Rede está organizada por Grupos de Trabalho (GTs), cada qual com suas atribuições e responsabilidade, contudo, existe uma comunicação entre os grupos e trabalho compartilhado. O quadro 2 lista os Grupos de Trabalho e suas respectivas atribuições.

Quadro 1: Grupos de Trabalho

Grupos de Trabalho	Atribuições
Comunicação	Assessoria de comunicação, publicação de conteúdo e divulgação de eventos e atividades, além de criação do material de divulgação.
Formação	Articulação de cursos, oficinas, treinamentos, elaboração de eventos e atividades integradas.
Enraizamento comunitário	Atividades de divulgação dos serviços, produtos e atividades das bibliotecas.
Políticas Públicas	Responsável pela organização e participação em debates, assembleias, audiências públicas, discussão e execução de projetos de interesse público.
Sustentabilidade	Captação e gestão de recursos materiais, elaboração e execução de projetos articulados

	e parcerias com o setor público e privado.
--	--

Fonte: Elaborado pelo Autor (2016)

Os GTs são formados por mediadores, bibliotecárias e gestores. Os gestores são vinculados as escolas comunitárias e são os proponentes das entidades, responsáveis pela parte legal das escolas e bibliotecas. Nesta reunião, busquei contatar os mediadores do GT de Formação e Comunicação no intuito de perguntar como funcionam os processos criativos da Rede e se existe alguma preocupação em compartilhar seus conhecimentos, visando a socialização dos saberes e práticas de informação e comunicação, já que esses dois GTs poderiam auxiliar no planejamento e execução das oficinas. A bibliotecária comentou também que o GT de Formação seria a interface de diálogo para o desenvolvimento das oficinas e que estas seriam fundamentais para mobilizar desejos através de encontros, aproximações e diálogos.

Houve também a necessidade de conhecer como funcionam as articulações entre os GTs de Políticas Públicas e Sustentabilidade, pois conforme as metas do Projeto de Extensão Tecnologias Criativas em Bibliotecas, pretende-se contribuir na elaboração de projetos para captação de recursos junto a chamadas públicas e editais de apoio a iniciativas vinculadas a leitura, informação e biblioteca. Durante o encontro, traçamos um panorama das modalidades de fomento as iniciativas educacionais e culturais, falamos das dificuldades de conseguir verbas para a manutenção da rede elétrica, hidráulica, internet, telefonia e outras, pois a maioria dos editais contemplam apenas recursos materiais e humanos, serviços de terceiros e outros, mas não financiam obras civis, ampliação das instalações, mobiliários e despesas de rotina, tais como, contas de luz, água, telefone, correios, e similares.

Assim, o GT de Políticas Públicas e Sustentabilidade participam ativamente de planos de trabalho para captação de verbas, estratégias de autogestão, campanhas de doação para poder manter suas ações e assim contribuir de maneira relevante para movimentar as complexas relações que envolvem o desenvolvimento da educação e cultura. Democratizar o conhecimento não é somente envolver programas para transmitir, facilitar e aumentar o acesso aos estoques de informação, é necessário que instituições, pessoas e tecnologias tenham condições de potencializar e transformar a realidade. Retomamos a discutir a organização das atividades de intervenção, a bibliotecária perguntou se seria possível oferecer a oficina também aos mediadores e a comunidade seria interessante para articular as atividades da

Rede. Nesta primeira reunião, foi colocado que a proposta de oficina seria interessante para desenvolver estratégias do GT enraizamento. Como este grupo por objetivo executar ações diretas nas comunidades, verificaram que a Rede Leitora Terra das Palmeiras é reconhecida por grande parte da sociedade civil, porém, muitos da própria comunidade não conhecem as atividades existentes nas bibliotecas, outros conhecem mas não participam, frisou a bibliotecária. Assim, o “enraizamento” é um projeto necessário para publicizar os serviços e atividades prestadas a toda a comunidade.

Ao ouvir a palavra “enraizamento” pensei em problematizar este conceito, e trazer a noção de rizoma para contrapor as perspectivas que reproduzem os modelos arborescentes do pensamento contemporâneo. A Rede concebe enraizamento como ideia de pensar a mediação da leitura para toda a comunidade, no intuito de quebrar com a visão de biblioteca como espaço escolar, restrito a pesquisa e consulta de fontes bibliográficas. Observei que a proposta da Rede e os objetivos do GT de Enraizamento, não como é formar raízes e sim conectar, relacionar, associar, agenciar. Comentei a que as propostas de desenvolver oficinas com a Rede, trabalha a criação a partir da “arte, educação e tecnologia” e “acoplamentos relacionados, à interatividade, à transdisciplinaridade, à multiplicidade, à hipermedialidade” (BIAZUS; AMADOR; OLIVEIRA, 2007). Ao discutirmos esses acoplamentos, enfatizei que as bibliotecas precisam dar uma maior atenção aos dispositivos tecnológicos, como os blogs e outras ferramentas colaborativas, estas podem permitir mediações mais intensivas e um campo de livres experimentações.

O interessante é que a Rede possui uma forte presença na Internet, perfil nas principais redes sociais e participação de grupos que envolvem a leitura, biblioteca e literatura. Possui um blog, que até a primeira reunião não possuía atualizações regulares sobre as atividades desenvolvidas, bem como a programação das instituições, notícias, eventos e demais conteúdos pertinentes. Como leitor assíduo do blog, percebi que faltava mais diálogo, predominância de uma visão centraliza de comunicação, servindo muito mais como ferramenta de divulgação do que de conversação. Tratamos de incentivar a cultura digital e discutir a importância das ferramentas de compartilhamento de conteúdo na Web, aspectos da comunicação descentralizada através das redes digitais que estimulam a escrita e a conversação *on-line*. Os blogs restritos a recurso de publicidade de atividades da Rede, retira toda a força do trabalho coletivo e participativo e isto não condiz com iniciativas de produção criativa e mediação cultural existentes nas bibliotecas da Rede.

O uso das tecnologias de informação e de comunicação que pode ser útil, tanto na mediação implícita, considerando o uso de um sistema de informação para registro dos documentos, na formação e desenvolvimento de um acervo virtual, no uso de fontes virtuais de informação, como sites, portais, blogs etc., na própria sinalização da biblioteca escolar, que pode contar com alguns programas de diagramação estratégicos, entre outros, quanto na mediação explícita que envolve o estímulo à leitura, pesquisa e os serviços de informação, especialmente referência e informação utilitária. (CARVALHO, 2016, p.102).

Os blogs nesse sentido é “uma maneira de fornecer conteúdo para os leitores.” (BRADLEY, 2014, p.25), mas também povoar o desejo da leitura, escrita e diálogo. Ao discutirmos essa problemática, apontamos para a necessidade de fazermos um trabalho que permitisse a experiência da escrita coletiva e gestão colaborativa de conteúdo na Web e também outras apropriações tecnológicas. Na conversa, algumas mediadoras comentaram que esse trabalho é de responsabilidade do GT de Comunicação e que até o momento eles tinha apenas um profissional dessa área que lida com essas ferramentas. Comentei que essa habilidade de comunicação e publicização podem ser efetuadas através das oficinas, vale ressaltar que não se trata de invadir o espaço do outro e sim de auxílio, colaboração, contribuição, conclui. Para potencializar essa produção coletiva é necessário transversalizar os grupos e estabelecer aberturas, a comunicação não pode ser burocratizada, o GT de Comunicação pode ir muito além de “assessoria de comunicação” da Rede, já que não se concentra em modelizações hierárquicas, contudo, necessita se orientar por princípios éticos e alteritários que possam proporcionar experiências, liberdades e multiplicidades, já que todo plano heterogêneo possui fluxos de mutações e processualidades.

Conforme depoimentos de algumas mediadoras e da bibliotecária, a maioria dos vídeos, fotografias e gráficos são publicados pelo mediador-designer, embora o GT de Comunicação é o responsável pela publicação de conteúdos nas redes sociais e blogs da Rede. Mencionei que é interessante que as mediadoras e até mesmo os leitores das bibliotecas possam inserir citações, trechos de obras que acham interessantes para trabalhar a mediação, enfatizar mais imagens e recursos multimídias para agitar o blog, fazer entrevistas, compartilhar anotações, dicas de livros, filmes, peças e outras programações culturais.

Nessa posição de professor-bibliotecário, ao intervir e interferir nos processos educacionais e informacionais da Rede, percebi dúvidas vinculadas aos diversos aspectos, muitas perguntas vinculadas ao ensino de informática em bibliotecas e orientações sobre qual usar o melhor software para catalogar o material da biblioteca. Foi então necessário quebrar

essa serialização do indivíduo e evocar o professor-aprendiz, decidi ampliar a escuta e o olhar, pois percebi que os mediadores tinham algumas inquietações tecnológicas que não eram necessariamente vinculadas aos blogs, redes colaborativas e produção criativa, então deixamos fluir, campo aberto e livre para que relatos, depoimentos, percepções e questionamentos, afinal, estava ali para construir e aprender com a experiência através de uma atividade de extensão, não poderia negligenciar os desejos da Rede. Estabelecemos a confiança no ato de pesquisar, “receptividade afetiva” e “cultivo da experiência” (ALAVAREZ; PASSOS, 2014, p. 131), novos horizontes para criação da realidade. Após essas percepções, o mediador da biblioteca Josué Montello fez uma interferência: “Deixa eu ver se entendi, você quer desenvolver um sistema que vai possibilitar a integração de toda a Rede, é isso?” (informação verbal⁸)

Logo tentei perceber que o mediador possui inclinações tecnológicas, preocupado com questões operacionais, ditas técnicas, jovens conectados aos aparelhos digitais e que possuem observações a respeito das ferramentas de informática utilizadas nos processos gerenciais e técnicos das bibliotecas. Poderia responder de forma taxativa, ir direto ao ponto e dizer que não se tratava de nada disso, a intenção era desenvolver uma outra proposta de uso da tecnologia de informação, contrária a essa visão operacional e determinística da automação de bibliotecas. Mas ao pensar sobre esses enunciados, percebi que uma postura opositora ampliaria o distanciamento, poderia impedir a possibilidade de conviver com as máquinas digitais e suas múltiplas aplicações e após refletir sobre as colocações do mediador, respondi: “também! Mas o objetivo central da oficina é usar os computadores, celulares, câmeras e *softwares* livres e recursos da Web para produzir fotos, vídeos, textos, áudio, gráficos, etc., potencializar a produção criativa” (informação verbal).

Como professor de tecnologias em bibliotecas eu não poderia abdicar a análise do sistema de informação da Rede e contribuir com algo, pois juntos no mesmo plano, as problemáticas inerentes as bibliotecas da Rede são comuns também ao pesquisador-cartógrafo. O mediador que teceu a pergunta é estudante da área da computação e se mostrou preocupado com o sistema de gerenciamento da biblioteca. Na oficina sobre produção criativa, a ser apresentada posteriormente no item 5.5.3, retomo essa discussão sobre o sistema de gerenciamento informatizado que algumas bibliotecas adotaram, pois foi constatado que o sistema não permite adaptações, baixa margem de tecnicidade.

8 Comentário realizado pelo mediador F.H que atua na biblioteca Josué Montello.

Após essa reunião, no primeiro semestre de 2016, na graduação em biblioteconomia, assumi a disciplina Automação de Unidades de Informação e em sala de aula trocamos experiências a respeito da dificuldade que a Rede estava enfrentando. Esses problemas são muito comuns em bibliotecas que ainda compreendem a automação sobre uma perspectiva operacional e recorrem a algumas soluções comerciais que muitas vezes não atentam para os requisitos da biblioteconomia. Muito além dos requisitos funcionais, penso que a Automação de Bibliotecas precisa também levar em conta as variáveis econômicas, políticas e éticas. Sobre essa assertiva, pudemos estabelecer maior diálogo com a Rede e os conteúdos discutidos na graduação. Ao perceber esses condicionantes institucionais e políticos da governança de Tecnologia de Informação em bibliotecas, achei conveniente verificar as dificuldades da Rede e inserir os discentes nessas discussões que fazem parte das práticas acadêmicas.

Alguns estudantes que estavam cursando a disciplina Automação de Unidades de Informação desenvolveram atividades de mediação durante a disciplina “Leitura e Formação de Leitores” no semestre anterior na Biblioteca Monteiro Lobato e relataram que ficaram muito interessados na forma de trabalho da Rede. Uma atividade de análise dos principais *softwares* livres para gerenciamento de bibliotecas e após o estudo, poderíamos desenvolver uma oficina para que a Rede escolhesse o sistema mais apropriado. Desta forma, realizamos o estudo dos *softwares*⁹ e realizamos um seminário para relatar as experiências com os sistemas e ficamos de agendar uma data para realizar um curso para manuseio das ferramentas pela equipe das bibliotecas que compõe a Rede. Até a data de defesa desta Tese a oficina não foi realizada, mas em outro momento retomei a discussão e apresentei alguns softwares livres para as bibliotecárias durante algumas visitas, o que permitiu capturar algumas linhas para pensar um projeto posteriormente.

Em 9 de março de 2016 retornei ao bairro Santa Clara. Observei o percurso da minha residência e pensei nos obstáculos, na dificuldade de mobilidade física em nossa cidade. Verifiquei que a biblioteca não estava mapeada na Web, pensei na possibilidade de desenvolver conteúdo sobre o bairro, sobre a atuação da biblioteca e sobre a ocupação dos espaços públicos, para encontros de corpos, expressividades, cidadania, lazer, educação e esportes e não um quadro pintado por violência e problemas de segurança. Na visita à biblioteca fiz uma doação de uma coleção do escritor Érico Veríssimo, pois a Rede possui

9 Página criada sobre os principais sistemas de gerenciamento de bibliotecas baseado na filosofia do *software* livre e aberto: bibliotecasma.org/ferramentas

uma campanha de doação de livros de literatura. A mediadora e a bibliotecária estavam realizando a catalogação de algumas obras. Foi então que conheci o sistema de classificação baseado em cores. Conforme Fernandez (2012) a classificação por cores para acervos literários é um método de classificação para literatura de ficção e poesia estudado e desenvolvido desde pelo Centro de Cultura Luiz Freire. (FERNANDEZ, 2012). O método permite etiquetar os livros com cores, fitas elaboradas artesanalmente, um processo criativo que envolve manipulação, corte e colagem de objetos.

Figura 22 – Classificação por Cores



Fonte: Elaborado pelo Autor

A proposta do esquema de cores é interessante, vem sendo utilizada em diversos programas de leitura no Brasil, abordagem criativa, permite ampliações, aberturas, mas é “classificar”, ainda assim é rotular, mecanismo de representação de conteúdo através pela

indicação por cores para organização das prateleiras da estante. Depois de arguir sobre o sistema de classificação por cores, perguntei à bibliotecária sobre o sistema de gerenciamento de bibliotecas comentado pelo mediador da biblioteca Josué Montello na primeira reunião. A bibliotecária relatou que atende as necessidades, mas que não possui integração com as outras bibliotecas. Comentei que seria interessante se o sistema pudesse anunciar novas coleções, publicar no blog da Rede após catalogação do material, dentre outras possibilidades. Comentei que estávamos experimentando algumas ferramentas nas atividades na graduação em biblioteconomia da UFMA e desenvolvemos uma análise de alguns *softwares* livres para gerenciamento de acervos bibliográficos.

Relatei a experiência em sala de aula com os(as) alunos (as) da graduação e ao compartilhar inquietações, verifiquei a necessidade de discutir essas questões que ultrapassam requisitos técnicos com a bibliotecária. Falar da questão econômica, filosófica, política e cumprimento de requisitos e criação de catálogo na Internet, segurança, desempenho e facilidade de adaptação e modificação conforme as peculiaridades de cada biblioteca. Mesmo não querendo abordar os aspectos mais operacionais, a processualidade e a experiência coletiva modificou as relações, força que provocou a importância de intervir na realidade administrativa da biblioteca, mantendo o cuidado para não cair nos determinismos tecnológicos.

Essas bifurcações foram necessárias para discutir e propor uma solução para esse impasse tecnológico. Não pensar as tecnologias apenas como controle, pensar nas possibilidades de compartilhamento, respeito com os demais leitores, obras devem circular a todos (as), recursos para auxílio na pesquisa, permitir acesso aos dispositivos móveis, reservas *online* e gestão descentralizada do acervo, diminuindo recursos materiais, agilizando processos e facilitando a comunicação. Mas para que tudo isto seja viabilizado, precisaríamos analisar a base material da Rede, pois a conectividade é o fator ainda determinante para execução de um projeto de inserção tecnológica que agencie processos criativos e operacionais para as bibliotecas. Certo dia, ao visitar a biblioteca e solicitar o empréstimo de alguns livros infantis percebi o quanto foi interessante visualizar a importância da informatização das bibliotecas. Na data de renovação das obras, não pude ir até a biblioteca Josué Montello, então tive a necessidade de utilizar um sistema *online* para renovar os livros e o *software* que a biblioteca possui não permite tal funcionalidade. O *software* como “máquina automática” (SIMONDON, 1958) se agencia ao desenho da cidade que impede a mobilidade

urbana, dificuldades se bifurcam ao desejo de ir até a biblioteca para sentir o ambiente dos livros, ver as pessoas sorrir, conversar sobre filmes e leituras realizadas, mas os compromissos que normatizam a vida contemporânea nem sempre permitem momentos para experimentar um modo estético de viver para assim restaurarmos a “cidade subjetiva” ¹⁰(GUATTARI, 1992, p.158).

No território das bibliotecas, há uma chance de reduzir as relações de poder e efetuar uma atração, uma vontade de “transformação meio as intervenções recíprocas” (BARROS; SILVA, 2014), plano existencial que impede moldes de homogeneização, reificação, objetificação dos modos de existir. Professores, estudantes, moradores, mediadores, trabalhadores, gestores públicos, transeuntes, curiosos, donas de casa, todos compõe esse plano comum e heterogêneo. Território do comum, movimentado pela leitura, pelos intensos atravessamentos estéticos, a biblioteca criativa/inventiva emerge desses fluxos, dessas forças, dessas linhas que conectam pessoas, afetos, dispositivos e processos. Logo percebi que esse movimento, quebra as naturalizações da perspectiva arbórea, da cultura como raiz, pois existe um embrião, um broto, tubérculos que se reinventam e nessa mobilidade autopoietica, modulações que evocam e amplificam os desejos, elevam as relações transindividuais e revigoram as intensidades.

2ª Reunião: Planejamento da Oficina

Data: 07 de março de 2016

Território: Biblioteca Paulo Freire

Bairro: Janaína

No dia 18 de abril ocorreu a primeira reunião com a mediadora representante do GT de Formação na biblioteca Paulo Freire. No encontro comentei que poderíamos realizar uma oficina para comunidade e outras para equipe das bibliotecas. Na discussão percebemos que o mais interessante, devido a natureza coletiva e colaborativa das oficinas, seria realizarmos essa formação com as mediadoras, pois seria mais adequado, já que, posteriormente as oficinas com a comunidades contassem com a participação ativa dos

10 Retomo essa discussão na seção 5.5.3 quando relato as experiências da oficina de tecnologias criativas na Rede. Na oficina desenvolvemos uma atividade de mapeamento de trajetos, georreferenciamento afetivo e perceptivo que disparou ricas problematizações acerca das relações na vida urbana.

mediadores, assim as experimentações seriam replicadas, recriadas, no sentido que impulsiona as intenções criativas e inventivas nas bibliotecas da Rede.

Nessa conversa sobre o planejamento, a mediadora indagou:

“professor, o que o senhor precisa e como você pensou em fazer as oficinas?”

Respondi com uma pergunta:

“Você não recebeu o texto sobre a proposta?”.

A mediadora informou:

“Não, você possui o arquivo”

Respondi que tinha enviado um e-mail com o arquivo em anexo para a bibliotecária expondo a atividade. Abri o arquivo em meu *notebook*, sintetizei a proposta da oficina e deixei em aberto para que a mediadora pudesse interferir e comentei:

“pensei em dividir a equipe da Rede em grupos vinculados a cada biblioteca, ou dividir em grupos relacionados aos GT's, ou misturar bibliotecas ou GTs, o que você acha? Bem fazemos assim, veja o conteúdo da proposta no projeto e conforme for agente faz alguns ajustes.” (informação verbal¹¹).

A mediadora comentou que procuraria o melhor lugar para fazer a oficina, a priori, seria no Instituto Educando, onde fica a biblioteca Josué Montello, pois existe um laboratório de informática. Informei que devido a própria orientação metodológica da atividade de extensão, executaremos a oficina conforme as particularidades da Rede. Os movimentos das pessoas e dispositivos envolvidos, “a cartografia não é um método pronto”, (KASTRUP, BARROS, 2014, p.76) assim, realizados ajustes, o acabamento é feito pelo coletivo de forças. Ao conferir essa responsabilidade de ministrante das oficinas entreguei-me ao coletivo, prevaleceu a voz de todos no acontecimento, a mediadora verificou a agenda de todas as bibliotecas e disponibilidade de equipamento e pessoal. Assim, incentivado por esse compromisso, conseguimos organizar um cronograma para sistematizar as proposições das oficinas, base material (computadores, conectividade, câmeras e demais dispositivos), todos os atores da Rede e assim resolvemos essas questões que envolvem a complexidade espaço-temporal da vida contemporânea.

Após essa negociação, verifiquei que tal experiência define a processualidade da estratégia cartográfica, o planejamento compartilhado das oficinas movimentaram as

11 Fala do autor em 07 de março de 2016.

condutas, os recursos e as pessoas. Em um momento do diálogo comentei: “Não é possível vir com um conteúdo programático, ordenado e sequencial e apresentar a vocês”.

Quis dizer que é necessário conversar sobre as problemáticas que envolvem um projetos sociais e nesse dialogismo verificar quais requisitos, demandas e expectativas da Rede e deste modo, podemos redefinir nossos atos e nossas proposições metodológicas, com base nas caracterizações de cada biblioteca podemos efetivar a execução das oficinas. Diante dessas colocações, organizamos a oficina para discutir as tecnologias nas bibliotecas e disparar outras leituras acerca da tecnologia digital na educação e cultura com o cuidado para não reproduzirmos “posturas disciplinares e conteudistas, o que indica que ainda temos uma caminhada para entender a real integração entre as mídias e de como estas podem fazer parte de nossa postura pedagógica criativa” (BIASUZ, 2009, p.15). A autora aponta para a problemática de pensar e propor uma abordagem que não conceba a tecnologia como algo periférico e exterior aos modos de produção de subjetividade e afirma que “a pedagogia da invenção com mídias se constrói no entendimento de que os processos de criação envolvem processos de conexão na construção da subjetividade”.(BIASUZ, 2009, p.15). Nessa linha de pensamento, as oficinas procuraram portanto, trabalhar uma “didática da invenção e uma perspectiva dialógica” (BIASUZ, 2009) para formação em tecnologias e redes digitais para mediadores, bibliotecárias, professoras, gestores e leitores das bibliotecas da Rede.

Em outro momento da conversa com a mediadora da Biblioteca da Santa Clara, solicitei algumas informações sobre o público que frequenta a biblioteca, permitindo uma abertura comunicacional para relatar a heterogeneidade do território.

“Professor, o público da biblioteca é formado por crianças, leitores em formação, aqui agente faz atividade com eles, mas os moradores daqui são donas de casa, pedreiros, ajudantes de pedreiro, assistentes de serviços gerais, copeiras e outros” (informação verbal)¹² discorreu a mediadora.

Nas discussões, verificamos que assim como em outras bibliotecas, muitas pessoas não utilizam os serviços dessa instituição cultural por acreditarem que é um espaço propício a pessoas “das letras”, pois moradores são trabalhadores categorizados como profissões que não possuem a informação/conhecimento como força produtiva. Acompanhando o ritmo do dialogismo, a mediadora acrescentou:

Essas pessoas acham que biblioteca é um lugar só para estudantes e jovens em idade escolar, foi por isso que abrimos as portas para toda a comunidade. Alguns pais e avós que possuem seus filhos e netos matriculados na escola

12 Mediadora da Biblioteca Paulo Freire em 07 de março de 2016.

comunitária não são alfabetizados, agente tem maior esforço para trazer os alunos para a biblioteca da escola, imagine o problema de despertar o interesse e o gosto da leitura, e ainda tem a questão da alfabetização. (informação verbal)¹³.

Após a fala da mediadora, comentei sobre as práticas de leitura, da sensibilidade literária, desenvolver o hábito, o convívio, o cultivo e a experimentação, pois muitas propostas de transmissão de informação, de disseminação nem sempre condiz com as descobertas, com as destabilizações do ato criativo e inventivo, diversidade que as bibliotecas comportam. Essa diversidade de modos de subjetivação nos conduziu à concepção de procedimentos de descrição diferenciados para cada experiência, com a finalidade de assegurar as diferenciações dos momentos de afetabilidade. Foram criados laços afetivos, interligadas entre singularidades que compõe um plano coletivo de ressignificações. De acordo com Sade, Ferraz e Rocha (2014, p.66), a produção desses diferentes sentidos pressupõe um “plano de implicação que entrecruza os diversos atores no processo”. Meios associados que instaura demarcações, relatos de si, fluxos e redes de atores que compõe os territórios existenciais, pesquisa-intervenção que confia na potência das instituições que engendram sujeitos através das múltiplas expressões: encenação, performance, escultura, música, pintura, desenho, artesanato, fotografia e cinema. Biblioteca como máquina aberta para desenvolvimento de diversas e diferentes dinâmicas existenciais.

Assim, ao retomarmos o diálogo, perguntei sobre as atividades de mediação de leitura, se já existiu alguma ação para trazer adultos e idosos para as bibliotecas. A mediadora relatou: “Agente já fez algumas atividades, mas não temos uma programação permanente, pensamos em promover uns treinamentos, cursos de capacitação. (informação verbal¹⁴)”

Observo com cautela algumas iniciativas que buscam “capacitar” e “formar”, cuidado para não trabalharmos a noção de informação como insumo, como capital intelectual, pois é interessante ampliar os modos de existência dos equipamentos culturais como as bibliotecas que permitem múltiplas experiências que estão além do acesso, da capacitação, da pesquisa e da busca de informação, como discutido na seção 2 desta tese. Acredito que se faz necessária uma atualização da biblioteca frente a uma subjetividade que se renova continuamente e intensamente. Pulsões que rompem com os regimes identitários das significações estáveis que tentam colocar a biblioteca em uma posição imóvel, estável e imutável.

13 Mediadora da Biblioteca Paulo Freire em 07 de março de 2016.

14 *ibid.*

Ao finalizar a entrevista/diálogo, comentei que estava disposto a colaborar no que for preciso para conceber ações nas bibliotecas, elaboração de um plano de trabalho e planejamento oficinas, cursos, palestras ou qualquer programação, no momento, a mediadora informou que era formada em Letras, relatou algumas experiências e perspectivas, finalizamos o encontro e a mediadora acrescentou: “Professor, aparece, vamos fazer essa parceria, temos necessidade de escrever projetos, concorrer editais, fazer algo”.

Nos despedimos.

Após o encontro verifiquei que precisava adequar alguns pontos da oficina e mudanças de técnicas. Entrei em contato com a bibliotecária T.R para agendar uma reunião para compartilhar a conversa com a mediadora do GT de Formação.

3ª Reunião: Compartilhando a proposta da oficina

Data: 07 de junho de 2016

Território: Biblioteca Josué Montello

Bairro: Cidade Olímpica

Com base nas aproximações anteriores, surgiram várias ideias e oportunidades, construídas no curso dos diálogos e desencadeadas pela disposição e força das experiências coletivas, realizei a leitura das anotações e escuta das falas capturadas. Gravações, diagramas, palavras-chave, fragmentos de textos de autores que sustentaram a minha fala, projeções, perspectivas, curiosidades que serviram para incentivar ainda mais o engajamento no campo de pesquisa-intervenção.

Naveguei nos blogs e mídias sociais da Rede, ubiquidade. Conduta motivada pela necessidade de acompanhar as interações, movimentos e acontecimentos da Rede. Observei algumas atividades, atentei para os textos e imagens produzidas. Esses olhares geraram diferentes maneiras de falar/ouvir/escrever, a escrita como registro de sentidos está longe das cadeias significantes da autoria egoica, do autor como indivíduo-proprietário, estava ali com todo esse material e comecei a elaborar rascunhos e possíveis mapas para referenciar conceitualmente alguns trajetos e inúmeras indagações surgiram ao lembrar das conversas, das ilustrações produzidas, das reconfigurações, muitas aberturas que mobilizaram a imersão no território existencial.

Lembrei das enunciações e especifiquei algumas inquietações: como estudar as práticas de mediação da leitura, múltiplas experimentações em territórios que se modifica constantemente, como acompanhar tal processualidade? Embora a cartografia como pesquisa-intervenção permita acompanhar os processos informacionais, esses processos nem sempre permitem aberturas, dada a natureza representacional de muitas abordagens que tratam dos modos de acessar e produzir conhecimentos a partir de modelos fechados, ou seja, muitas atividades de contação de histórias, cursos de formação de base conteudista, mediações que não consideram as diversidades, as diferenciações e as multiplicidades dos modos de existir, pensar e fazer.

Tive essas preocupações pois algumas dessas bibliotecas são vinculadas a instituições da sociedade civil que possuem orientações religiosas, relações a Igrejas e grupos, posto isto, imaginei como seria complexo desenvolver ações transversais, laicas que leve em conta a heterogeneidade de crenças, de saberes-fazer e de desejos. Será que enfrentaria problemas políticos ao focar rupturas com algumas formas de pensamento, a normatividade das identidades estáveis? A biblioteca como já referenciei, também é afetada pelo “cotidiano com os seus conflitos e problemas, local de encontro e discussão” (MILANESI, 1998, p.93).

Segurado pelos modos de indeterminação que opera as singularizações das subjetividades, percebi que essas questões não impossibilitariam a realização das oficinas, pois ao observar, os modos de articulação, as enunciações, a escuta permitiu sentir os fluxos semióticos e existenciais que trouxeram a força para trabalhar com a diferença. Pessoas com diversas religiões, subjetividades sexuais, orientações políticas, educação, intervir no campo através de uma abordagem transversal que leva em consideração esses aspectos da contemporaneidade, a conjuntura política e econômica brasileira engrena os modos de subjetivação. Essas questões são relevantes, pois, embora a oficina trataria das tecnologias criativas, no escopo das discussões éticas, estéticas e políticas, sempre consideramos os problemas da sociedade conectada, os discursos de ódio em rede, a privacidade, os cibercrimes, temáticas que sempre atravessam a diversidade de pensamento.

Nesse registro do “observar”, a cartografia de modos de expressão, enunciados visuais e afetivos trouxe maior proximidade e convergência entre temáticas do cotidiano trazidas pelos integrantes das oficinas, instituições parceiras e leitores das bibliotecas. Conversas estabelecidas por diálogos informais, como elementos constitutivos da subjetividade móvel. Para participar desse terreno composicional de encontro de vozes,

solicitei que as bibliotecárias lessem o programa do curso para visualizar a proposta e formular comentários a respeito. Outras indagações surgiram. Será que questionariam? Aquelas temáticas não são distantes da realidade das bibliotecas? Após a leitura, as bibliotecárias teceram algumas perguntas: Quantos participarão da oficina? É possível fazer tudo em um dia? Precisa de uma Internet muito rápida? Após responder as perguntas e negociarmos as estratégias para execução da oficina, iniciamos uma longa conversa sobre as atividades desenvolvidas, as histórias que envolvem o empréstimo de livros, a diversidade de obras de literatura infantil que tratam de temas muito complexos, veio as inspirações para oficinas e lembranças de coisas que afetam o cotidiano.

Oficinas, dinâmizações, dramatizações, mediações como acontecimento, eles como conexões entre as vozes que compuseram os eventos, “elo é fruto de uma prática, é uma relação criadora que possibilita o movimento de subjetividades e mundos, de vidas e contextos sociais.” (BARROS, 2009, p.53).

O elo vem com a experiência, caracterizando-se pela reciprocidade e pelo compartilhamento. Os elos construídos e alimentados entre pessoas, livros e comunidades, por exemplo, podem formar leitores e cidadãos, indivíduos autônomos e singulares. O elo alimenta e conecta os indivíduos com suas comunidades, numa dupla captura. Elos fazem com que as coisas e as pessoas, os encontros e os afetos, gerem pertencimento e engajamento. (BARROS, 2009, p.53).

Com base nesses elos experimentados, segui os fluxos ao vivenciar as conexões transindividuais existentes nos movimentos que agenciam pessoas, livros e comunidade. Estas conexões se agenciam aos “conceitos-inspiração” apresentados por Damon-Moore e Batykefer (2014) que atravessam a biblioteca como um espaço arquitetônico, trazendo uma ideia filosófica, um local ideal para a demonstração de trabalho em galerias de exibição na biblioteca e para a realização de novas produções musicais e teatrais. Nesse sentido, a bibliotecária comentou que a biblioteca Paulo Freire, iniciou atividades que envolvem dança e desportos e acabara de fechar para reforma. Conforme notificado pela Rede (2016), trata-se de uma “reforma de ampliação, agora vai ter o dobro do tamanho, o dobro de livros e muito mais espaços para as atividades de clube de leitura, oficinas, [...] aquecer a mente e o corpo também se requebra nas programações do Agito Cultural”. Na primeira vez que foi realizado o “Agito Cultural”, a biblioteca atraiu pessoas através de suas atividades. Sobre essa questão a

bibliotecária enfatizou que “a biblioteca ficou lotada e por isso que estamos fazendo a reforma de ampliação” (informação verbal)¹⁵.

Com base na fala da bibliotecária, como muitos moradores já estavam habitando o espaço de mais uma biblioteca da Rede, o desafio agora é criar estratégias para fornecer a mediação da leitura, através da contação de histórias, fortalecimento da oralidade, desenvolver a escuta, encontros e aproximações.

4ª Reunião: Conversas sobre a Oficina e Projetos

Data: 11 de julho de 2016

Território: Biblioteca Monteiro Lobato

Bairro: Cidade Operária

Após a realização da oficina (a ser relatada na seção 5.5.3) agendamos uma reunião, não para avaliar mas para continuar o trabalho, processualidade dos modos de intervir no campo. Neste encontro, fizemos alguns comentários sobre a viabilidade de esboçarmos um projeto de inserção tecnológica da Rede e mapeamento de atores que poderiam contribuir com algumas linhas de pensamento e proposição de intervenções. Como a Rede possui uma programação, nesta ocasião tive a oportunidade de entrevistar as duas bibliotecárias, solicitei que as

O mediador da Rede responsável pelas ações que envolvem a publicidade, criação de material de divulgação e comunicação das instituições é um profissional das artes visuais, graduado em Educação Artística, que possui uma sensibilidade estética que poderia potencializar ainda mais algumas intervenções da Rede. Ao perguntar sobre a atuação do mediador, a bibliotecária comentou: “nem me preocupo, ele saca muito, é um ótimo profissional. Geralmente trabalha em casa, mas participa de nossas formações e atividades que a Rede desenvolve.” (informação verbal¹⁶).

Lembrei da primeira reunião na Arthur Azevedo quando ainda estávamos discutindo como divulgar as ações da Rede, de buscar dispositivos para possibilitar e incentivar a produção multimídia. A próxima estratégia é equipar as bibliotecas e criar um ambiente de produção criativa que agregará dispositivos móveis, experiências sensitivas, uma biblioteca tática, com território de saber-fazer, fábrica de criação e invenção. Até o momento

15 Depoimento fornecido pela Bibliotecária T.R em 11 de julho de 2016.

16 Ibid.

já havíamos modificado todos os fluxos, agregado percepções e modos de pensar e agir para tornarmos as bibliotecas uma máquina de semiotização.

Comentei que poderia desenvolver oficinas para a comunidade, mas precisaria da atuação direta do mediador responsável pela área de produção multimídia para assim incrementarmos os programas de Vivência Literária, Saraus Poéticos e Projetos para apropriação Tecnológica nos bairros da cidade. Solicitei a opinião das bibliotecárias para ouvir a relação e contribuição da Universidade para desenvolver essas articulações para estas intervenções no que se refere às experiências criativas mediadas por computador e outras interfaces digitais. Foram apresentadas várias sugestões, dentre elas os enunciados que trouxeram embasamento para formulação de um projeto articulado com a Rede.

Aproveitando a presença no campo, observei duas estudantes que ali estavam, as bibliotecárias comentaram que são frequentadoras assíduas do espaço, estudavam em uma escola municipal, próxima a rede e que estavam perguntando sobre novas aquisições de obras. Uma das estudantes se dirigiu a uma das bibliotecárias e perguntou sobre um determinado livro, após o empréstimo, as estudantes começaram a conversar com um dos mediadores. O mediador comentou que em breve teríamos umas oficinas de vídeo, fotos e mídias sociais e que gostariam da presença delas. Depois o mediador informou que as meninas fazem parte de um grupo de poesia que eles possuem e que fazem diversas experimentações também no âmbito da Residência 05. Ao acompanhar esses passos, percebi intimidade, amizade e convívio associado ao livro, a leitura, a biblioteca, a um território existencial.

Na conversa com as bibliotecárias, falamos de um projeto para aquisição de novos computadores, recursos para manutenção das máquinas, assim como a instalação de computadores nas bibliotecas e melhoria no sinal de rede sem fio, a oferta de curso de informática destinado a comunidade e cursos de capacitação, módulos obrigatórios a cerca do laboratório, onde os alunos e demais usuários sejam levados a utilizar o computador na pesquisa bibliográfica, pesquisa em ferramentas de busca, palestras sobre cursos nessas bibliotecas para quem está estudando para o vestibular e ainda tem dúvida de qual profissão escolher.

Busquei relacionar as atividades que elas estava planejando, como o Projeto de Extensão Poderia auxiliar nessas ações, tratamos da informatização do acervo, comunicação descentralizada na Web, cursos de informática, palestras sobre áreas do conhecimento, discussões sobre uso responsável das redes sociais, privacidade, cibercrimes, ativismo e

outros assuntos que podem ser discorridos e problematizados no âmbito das bibliotecas comunitárias. Muitas anotações para depois traçarmos linhas para incrementar as bibliotecas, abertura de laboratórios com disponibilidade de mediadores e ações de dinamização do território. Biblioteca, bairro e atividade estética, por meio destas estratégias ativas e participativas e da integração de todas vozes da comunidade, a proposta de desenvolvimento e articulações micropolíticas garantirão a manutenção e sustentabilidade das bibliotecas.

Na próxima seção discuto as oficinas que consegui realizar e participar, o que permitiu problematizar as bibliotecas como territórios criativos a partir do acesso a computadores, internet e expressões artísticas, uma vez que a cidade subjetiva emerge dos movimentos que agenciam o livro, a leitura, a biblioteca e a informação.

5.5 Oficinas: tecnologias livres, leitura e experimentações criativas

Nesta seção abordo as linhas que agenciam as tecnologias baseadas em tecnologias livres, leitura e experimentações criativas. Foram desenvolvidas diversas ações nas bibliotecas da Rede, nesta tese, elegi 3 oficinas para estabelecer o debate através da narração dos trajetos das experiências. Ao fazer esse mapa, não estabeleço pontos de partidas, nós que demarcam o início e fim, apenas ramificações, bifurcações e algumas rupturas. A intenção é relatar oficinas através da coexistência e dialogar com alguns elementos conceituais que permitiram acompanhar as processualidades das bibliotecas a partir de uma perspectiva ético-estética.

- 1) Tecnologias Criativas em Bibliotecas.;
- 2) Arte de Contar Histórias;
- 3) Tecnologias Criativas em Bibliotecas Comunitárias.

A oficina Tecnologias Criativas em Bibliotecas foi o acontecimento que permitiu discutir as plataformas colaborativas, leitura e produção criativa, para apresentar a biblioteca como espaço dialógico e de experimentação estética. O evento foi interessante para debater, apresentar alguns *softwares* livres e iniciativas para inspirar projetos de intervenção em bibliotecas.

A oficina Arte de Contar histórias com Renata da companhia Xama-Teatro foi uma experiência relevante para compreender que pesquisar implica movimento, ação e intervenção no plano comum e heterogêneo. Nessa experiência consegui os agenciamentos livro, mundo e corpo, perceber o dialogismo proporcionado pela literatura, a arte de narrar histórias e trazer recursos para reconfigurar as ações de mediação da leitura nos processos que engendram os modos de subjetivação em bibliotecas.

Na oficina Tecnologias em Bibliotecas Comunitárias, capturei as micropolíticas das bibliotecas que estão conectadas a Rede Leitora Terra das Palmeiras. Na oficina pudemos discutir as apropriações tecnológicas em processos criativos, explorar algumas ferramentas e agregar saberes e fazeres para amplificar a atuação da Rede nas áreas urbanas da Grande São Luís.

5.5.1 Oficinas Tecnologias Criativas em Bibliotecas

Aqui descrevo os aspectos referentes a oficina ministrada na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia realizada no Maranhão (SNCT), intitulado Tecnologias Criativas em Bibliotecas. Além de tratarmos dessas questões e sobre estratégias de acompanhamento nas redes sociais de atividade, programações, discutimos a importância dos ambientes colaborativos com blogs, *wikis*, portais, mídias sociais e ferramentas para criação multimídia.

A oficina foi a primeira atividade do programa de intervenções propostos no Projeto de Extensão intitulado “Tecnologias Criativas em Bibliotecas”, desenvolvido em bibliotecas no Maranhão. O planejamento das oficinas do projeto de extensão se fundamentou nas abordagens transversais e aspectos que atravessam as temáticas da educação e cultura na construção coletiva a partir de softwares livres e dispositivos digitais como câmeras, celulares inteligentes e notebooks. Através de uma abordagem transdisciplinar, o projeto busca afirmar a biblioteca como espaço de convergência de práticas e deslocar a função de simples instituição de acesso à informação e conhecimento e evidenciar a biblioteca como um território vivo de produção semiótica.

A oficina buscou também realizar articulações e mapear bibliotecas de ONGS, instituições de ensino superior, escolas, instituições e empresas que objetivam conhecer conceitos e práticas para fomentar a criação e invenção como estratégia de dinamização de seus acervos e espaços. Busquei também conviver com atores interessados na importância das

bibliotecas, assim, iniciamos a oficina, destaquei os objetivos e solicitei que todos se apresentassem e fizessem comentários sobre suas expectativas e percepções. A oficina contou com a participação de quatro estudantes de uma IES privadas, interessados em conhecer os recursos informacionais das bibliotecas, bem como auxílio nas pesquisas acadêmicas, bibliotecárias, estudantes de biblioteconomia da UFMA e professores. Os estudantes da IES privada comentaram que a escolha pelo curso se deu pelo fato da curiosidade em saber como as tecnologias nas bibliotecas podem ser usadas como fonte de pesquisa e estudos. Essa é a visão predominante de biblioteca universitária, mas enfoquei que o curso será para visualizarmos em espaço de convivência, espaço de cultura e lazer.

Uma estudante de biblioteconomia disse que ficou interessada na temática para compreender melhor a aplicação da informática nas bibliotecas, enquanto as bibliotecárias colocaram que buscam sempre capacitação para educação continuada e também para poder aplicar no seu ambiente de trabalho. Após as apresentações, iniciei o primeiro tópico a ser discutido e com base nas falas dos participantes relacionei o conteúdo com suas expectativas e com base nessas colocações, apresentei um referencial para mapear aspectos de inserção tecnológica nas bibliotecas. Este referencial foi inspirado nos estudos sobre as TICs em instituições sem fins lucrativos, escolas e amostra em domicílios do CGI, realizei adaptações e listei alguns pontos que podem sustentar estudos e ações que envolvem as tecnologias:

- Características da base material da instituição;
- Rede interna e infraestrutura de Internet;
- Segurança e manutenção;
- Relacionamento com programas de infraestrutura tecnológica;
- Uso do computador e da Internet;
- Uso do computador e da Internet pelas bibliotecárias, professoras, mediadores e técnicos em atividades de ensino-aprendizagem;
- Aspectos pedagógicos e culturais das bibliotecas;
- Serviços disponíveis para o público da biblioteca;
- Aspectos da formação de pessoal, uso de computador e Internet e aplicação em atividades de produção criativa;
- Motivações/iniciativas da biblioteca frente as TICs;

- Desafios, barreiras e perspectivas da adoção das TICs.

Registro a presença de bibliotecárias do Instituto Federal do Maranhão no ambiente, o que permitiu trocas de saberes-fazer e visualizar as problemáticas acerca das bibliotecas escolares/universitárias, pois estas instituições também necessitam dinamizar seus espaços através de uma programação artística e cultural no ensino superior e técnico. O espaço acadêmico é uma potência inventiva, então por que a biblioteca universitária não acompanha esse movimento? Percebemos o quanto ainda é tímida a presença de programas que visam dinamizar os espaços, através de instalações artísticas, exposições, energia de pessoas que compartilham experiências e acervos que permitem conhecer diversos mundos.

Com base nessas premissas, enfoquei a relevância da Pesquisa-Extensão como articulação, formação necessária para proporcionar o acesso a essas experimentações que visam a potencialização de saberes e fazeres. Na discussão percebemos que existem poucos exemplos de bibliotecas universitárias que desenvolvem ações de curadoria e divulgação do acervo de forma criativa, através da apropriação de múltiplas expressões artísticas. As inovações tecnológicas modificam os modos de fazer e podem trazer contribuições relevantes para programas e serviços oferecidos aos leitores das bibliotecas acadêmicas. As mudanças dos modos de produção exercido pelos fluxos de informação e comunicação nas instituições de ensino, pesquisa e extensão avançaram de forma significativa nos últimos anos, mas ainda necessitam de reconfigurações teóricas e metodológicas. Partindo de uma análise heterogênea e embasamento transdisciplinar, já que esse trabalho busca explorar a questão tecnológica como um possível dispositivo para acionar outros modos de pensar e agir, verifiquei múltiplas formas de apresentar as Tecnologias Criativas em todas as bibliotecas independentes de seus vínculos escolares, universitários, especializados, comunitários ou qualquer outra classificação.

Seguindo estas pistas, retomei as colocações de Paletta, Vasconcelos e Gonçalves (2015) quando afirmam que as bibliotecas permitem a construção das cidades inteligentes através de *clusters* criativos, assim, as “bibliotecas públicas e bibliotecas universitárias são equipamentos culturais como locais de disseminação de informações, de interação e geração de novos conhecimentos, fator que contribui para a criação e o desenvolvimento de cidades inteligentes”. Conforme os autores, o papel da biblioteca pode desenvolver ações que envolvem a “mobilidade, meio ambiente, dentre outros aspectos cruciais para a cidade,

acessem informação relevante sobre tais aspectos e tragam para debate a todos os atores”, a biblioteca nessa perspectiva, é um local de “encontros, discussões, ideias e reflexões”. (PALETTA, VASCONCELOS E GONÇALVES, 2015).

Assim, uma bibliotecária de uma Instituição de ensino superior participante da oficina, argumentou que existe uma grande energia e desejo para desenvolver essas atividades nas bibliotecas universitárias, mas nem sempre é possível executar, pois é necessário captar recursos e geralmente as instituições possuem restrições orçamentárias. A bibliotecária discorreu que, “geralmente a verba é para aquisição de livros, assinatura de periódicos e licenças de software, nem sempre temos recursos para implantar atividades mais inovadoras e criativas em nossos espaços de atuação, como podemos mudar esse cenário professor?” (informação verbal¹⁷). Outro participante da oficina, acrescentou: “tipo cursos como normalizar trabalhos científicos, dicas de bases de dados, ferramentas de busca, bibliotecas digitais e periódicos” (informação verbal¹⁸)

Respondi que todos esses exemplos são interessantes, coloquei: “isso é importante, mas poderíamos inserir aí performances, dança, teatro, exposições, residências de artistas, a professora Mostafa tem um artigo que trata dessas questões, e as atividades propostas por Damon-Moore e Erinn P. Batykefer (2014), além dos estudos de caso que servem para inspirar ações criativas no livro de Smallwood (2014), assunto ainda pouco difundido aqui no Brasil.”

Ao comentar esses textos, frisei que é importante discutirmos essas questões, pois exemplifiquei na cidade de São Luís, existem iniciativas que têm trabalho com essas abordagens e trazem inúmeras perspectivas para reconfigurar os conceitos de biblioteca. Comentei que é importante também atentar para os modelos de produção coletiva e colaborativa que as tecnologias permitem e disse que muitas bibliotecas não possuem essa interação direta com os seus leitores. Foi então que uma aluna pediu a palavra e comentou: “Lembro que quando entrei na UFMA, teve uma exposição de fotos, parece que era um projeto de exibir obras dos próprios alunos ou era um concurso, não lembro...” (informação verbal¹⁹)

Sobre a questão de recursos, respondi que uma saída para esse impasse é escrever projetos e submeter a editais, não apenas para agências de fomento a pesquisa, tecnologia e

17 Comentário realizado pela bibliotecária D.V. em 10 de outubro de 2015.

18 Comentário realizado por um estudante de Administração em 10 de outubro de 2015.

19 Comentário realizado por um estudante de Biblioteconomia em 10 de outubro de 2015.

inovação, mas também Institutos, empresas privadas e outras organizações também possuem editais no campo da cultura, eixo leitura, livro, biblioteca, literatura e informação.

Após as discussões, fizemos um intervalo e ao retornarmos iniciei minha fala abordando alguns conceitos e demonstrei as diversas ferramentas baseadas em softwares livres para estimular o processo criativo e desenvolver experimentações nas bibliotecas. Abordei alguns sistemas para criação, edição e manipulação de gráficos e que as bibliotecas podem criar *wallpapers*, fotografias e imagens vetoriais e *bitmaps*, *gifs* animados, impressos: folhetos, cartazes, livros “artesanais”, marcadores de página, sinalizações, placas, cartões de visita, carteira da biblioteca, adesivos. Mostrei algumas iniciativas de bibliotecas que servem de influência para que bibliotecas façam uso criativo e inovador dessas ferramentas e partimos para outras discussões para inspirar programas e atividades em qualquer biblioteca.

Abordei a filosofia dos *softwares* livres oriundo da criação coletiva, diversas vozes, textos, imagens, códigos que transitam por redes de livre fluxos de conhecimentos, movimentado pelos “artesãos dos programas de computador e das redes livres”, (GORZ, 2005). Comentei que o modelo de *software* livre não segue os fundamentos rigorosos da Engenharia de Sistemas, mas possuem vias para acessar a experiência coletiva, as múltiplas vozes, enunciações e processos que desencadeiam uma visão transdisciplinar de atividades e eventos, relações entre objetos técnicos, conceitos, sujeitos que são linhas de fuga do simbolismo e das significantes e das sujeições sociais estabelecida previamente pelo determinismo tecnocientífico.

A escolha dos *softwares* livres, se deu pelo fato de demonstrar algumas ferramentas que podem auxiliar no processo de criação multimídia nas bibliotecas, informatização e digitalização de acervos e publicação de objetos digitais em rede. Conversamos sobre o GNU/Linux, sua história e filosofia, citei alguns documentários e filmes que tratam do tema e comentei tal fenômeno tecnocientífico que corresponde a uma lógica manifestada pelo compartilhamento e trabalho colaborativo e que atingiu a comunidade científica e também possui implicações culturais, a cultura do compartilhamento, as redes P2P que até hoje enfrentem problemas de ordem jurídica por causa dos regimes restritivos de direitos autores e propriedade intelectual.

Assim abordamos os principais Sistemas Operacionais (SO) baseados no Linux, os problemas e desafios, bem com algumas perspectivas. Fizemos um *boot* pelo drive de DVD-ROM e utilizamos o sistema sem instalar nos discos rígidos. A possibilidade de

experimentar uma outra interface foi relevante para demonstrar a heterogeneidade das ferramentas de informática através do S.O LinuxMint, e o Ubuntu Studio como sistema apropriado para edição multimídia. Demonstrei ainda ferramentas de Gráficos como Gimp, Inkscape, Scribus e Blender. Áudio: mixxxx, vlc, audacity, ardour, rosegarden, hydrogen. Vídeo: OpenShot, Cinelerra, KDE N live, LiVES, AVIdemux e outros.

Após algumas demonstrações e dicas de tutoriais, fóruns e portfólios para inspirações, a experiência possibilitou apresentar e discutir os problemas, conceitos e ferramentas, o que permitiu visualizar as bibliotecas como território criativo e inventivo a partir das tecnologias convergentes. Na seção seguinte comento a experiência de aprendizado coexistente disparado na oficina de contação de histórias oferecida aos mediadores e mediadoras de leitura da Rede, essa vivência foi de fundamental importância para conhecer o pessoal da biblioteca, suas percepções, modos de vivência e tecnologias adotadas na execução de seus trabalhos.

5.5.2 Oficina Arte de Contar Histórias

Contar Histórias é brincar com as palavras, identificar cada momento da histórica como único. Na oficina os participantes brincam com as palavras e com a voz, arremessam as palavras-chaves da história no espaço, cochicham a história para um ouvinte-participante, contam somente com as mãos ou numa língua inventada, conservando a intenção do momento. Nessa experimentação com as palavras, os participantes contam, ao final da oficina, a história escolhida do começo ao fim, com pique-ritmo, corpo-voz e emoção, valorizando a narração simples, sem acessórios externos e sem grandes movimentações e deslocamentos pelo espaço (VASCONCELOS; FIGUEIREDO, 2010)

A biblioteca é uma casa de invenção como afirmou Milanesi (1993), contudo, a questão criativa e inventiva nessas instituições as vezes é ignorada devido a demarcação de territórios, assim rupturas são necessária para reinvenção do espaço físico, conceitos e nas funções estabelecidas de forma serializada. É nesse sentido que observo que ler e escrever é experimentar o corpo, a imaginação, os sentidos e territórios que amplificam relações com a palavra falada e escrita. A biblioteca é um espaço heterotópico, modulada por estratégias de dinamização e incorporação das redes e sistemas de informação, programas artísticos e culturais, passaram operar de forma descentralizada e heterogênea devido à multiplicidade de formatos digitais, normas, aplicações, dispositivos e atores.

Diante dessas afirmações, acompanhei as linhas durante uma interferência no território das bibliotecas, assim, foi necessário pensarmos a biblioteca como território existencial conduzido por fluxos corporais e incorporais, enunciações coletivas e objetos técnicos. Esse território de multiplicidade, polifonia e diferenciação foi composto pelos agenciamentos entre narrativas e performances, signos vetoriais para intensificar o imaginário popular através de contos, canções e danças em oficina de contação de histórias. A oficina intitulada a “Arte de contar histórias” ministrada pela arte-educadora Renata Figueiredo e envolveu diversas expressões artísticas no processo de trabalhar a mediação da leitura. Conforme Vasconcelos e Figueiredo (2010), a “arte de Contar Histórias busca trabalhar o nível orgânico e o nível narrativo do educador-contador de histórias”, as autoras comentam que ao “colocá-lo no papel do carpinteiro, na sua função da busca pela quietude absoluta, das ferramentas necessárias, da escolha da história certa, aquela que está esperando pra ser contada”.

A oficina ocorreu em 08 e 09 de Abril de 2016 na Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato, instituição que possui maiores inclinações para performances teatrais, musicais, por possuir um espaço próprio para expressões artísticas e culturais. Ao chegar na biblioteca fui recebido pelo mediador, que comentou sobre o novo prédio, que ainda estava finalizando a pintura e acabamento e em breve fariam muitas atividades e intervenções.

“Então professor, como dá para ver, estamos pintando ainda e depois vamos fazer uma decoração, botar umas artes aqui, ali, fazer um mural de fotos ...” (depoimento verbal²⁰) Frisou o mediador apontando para as paredes do espaço físico, como um videoartista mapeando as diversas superfícies de território que será palco de sua intervenção. Perguntei ao mediador onde poderia ligar o *notebook*, pois queria deixar gravando o áudio da oficina para depois transcrever alguns pontos para sustentar minhas narrativas acerca do trabalho da Rede, para assim mapear conceitos, técnicas, práticas, pessoas, afetos e sentidos e visualizar de que forma o projeto de Extensão Tecnologias Criativas em Bibliotecas pode contribuir na dinâmica das bibliotecas da Rede. Deixei claro que não mencionaria nomes e não seria um trabalho de avaliação das atividades, serviços e produtos da Rede. Já estava na hora de começar a oficina e alguns participantes ainda não tinham chegado. A bibliotecária comentou que ainda faltava chegar algumas pessoas, foi então que um mediador falou:

20 Comentário realizado pelo mediador J.R na Biblioteca Monteiro Lobato em 08 de abril de 2016.

“*vou dá uma sacudida no grupo*” comentou o mediador ao postar uma mensagem em uma rede social só de atores que compõe a Rede.

Logo chegou as outras mediadoras, após algumas apertos de mãos e saudações, iniciamos a oficina. A bibliotecária responsável pela Rede abriu a oficina, realizou as apresentações. Logo após a apresentação da responsável pela oficina de contação de histórias, a bibliotecária mencionou uma diferença entre “mediação” e “contação”. Após a apresentação, bibliotecária iniciou a mediação do livro “Contos de enganar a morte” de Ricardo Azevedo. Após a mediação, surgiram comentários sobre o autor e suas obras que de contos populares. A arte-educadora Renata Figueiredo falou do seu grupo Xama Teatro²¹.

O Xama Teatro é um grupo que desenvolve atividades culturais e artístico-pedagógicas, sob a forma de espetáculos, oficinas, e contadores de histórias. Seus integrantes participam de Festivais, Encontros e Simpósios de Teatro e de Contadores de Histórias no Brasil desde 2001”. O Grupo Xama Teatro é uma associação civil, com personalidade jurídica própria, de fins artístico-culturais e não lucrativos. Constituem objetivos e finalidades da Associação, dentre outros: contribuir para o desenvolvimento das artes cênicas no Estado do Maranhão; promover e incentivar o desenvolvimento da pesquisa e criação artística e produzir espetáculos teatrais e eventos de caráter cultural. Fundado em abril de 2008, o Grupo Xama Teatro desenvolve ações artístico-culturais notabilizando-se pela diversidade de seus projetos que abarcam a montagem e circulação de espetáculos, oferta de cursos de formação, apresentação de contadores de histórias, produção de encontros e festivais de teatro, produção e veiculação de programa radiofônico e realização de pesquisa com foco no ator-contador (GRUPO XAMA TEATRO, 2016).

A arte-educadora comentou que a proposta do grupo é trabalhar com repertório de contos e como a Rede atua com a mediação de contos, poesias e narrativas, conforme Vasconcelos e Figueiredo (2010), o Grupo Xama Teatro é associado ao Grupo de Pesquisa Teatral Cena Aberta da Universidade Federal do Maranhão e através do projeto de pesquisa ator-contador, aproxima “profissionais de diversas áreas de atuação, dentre estes profissionais, um maior número de interessados pelo tema concentra-se na área da educação, professores, que se utilizam das histórias, orais e escritas, em suas práticas pedagógicas na sala de aula”.

Após a apresentação da proposta da oficina, uma integrante da equipe que compõe a Rede colocou que existe uma recomendação, um protocolo que especifica as atividades desenvolvidas como “mediação”. Outras acrescentaram que essa discussão já foi pauta de debates internos e em eventos da área. Logo foi disparada uma discussão a respeito do conceito de “mediação”. Ao atentar para tal acontecimento, percebi o risco de cair na

21 Página do Grupo Xama Teatro: xamateatro.blogspot.com.br

dicotomia mediação x contação, mediação da leitura, mediação cultura, mediação da informação. Essas discussões são apontadas pela literatura e alimentam discussões acerca da mediação em Biblioteconomia e Ciência da Informação e relações com outros domínios (CARVALHO, 2015), mediação cultural em bibliotecas com base na Ciência da Informação (RASTELI; CALDAS, 2015) e na comunicação e cultura (FEITOSA, 2016). Feitosa (2016, p.113) argumenta que “a prática bibliotecária, mesmo a de maior facilidade de aferição junto aos seus usuários, precisa remodelar o conceito de mediação à luz dos processos culturais advindos das reações dos sujeitos e das culturas destes, e não apenas aferindo seus modos de organização e tratamento da informação”. Na Rede essas modelizações são refutadas pela própria dinâmica existencial das demandas criativas das pessoas que habitam as bibliotecas. Concordo com Rasteli (2013) quando afirma que existem “dispositivos produtores de sentidos, as bibliotecas objetivam permitir o acesso às informações observando que a comunidade constrói significados enquanto vivenciam o contato com as estratégias de comunicação através das práticas culturais e artísticas” (RASTELI, 2013). Observo a partir dessas enunciações e acontecimentos contemporâneos, algumas linhas de fuga que ultrapassam esses significados construídos, seria apenas tentativas de rotular, propor modelos significantes e formais para poder transmitir, disseminar perspectivas representacionais que insistem na identidade sólida, o sujeito individuado. Após estas percepções e produção de alguns posicionamentos, uma mediadora contestou e afirmou que: “na verdade acaba sendo tudo a mesma coisa, o que importa é proporcionar o momento de leitura e de prazer” (informação verbal²²), comentou uma mediadora participante da oficina. Máquinas desejantes, o desejo de ler, escrever, de experimentar modos de subjetivação é a potência que movimenta a dinâmica da Rede. A oficina disse que talvez seja uma questão de nomenclatura, acredito portanto, que existe uma busca por estabilizações conceituais, definições para formular taxonomias e fundamentos para facilitar o ensino e pesquisa que muitas vezes estão dissociadas dos territórios existenciais, dos movimentos que discutem e fazem desmaterializar os modelos centralizados que insistem em abordagens culturalistas e representacionais oriundas do pensamento arbóreo.

Acredito que existem diferenças, entretanto se complementam a mediação não é uma mera reprodução, ou repetição do já registrado no livro. A própria dinâmica de mediar pode implicar num modo de ressignificação, um modo de contar, pois é uma recriação do

22 Comentário realizado pela mediadora F.A que atua na Biblioteca Portal da Sabedoria.

texto, utilizamos os corpos, as falas, os olhares para explorar a narrativa, o acesso à experiência do outro. A arte-educadora mencionou que contação de estórias implica a manipulação do livro enquanto objeto, pois “a história não é pronta”, é necessário “passar a temperatura do livro através da fala”, a tecnicidade, indeterminação, tudo depende do acontecimento, tanto o contador quanto o mediador utiliza dessas estratégias, desses recursos. A intertextualidade existente nesses processos não necessariamente dependem de recursos avançados, claro que devemos considerar os múltiplos recursos existentes e as diversas fontes de informação, porém a criação e a invenção não depende necessariamente de uma tecnologia sofisticada. A ideia de trazer as enunciações, o corpo e os objetos técnicos como dispositivos permitem pensar nos agenciamentos maquínicos que engendram as dinâmicas das bibliotecas. O desafio lançado é cada vez mais incentivar as singularidades que compõe a produção de subjetividade e uma vez munindo-se dessas proposições, nos distanciamos dos mecanismos reguladores que tanto permeia a sociedade contemporânea.

Figura 23 – Oficina Arte de Contar Histórias



Fonte: Autor

As enunciações coletivas da Rede possibilitaram compreender a energia e a intensidade dos agenciamentos que uma vez foram disparados pelas experiências da oficina

de contação de histórias. O corpo, a fala, a escuta proveram o intercâmbio de afetos, perceptos e vínculos que ligam os processos de modulação dos fluxos de “informação-afeto” (NOVACRUZ; MOSTAFA, 2014). Essa afecção foi efetuada durante as atividades da oficina de contação de histórias através das enunciações, discussões e experimentações desenvolvidas pela Rede. De acordo com Renata, na contação de histórias “o livro é manipulado como um boneco” e a expressão corporal, movimentada pelo corpo, pelo olhar, pela escuta são instâncias que potencializam os modos de semiotização, já que o “o corpo fala”, como colocou a ministrante da oficina.

A oficina desenvolveu diversas práticas, destes técnica para narrativas com o corpo e com a voz, escolha de uma história e formas de preparação dos recursos a serem realizados assim, “a narração oral é constituída de uma aprendizagem lúdica de reconhecimento e redescoberta das capacidades e potencialidades corpóreo-vocais do educador-contador. Exercícios de respiração e expressão vocal, caminhadas pelo espaço, dão suportes para esse reconhecimento.” (VASCONCELOS; FIGUEIREDO, 2010).

Para as autoras “contar Histórias é brincar com as palavras, identificar cada momento da história como único” e para intensificar essas singularidades na oficina, foi realizada uma formação de grupos, cada grupo escolheu um livro de literatura infantil do acervo e com base na história do livro, os grupos criaram versos musicais, explorando alguns instrumentos de percussão como suporte, fizeram desenhos e pinturas para trabalhar, tudo isso com base no conteúdo do livro, reinventando a história, dando o sentido coletivo. A professora Renata comentou que embora o foco seja usar recursos simples, o corpo, o livro e a oralidade, podemos também outros recursos, conforme a professora: “alguns utilizam recursos audiovisuais, projetor multimídia, usar a música para trabalhar o ritmo, tanto música mecânica quanto ao vivo em parceria com algum músico, sonoplastia. Na rádio por exemplo, tinha toda uma equipe de produção, edição, pós-produção”. (informação verbal²³).

O grupo tinha um programa que narrava histórias na rádio Universidade FM, demonstrando assim a exploração de dispositivos heterogêneos e ao ouvir essas declarações, imaginei diversas ferramentas baseadas em *softwares* livres que foram apresentadas na oficina de Tecnologias Criativas em Bibliotecas, mencionadas na seção anterior. Vislumbrei projetos para exploração de imagens digitais e analógicas em movimentos, fragmentos de textos dos livros, exploração do áudio, pois é um recurso para acessibilidade, *softwares* para edição

23 Comentário fornecido pela professora Renata Figueiredo

multimídia, produção audiovisual, rádios na Web para trazer histórias faladas, narrativas diversas.

Na oficina os participantes brincam com as palavras e com a voz, arremessam as palavras-chaves da história no espaço, cochicham a história para um ouvinte-participante, contam somente com as mãos ou numa língua inventada, conservando a intenção do momento. Nessa experimentação com as palavras, os participantes contam, ao final da oficina, a história escolhida do começo ao fim, com pique-ritmo, corpo-voz e emoção, valorizando a narração simples, sem elementos externos e sem grandes movimentações e deslocamentos pelo espaço (VASCONCELOS; FIGUEIREDO, 2010).

A contação de histórias permite ampliar a escuta, o olhar fixo para o outro que dispara fluxos semióticos assnificantes e nesse hibridismo, canetas, pincéis, lápis, papéis, tesouras, celulares, *notebooks*, projetor, aplicativos e redes sociais se associam, veemência de pensar outros modos de existência das bibliotecas, suas transformações e assim modificar processos e desenvolver novas ações. Estes processos formam um conjunto que transforma ideias, experiências, inovações e oportunidades para potencialização da criatividade e invenção nas bibliotecas, sejam elas comunitárias, escolares, universitárias, especializadas, públicas, experimentação tecnoestética nas bibliotecas ultrapassam as proposições determinísticas, pois todas as bibliotecas possuem acervos, pessoas, objetos, processos, saberes, fazeres, afetos, perceptos e enunciações que desenham esse território comum.

Figura 24 – Atividades da oficina



Fonte: O autor (2016)

Depois dos dias de trabalhando diversos modos a história de um livro, percebemos o livro como agenciamento conforme mencionam Deleuze e Guattari, “como linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação.”

Um livro é um tal agenciamento e, [...] É uma multiplicidade — mas não se sabe ainda o que o múltiplo implica, Um livro existe apenas pelo fora e no fora. Assim, sendo o próprio livro uma pequena máquina, que relação, por sua vez mensurável, esta máquina literária entretém com uma máquina de guerra, uma máquina de amor, uma máquina revolucionária etc. — e com uma máquina abstrata que as arrasta. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.18-19).

As atividades de dinamização das bibliotecas da Rede sugerem que as ações desenvolvidas sejam articuladas pelas rupturas das dicotomias texto escrito/falado e homogeneização de seus atores, pois estes não são vistos como cidadãos e cidadãs que exercem os seus direitos, como fabricante de uma sociedade de fluxos criativos. Assim, gestores, bibliotecárias, mediadoras (es) e leitores (as) são guiados (as) pela perspectiva ética-estética ao cerne de questões micropolíticas originadas no encontro de corpos, ações, afetos e sentidos. As bibliotecas possuem complexas relações nas suas mais diferentes manifestações e expressões criativa, assim, o ativismo da Rede e seus múltiplos agenciamentos contemporâneos estão ligados às contínuas intensidades de experiências e alternativas à produção simbólica dominante, pois conecta modos de subjetivação que tem como força propulsora, uma conduta que funde a arte do cotidiano, a vida que tece fissuras nas cadeias de contemplação. Arte como intervenção, leitura como expressão estética, bibliotecas como territórios de experimentação criativa.

Consegui acompanhar “os aspectos éticos presente na ação” (PASSOS, 2016), como constituiu as percepções e afetos das “práticas profissionais desconexas da realidade” vivenciadas por Passos (2016) que defende que essas presentes intervenções estão “muito além dos acervos bibliográficos ou estritamente informacionais”, conforme as singularidades experimentas. Seguindo os fluxos, abordo as afetabilidades inerentes a essa vivência no campo, pesquisa associada as percepções e sustentações teóricas que constituem a prática de pesquisar e intervir na realidade mutável. Na tentativa de propagar a potência estética da Rede, descrevo alguns momentos capturados durante a cartografia do território investigado e

demonstro os acoplamentos, agregações e agenciamentos tecnológicos, semióticos, políticos e existenciais que afetam intensamente as bibliotecas comunitárias.

5.5.3 Tecnologias Livres na produção criativa em Bibliotecas Comunitárias

Na aprendizagem coletiva com as mediadoras, bibliotecárias, gestores e professoras, convivi em um plano para construção de sentidos, fomentar a autoria e dialogar sobre os desafios e perspectivas de projetos de mediação cultural desenvolvidos pela Rede que conectam territórios, subjetividades e técnica, visível durante as visitas e reuniões nas bibliotecas. Logo percebi inúmeras maneiras de participar desses processos, por isso propus realizar uma oficina de produção de conteúdo com computadores, dispositivos móveis, câmeras/filmadoras, manipulação de *softwares* para edição multimídia e compartilhamento de conteúdos produzidos pelos participantes das oficinas em plataformas digitais colaborativas.

Na participação da oficina de contação de histórias, como explicito na seção anterior, observei diversos modos de agenciamentos maquínicos, enunciações que agregaram o corpo como dispositivo de subjetivação na arte de contar histórias, a imaginação coletiva construída a partir das diferentes vozes, acoplamentos através de interfaces analógicas, eletrônicas e digitais. Depois de algumas reuniões e diversos diálogos, conseguimos articular a oficina com as mediadoras e bibliotecárias da Rede. A oficina foi realizada no Instituto Educando, bairro da Cidade Olímpica, onde a biblioteca Josué Montello fica sediada. Ao chegar no Instituto fui muito bem recebido e constatei que algumas pessoas não eram da Rede Leitora Terra das Palmeiras. A bibliotecária informou iniciou com uma fala sobre a Rede e a proposta de trabalho em parceria, fui apresentado e informado que algumas pessoas da Biblioteca do Caranguejo, inaugurada a uma semana e da Rede Leitora Ler para Valer, estavam interessadas em articular ações e unir energias para dinamizar os espaços das bibliotecas.

Consegui mais uma vez sentir formar uma conexão, que faz a Rede efetuar incessantes relações e multiplicações, a cada nova agregação, um agenciamento é formado, logo, amplificação da rede como movimento rizomático. Essa abertura é uma das condições necessárias para efetuar uma comunicação descentralizada, uma aliança que estabelece elos e reticulações que impedem a homogeneizante e centralização dos fundamentos e práticas

criativas no contexto dos equipamentos culturais como as bibliotecas que cada vez mais, parece ser ameaçadas pelas retóricas da sociedade tecnocrática.

Figura 25 – Primeiro momento da oficina



Fonte: O autor (2016)

Antes de iniciar a oficina (Figura 1), conversamos sobre a inauguração da biblioteca na praia de Mangue Seco, no município da Raposa, região metropolitana de São Luís, a Biblioteca do Caranguejo. Contamos com 5 representantes da biblioteca do caranguejo, espaço de leitura vinculado a cooperativa de pescadores da região. Os representantes estavam ali em busca de firmar parcerias e aprender um pouco sobre organização, gestão e sustentabilidade de bibliotecas. Estavam presentes também 2 bibliotecárias da Rede Leitora Ler para Valer, que acabara de inaugurar uma outra nova biblioteca comunitária no bairro Vila dos Frades, localizada no outro lado da cidade de São Luís.

Um dos representantes da Biblioteca do Caranguejo perguntou se eu conhecia algum sistema para catalogar. A “automação” mais uma vez surgiu como fio condutor para discutir a tecnologia da informação em bibliotecas. Respondi que conhecia alguns e que trabalhava com a ideia de *softwares* livres na graduação, relatei que eu e os alunos implementamos um ambiente de produção para experimentações, testes e análises e que depois poderíamos trocar informações e desenvolver algo. Perguntei sobre a proposta de Biblioteca do Caranguejo, quem são os atores que estão tocando o projeto, atividades e

demais aspectos. Depois o pessoal da Rede Leitora Ler para Valer comentou sobre a importância da oficina e sobre as demandas da comunidade e da urgência de informatizar o acervo e criar atividades para dinamizar o espaço das bibliotecas. Após essas exposições e diálogos, iniciamos uma atividade para desenvolver momentos de interação. Para nos conhecermos e estimular a comunicação entre o grupo, solicitei que desenhassem um mapa de trajetos, que traçassem um caminho da sua residência até a biblioteca onde pessoa atua. A figura 26 ilustra o momento da atividade de mapeamento de trajetos.

Figura 26 – Atividade de Mapeamento de Trajetos



Fonte: O autor (2016)

A intenção era que os participantes ao desenharem seus caminhos, demarcassem pontos que achassem interessantes, qualquer coisa para referenciar, ruas, árvores, buracos, pessoas, imóveis e situações corriqueiras. A atividade permitiu que todo falassem, relatassem, estabelecendo uma comunicação interativa e espaço para expressão de ideias. Muitos aspectos em comum foram relatados, tais como as vias urbanas como obstáculos, ruelas inacessíveis e perigosas, demora do ônibus, congestionamentos, excesso de veículos e demais problemas das cidades. Alguns comentaram a discrepância entre os bairros, as divisões observadas no percurso e o quanto é bom chegar na biblioteca, “*é outro mundo*”, mencionou uma mediadora da Biblioteca Portal da Sabedoria, após relatar seu desafiante, complexo e demorado trajeto. A biblioteca transfigura a realidade. Discutimos as demarcações de percursos afetivos permitem

chamar atenção de alguns aspectos que as vezes passam despercebidos, mas são interessantes para emergir a memória coletiva, comentar sobre nossas visões e percepções, exercitar o olhar. Com base nessa experiência comentamos o impacto das Redes Leitoras na cidade, os desafios impostos na atual conjuntura e a necessidade de fortalecer as articulações.

Antes de começar a trabalhar o conteúdo programado, comentei que o planejamento das oficinas foi baseado em aspectos ligados às temáticas transversais, como arte, educação, política e diversidade para fortalecimento das bibliotecas. Assim, conseguimos trazer a tona a abordagem para conceber a biblioteca como espaço de convergência de sentidos e deslocar a função de suporte à formação e pesquisa. Iniciei o primeiro tópico a ser abordado e apresentei o ambiente para compartilhamento de conteúdo das atividades de extensão. Optei por desenvolver uma ferramenta de comunicação, um Portal Colaborativo “Bibliotecas do Maranhão” (www.bibliotecasma.org), plataforma implementada para publicação e compartilhamento de conteúdos produzidos pelos participantes das oficinas e estudantes da disciplina Tecnologia e Gerenciamento da Informação, na qual sou responsável na graduação em Biblioteconomia. O ambiente digital foi implementado utilizando o *software* livre Wordpress, o qual funcionará como um território aberto de comunicação descentralizada e publicação de conteúdos produzidos.

Após a apresentação da plataforma e discussões sobre a inserção de tecnologias na sociedade, solicitei que os participantes realizassem um cadastro no sistema e depois conhecemos os principais recursos da plataforma, como fazer *posts*, criar páginas estáticas, adicionar mídias, categorias, *tags* e comentários. Fiz uma pequena demonstração e depois sugeri que entrassem no sistema, postassem algum conteúdo e adicionassem alguma imagem. Comentei a importância da escrita/leitura na Web, bem como a criação de nossos gráficos, fotos e vídeos. Então apresentei os softwares para criação, edição e manipulação de imagens Gimp e Inkscape. Tratamos da importância de profissionais que atuam com produção visual, estes são os responsáveis pela criação de concepções visuais, mas também demonstrei que é interessante experimentar essas ferramentas, trabalhar com fotos, imagens e gráficos para impressão e publicação na Internet. Demonstramos a filosofia de desenvolvimento dessas ferramentas e falamos das possibilidades para produção de gráficos e fotografias que podem materializar *folders*, cartazes, marcadores de página, logomarcas e até mesmo interfaces de páginas na Web.

Perguntei sobre as mídias impressas e digitais que as bibliotecas produzem e alguns falaram que geralmente existe uma pessoa responsável, na Rede Terra das Palmeiras é o *designer* e na Biblioteca do Caranguejo um dos participantes mencionaram que estavam contando com a ajuda de um amigo que trabalha nessa área, já a bibliotecária da Rede Leitora Ler para Valer frisou que não possuem um profissional para realizar tal atividade. Uma mediadora da Rede Terra das Palmeiras argumentou que:

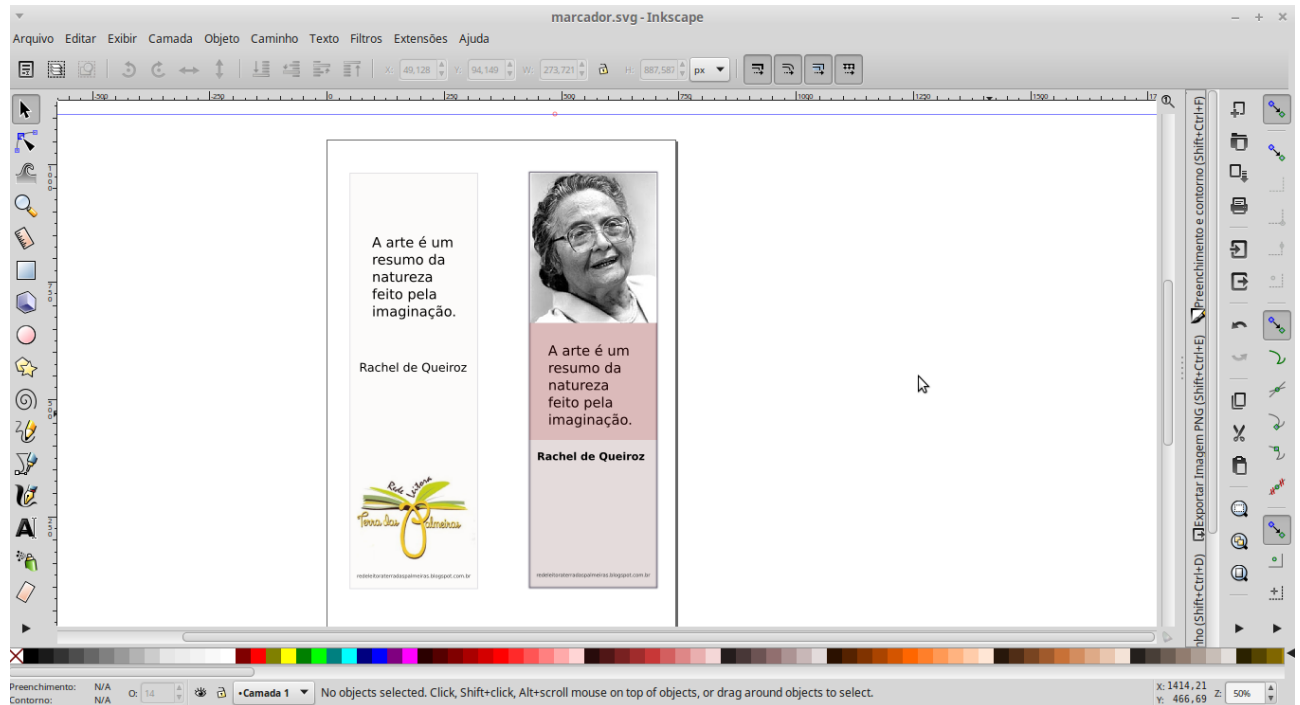
Embora tenhamos um profissional, é interessante que nós mediadoras e também as bibliotecárias saibam manipular o básico desses *softwares* para criar material de divulgação, ilustrar as Redes Sociais para assim cada biblioteca ter mais autonomia, pois nem sempre o *designer* está disponível para realizar alguns trabalhos.” (informação verbal²⁴)

Comentei que essa visão da mediadora é relevante para os mediadores e bibliotecárias também possam desenvolver atividades com os leitores da biblioteca, usando ferramentas para edição de gráficos e imagens. Assim, mostrei alguns exemplos de ações que podem ser desenvolvidas em cada biblioteca e até mesmo contar com a colaboração do designer da Rede. Solicitei que pensassem nas múltiplas possibilidades de uso dessas ferramentas em uma atividade de dinamização. Nesse momento, papéis, canetas, lápis e demais materiais foram usados para pensarmos em temáticas, textos, marcas e *layouts* que envolvessem o tema leitura, biblioteca, livro, informação, arte e literatura. Após os rascunhos, exposição de ideias para ilustrações gráficas, explorarmos alguns recursos básicos de criação de formas geométricas, edição de imagens, como corte, redimensionamento, brilho, contrastes, níveis, filtros, texturas, gradientes e demais.

Essas exemplificações proporcionaram interesses e motivações para fazermos nossos objetos, então, uma mediadora comentou que a garotada adora marcadores de páginas, lembrei que em uma das visitas às bibliotecas, verifique a bibliotecária entregando diversos marcadores de páginas, brindes de editoras, empresas do mercado editorial, então demonstrei um pequeno exemplo de criação de marcadores.

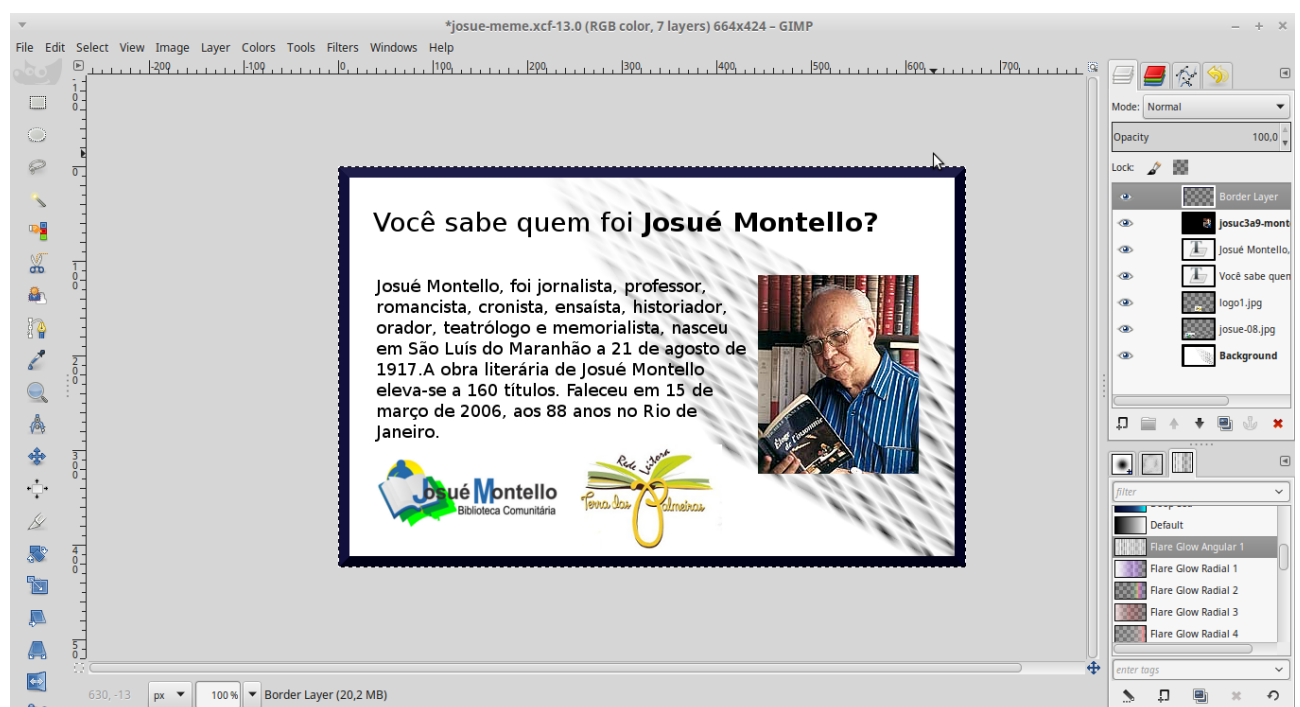
24 Comentário realizado pela mediadora A.G.

Figura 27 – Criação de Marcadores com Inkscape



Fonte: o autor

Figura 28 – Criação e edição de gráfico com Gimp



Fonte: o autor

A atividade foi proposta para instigar a criação de objetos semióticos importantes para esboçarmos um plano comum que envolve a autoria, trabalho participativo e colaborativo. Nessas condições filosóficas, percebemos que a partir dessa vivência, estabelecemos diálogos e espaços de experimentação para possibilitar a construção de uma Rede participativa e descentralizada de debates acerca de projetos e programas culturais que envolvem a produção e a potencialização da força criativa. Falamos então em singularidades, multiplicidades e diferenças. Nesta imersão, pude compreender a Rede articulada por diversas bibliotecas da Rede Leitora Terra das Palmeiras, Integrantes das Bibliotecas Monteiro Lobato, Josué Montello, Arthur Azevedo, Portal da Sabedoria e Paulo Freire participaram e realizaram novas conexões que formaram uma rede de fluxos, informação e cultura como direito.

A tarde. Após o almoço tivemos um descanso de 1h e iniciamos a oficina. Abordei os estudos de casos relatados nos livros e exemplos de ações criativas nas bibliotecas e apresentei diversas inspirações para concepção e execução de projetos articulados. Burke (2014) comenta que a propagação dos “espaços de fabricação”, novos espaços com atividades apoiadas por bibliotecas, terá impacto no resto do mundo e, examina ferramentas que os bibliotecários podem usar para incentivar espaços de fabricação e desenvolvimento para se conectar com pessoas em todo o mundo.

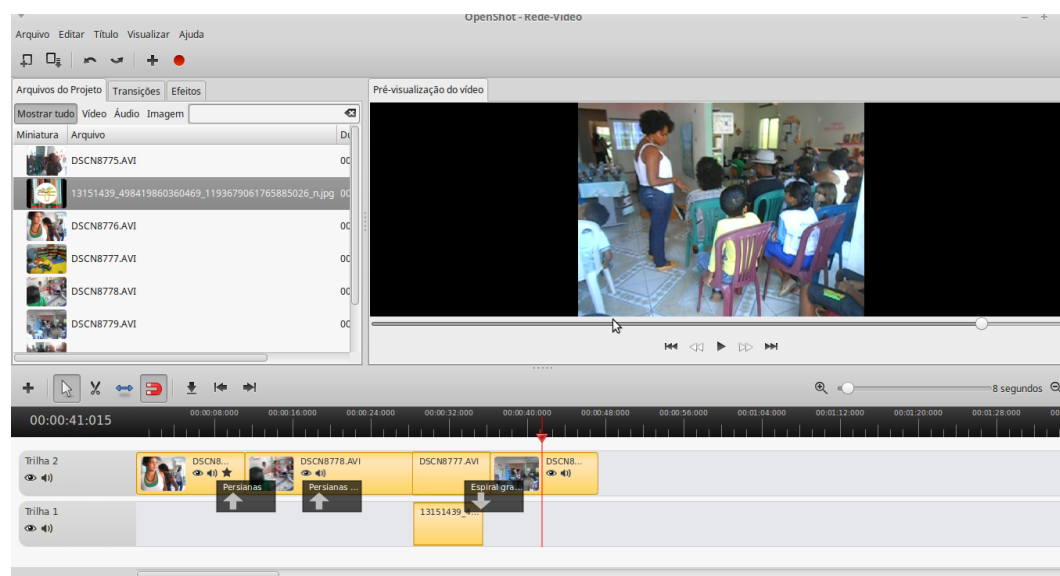
Infelizmente as bibliotecas não possuem os equipamentos e todo o ferramental necessário para desenvolver algumas atividades mencionadas na obra de Burke (2014), e também é preciso cuidado para não importarmos exemplos de ações de outros países. É interessante tomar como referência, como sustentáculo para fundamentar e articular atividades e projetos futuros, já que algumas bibliotecas que fazem parte da Rede Terra das Palmeiras já promoveram oficinas de desenhos, oficinas de mangá e podem ser dinamizadas com *softwares* para animações, *stop-motion*, *pixel-art*, GIFs animados, edição de vídeos. Himel e Chance (2014, p.91) apresentam gravações de vídeo, filmes documentários, vídeos instrucionais e educativos e performance musical e dança, produções não comerciais e/ou não publicadas como exemplos. Zabriskie, Houston e Gubnitskaia (2014, p.125) comentam programas desenvolvidos com adolescentes voluntários que ajudam na programação da biblioteca criando *storyboarding* de suas ideias, atuando, filmando e editando documentário e criação de vídeos promocionais para o programa de leitura de verão.

Na discussão sobre acoplar dispositivos e *softwares* de produção de vídeos em atividades que envolvem desenho, pintura e artes visuais, falamos das possibilidades de utilizar *tablets*, mesas digitalizadoras e câmeras digitais para captura de movimentos, animação de desenhos, instalações interativas e outros, exemplos de convergência de expressões artísticas que a estética digital possibilita. Então um mediador comentou: “mas para editar vídeo, já existem aplicativos no celular, uso esse aqui ô ...” (informação verbal²⁵) mencionou o mediador, apresentando seu celular.

Comentei que embora seja interessante e funcional tais aplicativos, devemos ter cuidado com questões de privacidade, as versões gratuitas desses aplicativos possuem propagandas, o que deixa seu celular vulnerável e permite implementar o que chamamos de “vigilantismo digital”. Aproveitei a discussão e apresentei a obra *Apps for Librarians* de Nicole Hennig (2014) que apresenta fundamentos e dicas de aplicativos para produção criativa em bibliotecas, Henning (2014) discute algumas questões relacionadas a inclusão digital nas bibliotecas e a missão dos bibliotecários de facilitar a criação do conhecimento nas comunidades. A autora demonstra aplicativos para ler livros, visualizar e estudar arte, visitar museus, criar quadrinhos, fazer colagens e edição de fotos, produzir músicas, escutar rádio, editar vídeos, publicar conteúdos, acessar catálogos de bibliotecas e assinatura de fontes de referência e pesquisa, e outros exemplos, além de ideias para utilização de aplicativos em bibliotecas (HENNING, 2014).

Iniciei uma atividade colaborativa de produção audiovisual, imagens e textos criados e manipulados por diversos participantes e depois acompanhar os processos de edição e publicação. Abordei as ferramentas para produção de vídeos e áudio, listei alguns *softwares*, tutoriais, fóruns e exemplos de portfólio de mídias livres existentes na Web. Após a explanação, solicitei que fizessem algumas fotos e vídeos com seus celulares e câmeras e depois fizemos uma rápida edição de vídeo utilizando a ferramenta *OpenShot*. A figura 29, demonstra a edição de vídeo utilizando a ferramenta *OpenShot*.

25 Comentário do mediador L.P em 15 de julho de 2016.

Figura 29 – Edição de vídeo com *OpenShot*

Fonte: o autor

Manipulamos pequenos cliques para mostrar a simplicidade de edição, efeitos, transições e exportação de vídeos. Ressaltei que a maioria desses *softwares* proprietários e comerciais necessitam de equipamentos com alta capacidade de processamento, o que prejudica algumas pessoas e instituições se apropriarem, mas apesar da simplicidade das ferramentas apresentadas, é comentei que é possível produzir multimídia sem maiores problemas, embora em alguns momentos tivemos problemas em processar vídeos em alta definição no *OpenShot* e no *LiVES*, mas acredito que este problema técnico deve-se a performance do *hardware*, o computador utilizado possuía baixa capacidade de processamento e ausência de uma placa de vídeo dedicada. Apresentei também o *Cinelerra*, primeiro *software* livre e gratuito que permite edição de vídeos em altíssima resolução através da tecnologia 4K. Outro exemplo apresentado foi a possibilidade de fazermos videoconferências, utilizar as tecnologias de *streaming* de vídeo, interatividade na comunicação, transmissão de imagem e som em tempo real através de diversas aplicações disponíveis na Internet. Diante do exposto, as intervenções realizadas contribuem para apropriação de uma estética visual que posiciona sujeitos e máquinas como protagonistas dos processos criativos, assim ficamos de realizar em outro momento uma oficina especificamente sobre produção de audiovisual, conforme anunciado pela bibliotecária:

“Vamos agilizar a oficina de vídeo, fazer uma relação com a área de atuação da Rede, chamar algum cineasta e cinegrafista para falar de roteiro, movimentos de câmera, ângulo e aspectos básicos para captura, visualização e edição de vídeos. Ai depois podemos oferecer outros cursos com os jovens da área.” (informação verbal²⁶)

A ideia de conceber o vídeo, a imagem em movimento na dinâmica da biblioteca, como singularização do olhar, aberta a composições, arte e tecnociência se misturam para mapeamento de planos, ângulos e captura de acontecimentos.

A imagem não se apresenta como uma totalidade absoluta, e sim como uma imagem diálogo que a mão, o olho e o cérebro podem mudar, modelar, armazenar e visualizar, multiplicando ao infinito seus pontos de vista internos e externos, incorporando e narrando o sujeito no interior da imagem. O sujeito se desloca visualmente no seu interior, questionando-a através de seus *inputs* ou entradas alfanuméricas dos teclados, dedos da mão, corpo, olhos, cabeça, respiração e voz, amalgamando-se com ela. A informática se torna uma técnica lúdica que incorpora o sensível através dos sentidos humanos e a noção de imagem se torna renovada (PLAZA, 2011, p.74.)

A imagem como agenciamento de corpos e signos conjuga fluxos visuais desterritorializados, causando rupturas e ressignificações. Abordar os *softwares* livres plano do estético para destacar a potência criativa e gerenciamento de conteúdo e acervo das bibliotecas, multiplicou planos de composição, agregando experiências, enunciações, intervenções e práticas transversais no âmbito das bibliotecas da Rede. O quadro 2 sintetiza processos, objetos e experimentações que apresentei e que podem ser desenvolvidas acoplando *softwares* livres na produção criativa, compartilhamento e gerenciamento de conteúdo.

Quadro 2 – Softwares Livres na produção criativa: processos, objetos e experimentação

Software	Processos	Objetos	Experimentações
Gimp	Produção, visualização de fotografia	Fotografias e gráficos, montagens, colagens	Exercício do olhar, sensibilidade geométrica, noções de ângulo, enquadramento, iluminação e composição visual.
Inkscape	Produção de gráficos	Impressos, Cartão de visitas, marcadores de	Exercício do olhar, sensibilidade geométrica.

		página, logomarcas, cartazes, Interfaces Web	
Dia	Criação de diagramas	Diagramas, mapas conceituais	Mapeamento de conceitos.
Scribus	Editoração e diagramação de texto	Jornal, revista e releases, fanzines	Editoração de texto.
Blender	Modelagem 3D, produção de animações e vídeos.	Jogos, animações, filmes	Exercício do olhar, sensibilidade geométrica e imagens em movimento.
Mixxx	Execução de áudio, mixagem e recombinação sonora	Arquivos de áudio	Apreciação musical, manipulação de faixas de áudio, sensibilidade acústica e compreensão de estilos musicais.
Audacity	Manipulação de áudio	Arquivos de áudio	Produção musical, edição de arquivos sonoros.
Wordpress	Gestão de conteúdo	Poesias, resenhas, comentários	Escrita coletiva, compartilhamento de conteúdo e intertextualidade.
LiVES	Processamento de vídeos em tempo real	Exibição audiovisual	Sensibilidade visual, apreciação audiovisual.
Cinelerra	Edição de vídeo	Produção audiovisual	Sensibilidade visual, apreciação audiovisual.

Fonte: Elaborado pelo autor

Com base no trabalho conjunto e participativo, foi necessário articularmos uma Projeto para trabalhar a formação em Designer Gráfico, Web Designer e Gestão de Conteúdo na Web, pois é interessante que a biblioteca como um dos poucos equipamentos culturais da região, siga não apenas uma tendência mundial com os mencionados na literatura, mas consiga ser instituição de fomento a educação e cultura, já que essas bibliotecas possuem acervo, espaço físico, pessoas, equipamentos, Internet e programações culturais que servem de inspiração, para uma casa de fabricação de ideia e modos de existência. As oficinas também trouxeram alternativas para criação de material e experimentação com instalações

multimídias, atividades para produção de áudio/vídeo nas programações culturais da Rede. Após a realização da oficina, o GT de Comunicação publicou uma nota sobre a oficina.

“O que é um espaço de biblioteca? Um lugar de armazenar livros, de catalogação, de normalização, de arquivo? Não. O espaço da Biblioteca é um espaço de produção de cultura, arte e conhecimento como essência. O prof^o Doutorando em informática na educação Roosevelt Lins, ministrou uma capacitação sobre Tecnologias Criativas em Bibliotecas e fomos todos confrontados a RE-pensar as formas das bibliotecas e RE-inventá-las para um lugar muito mais amplo do que a que estamos acostumados. Durante o processo elaboramos Mapas Afetivos Visuais do percurso de nossas casas até as bibliotecas. Olha que saíram muitas imagens fortes, políticas, instigantes: do Careca personagem tipo do Mangue Seco a imensas crateras de dinossauros encontrados nas ruas de São Luís. Noutro momento aprendemos sobre Softwares Livres e suas importâncias e funções sociais no contexto das bibliotecas. Tudo muito bem explica e com uma linguagem muito acessível. A Capacitação é essencial para que as trocas sejam estabelecidas e para que as ideias sejam Renovadas. Sabe o que é um software livre?”

Ao ler a postagem no blog da Rede, percebi que a oficina causou ressonâncias, disparou o debate e elos. Processos de subjetivação como amplitude das relações com o mundo, transformando a vida dos atores envolvidos, modificando as concepções e práticas sociais nas instituições culturais e propiciando a inserção digital, já que o cerne do Projeto é realizar intervenções sociais que impactem em micropolíticas de apropriação digital por meio do trabalho participativo em rede e do engajamento dos atores.

Tais transformações são suscetíveis a um descentramento, uma perspectiva não-hierárquica e não-institucionalizada das ações que caracterizam uma rede leitora e de leitores no Maranhão que promove a disseminação e replicação por meio de uma metodologia que privilegia a produção de subjetividade e a apropriação da tecnologia em diferentes territórios. A Rede implementa uma abordagem que mistura a disseminação de saberes, promoção da leitura e formação de leitores críticos que se apropriam da informação através de “processos de semiotização e de outros elementos constitutivos da subjetividade” (GUATTARI; ROLNIK (2013, p.43) que permitem romper com os regimes de signos.

Bibliotecas que proporcionam melhor qualidade de vida, estabelecendo uma relação com o mundo, transformando a cidade e propiciando a cidadania e a inclusão social e digital. O uso dos dispositivos e redes no suporte bibliográfico e digital possibilitará, a partir do imaginário, textos e imagens, permite que o cidadão e cidadã sejam agentes ativos na sociedade em que vivem, biblioteca como um (des)território vivo de produção de subjetividades. Assim, acredito que a oficina permitiu a compreensão, produção de conceitos

e acompanhamento de processos coletivos de subjetivação agenciados por práticas colaborativas e criativas. Nessa perspectiva, Damon-Moore e Batykefer (2014) ponderam que

[...] as bibliotecas têm sido historicamente lugares onde as pessoas vêm para se educar, para expandir a sua leitura recreativa, para aprender a fazer algo. Cada vez mais, as bibliotecas não só fornecer informações sob a forma de livros (digitais e físicos), mídia e publicações periódicas, mas também sob a forma de oficinas, aulas e outras oportunidades de aprendizagem, calendário de eventos da biblioteca que pode abranger tópicos como a dança, o cinema, a escrita da concessão, jardinagem e escrita.

A Rede Leitora Terra das Palmeira, permite múltiplas conexões, nesse sentido, “a biblioteca é um lugar para se conectar e criar” como afirmam Damon-Moore e Batykefer (2014). Através do nosso site, redes sociais e parcerias nacionais com bibliotecas e organizações artísticas, destacam-se as muitas maneiras de bibliotecas e artistas que podem trabalhar juntos para incubar criatividade.” As autoras trazem assim fundamentos para concebermos bibliotecas espaços para que artistas desenvolvem suas experimentações e performances e as bibliotecas que compõem a Rede Leitora também seguem essas perspectivas.

Então, como é que vamos definir artista? definir artista de forma mais ampla do que uma força museu. Para nós, um artista é uma pessoa que aprende e utiliza ferramentas e técnicas criativas para fazer coisas novas. Um artista pode ser um músico profissional, ou uma criança aprendendo a usar *software* de edição de som no laboratório digital de uma biblioteca. Um artista pode ser um autor de renome mundial, ou um idoso participando pela primeira vez de um *workshop* de escrita de um livro de memórias em sua biblioteca local. Criatividade, como informação, é livre para todos que frequentam uma biblioteca. (DAMON-MOORE E BATYKEFER, 2014)

Ao tratar do paradigma estético, Guattari (1992) nos ensina que “não se trata de fazer dos artistas os novos heróis da revolução, as novas alavancas da história! A arte aqui não é somente a existência de artistas patenteados, mas também de toda a criatividade subjetiva que atravessa os povos e as gerações oprimidas, os guetos, as minorias.” Nesse cenário necessitamos implementar políticas de acesso à cultura e produção criativa em equipamentos coletivos e fomentar o debate acerca da concepção contemporânea de bibliotecas como instituições distantes dos paradigmas deterministas. As ações da Rede Terra das Palmeiras é um exemplo de biblioteca, fora dos padrões estabelecidos, descentralizadas, geridas por associações de bairro, escolas comunitárias, estudantes e um acoplamento tecnológico muito além da operacionalização, uso da tecnologia não apenas para automatizar, mas para

organização coletiva dos itens da biblioteca e socialização de saberes-fazer. Todas essas questões sustentam perspectivas para novos modos de vida.

Na verdade, os meios de mudar a vida e de criar um novo estilo de atividade, de novos valores sociais, estão ao alcance das mãos. Falta apenas o desejo e a vontade política de assumir tais transformações. É verdadeiramente indispensável que um trabalho coletivo de ecologia social e de ecologia mental seja realizado em grande escala. Essa tarefa concerne às modalidades de utilização do tempo liberado pelo maquinismo moderno, novas formas de conceber as relações com a infância, com a condição feminina, com as pessoas idosas, as relações transculturais...A condição para tais mudanças reside na tomada de consciência de que é possível e necessário mudar o estado de coisas atual e de que isso é de grande urgência. É apenas em um clima de liberdade e de emulação que poderão ser experimentadas as vias novas do habitat e não através de leis e de circulares tecnocráticas (GUATTARI, 1992, p.).

A urgência de pensar a cidade mediada pela perspectiva estética apontada por Guattari, pode ser vislumbrada nos bairros da região da Cidade Operária, trabalhar com os programas que sejam autogeridos pelas lideranças comunitárias, pelos jovens estudantes e trabalhadores, suas micropolíticas que fazem emergir a cidade criativa, mistura de urbanismo reterritorializado, remodelado, não como as cicatrizes da violência, das divisões sociais, o que Guattari (1992) propõe “uma tal remodelação da vida urbana implica que transformações profundas” e nessa linha, é interessante pensar em “experimentação de um novo urbanismo” (GUATTARI, 1992).

Em essência, o objeto urbano é de uma complexidade. A experimentação social visa espécies particulares de “atratores estranhos”, comparáveis aos da física dos processos caóticos. Uma ordem objetiva “mutante” pode nascer do caos atual de nossas cidades e também uma nova poesia, uma arte de viver. Essa “lógica do caos” pede que se examinem bem as situações em sua singularidade. Trata-se de entrar em processos de ressingularização e de irreversibilização do tempo. Além disso, trata-se de construir não apenas no real mas também no possível, em função das bifurcações que ele pode incitar; construir dando chances às mutações virtuais que levarão as gerações futuras a viver, sentir e pensar diferentemente de hoje em dia, tendo em vista as imensas modificações, em particular de ordem tecnológica, que nossa época conhece. O ideal seria modificar a programação dos espaços construídos, em razão das transformações institucionais e funcionais que o futuro lhes reserva. A invenção de novos materiais deveria permitir uma tal multiplicação das dimensões do *design*. (GUATTARI, 1992, p.)

O projeto de cidade criativa, inventiva pode ser assim planejado, viabilizado e potencializada pelo fortalecimento das redes de bibliotecas comunitárias e escolares, que se

articulam e modificam a ordem objetiva, tornando a vida mais coletiva e necessária para transfigurar a arte, educação e informação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: por uma biblioteca criativa, rizomática e polifônica

“[...] informação como potência afetiva. Tratar o objeto-informação como quem prepara uma refeição predileta, como quem pinta uma obra de arte, como quem compõe ou ouve uma sinfonia. Informação capaz de afetar existências, de movimentar o mundo” (NOVA CRUZ, MOSTAFA, 2014).

As intervenções desenvolvidas permitiram conceber as bibliotecas como rede de convergência de processualidades e discutir os efeitos das tecnologias nos modos de experimentação e apropriação da “informação como potência afetiva”, o objeto-informação como objeto semiótico operado por fluxos contínuos de composição de planos capazes de afetar os modos de existências. Movimentos que forneceram elementos conceituais para problematizar as bibliotecas a partir de uma perspectiva ético-estética e política.

O engajamento investigativo como componente que atualiza o pensamento, possibilitou acompanhar as atividades das bibliotecas e considerar as tecnologias digitais nos processos de produção de subjetividades. As noções de heterogênesse e agenciamentos modificaram as abordagens representacionais, comportamentais e cognitivistas, reconfigurando a concepção de biblioteca. A Rede potencializa os modos de subjetivação através de atividades de mediação da leitura, porém, percebi que outras possíveis acoplamentos tecnológicos em atividades artísticas e culturais, pois compreendi os processos de produção de subjetividades e vivenciei algumas experimentações que através de *softwares* livres e ferramentas colaborativas que dispararam discussões sobre questões micropolíticas, articulações para o incentivo a autoria, produção de sentidos e colaboração.

Compreender bibliotecas de modo transversal causou rupturas das significações estáveis que concebem a busca de informação como função existencial dessas instituições. Essas discussões contribuíram também para problematizarmos as tecnologias e redes digitais como objetos que “eleva o grau de tecnicidade” (SIMONDON, 1958), relações de indeterminações importantes para o tratamento filosófico da informação. A formação de um acervo bibliográfico para fins de apropriação da literatura, ações de mobilização da sociedade civil, reivindicação de políticas culturais e protestos contra a negação de direitos é a materialização de uma biblioteca engajada, virtual e potente. Remete a uma filosofia do movimento em terreno do comum, pois, busca criar intervenções através dos recursos colaborativos e descentralizados de produção e compartilhamento de conteúdo da Web. Tecnologias geralmente projetadas para entretenimento nas redes sociais, potencializam a

produção criativa e reinvenção de territórios, movimentos contra a desigualdade social, o racionalismo econômico e a supremacia do sujeito individuado.

A potência estética pode ser visualizada nos projetos da Rede, “propósito de que qualquer pessoa, através de informação registrada em qualquer suporte e o espaço físico e digital de uma biblioteca”, assim como a ideia de trazer as Artes para dentro da Biblioteca nos estudos de caso apresentados por Smallwood (2014), demonstra que a Rede está engendrada a comunidade, “organizações comunitárias de artistas e expressões artísticas (artes visuais, literatura, performances e arte digital)”, portanto, estabeleço maiores quebras com as disciplinarizações para assim emergir a transversalidade no pensamento, bibliotecárias, gestoras, pedagogas, arte-educadoras, professoras, designers, compõe esse plano comum. A Rede materializa a emergência de formular abordagens de dinamização de bibliotecas operacionalizadas pelas expressões artísticas como interferência nos processos de singularização das práticas coletivas. Sociedade civil, instituições de ensino, pessoas, iniciativa privada, instituições religiosas se agenciam, práticas de responsabilidade social, potência de sentir, de agir, da atividade, da escuta e do diálogo. Acredito que ao habitar as bibliotecas da Rede, pude colocar em pauta tensões, desejos e afetos para evocar uma estética das bibliotecas que vai além das modelizações tecnocientíficas.

A emergência de pensar a biblioteca como espaço de virtualidades, entendida como acervo de conhecimentos registrados, acervo de fluxos semióticos e produtora de saberes e fazeres, potencializados por intervenções que envolve o livro impresso e digital, objetos técnicos agenciados às múltiplas expressões e dispositivos. Faz-se necessário desterritorializar a biblioteca, retirar do seu lugar fixo, delimitado por um ambiente físico e reterritorializá-la, proporcionar múltiplas significações, cada biblioteca funciona como uma linha conectada a essa Rede de relações, de agenciamentos.

Embora a Rede Leitora Terra das Palmeiras tenha em sua dinâmica um força coletiva, é interessante apontar para a diversidade em seus acervos, amplificar os trabalhos que envolvem questões étnicas, de gênero e outros aspectos que rompem com as dicotomias, homogeneizações e binarismos. Existe uma centralização de funções, determinações e atribuições de papéis, o que as vezes dificulta uma trabalho mais horizontal. Percebi também que a tecnologia ainda é vista como algo externo as atividades, existe uma dissociação, ainda predomina a ideia do “especialista em tecnologia”, todos da Rede utilizam dispositivos

tecnológicos, mas ainda é complexo estabelecer uma maior incorporação das tecnologias de informação e comunicação na cultura.

Outra questão que impede maiores fluxos, é o problema de base material que dificulta sentir toda a potência das tecnologias e redes digitais para incentivar a escrita através das ferramentas colaborativas. Observei também a necessidade de criar fluxos mais intensivos, associações entre os saberes-fazeres da bibliotecária que trabalha com audiovisual e as práticas do mediador-designer da Rede. Esses profissionais podem estabelecer fluxos para trabalharem oficinas de produção criativa e transversalizar assim, as definições de papéis e funções determinadas.

É importante também impedir isolamentos na formação de acervos para comunidade, as atividades da Rede podem trazer iniciativas para o fortalecimento da memória do território através da história oral, narrativas e registros iconográfico dos bairros. Formação de acervo para as mediadoras, bibliotecárias e professoras, embora o foco seja a literatura e expressões artísticas para promover o texto literário, é relevante que a Rede possua uma caixa de ferramentas para fundamentar as ações e disparar debates, reconfiguração de conceitos, métodos e tecnologias. Um acervo híbrido é um acervo potente, desde que considere os quesitos heterogêneos, ou seja, a multiplicidade de sujeitos, objetos, instituições e práticas. Uma política de acervo sustentada por essa perspectiva não se fecha as variáveis de frequência de uso e nem se restringe a sugestões e dicas de mercado, embora isso tenha impacto direto na formação desses acervos, pois é considerável o número de crianças e adolescentes que solicitam estes tipos de livros, as reivindicações desses leitores são tomadas com base, mas isso não quer dizer que as coleções de livros das bibliotecas, se restringem as demandas dos usuários, como é defendido por muitas proposições teóricas no campo da Formação e Desenvolvimento de Coleções pelos usuários, seleção de obras para formação de leitores críticos, consultas públicas, ideologização dos acervos, a impossível neutralidade na dinamização de bibliotecas simboliza essa diversidade, máquina de conflitos, bibliotecas vivem das intensidades de um plano comum e heterogêneo e traçam linhas de fuga para resistir as inclinações identitárias, homogeneizantes, hierárquicas, nesse descentramento inventivo é importante visualizar tais movimentos. A Rede pode conter obras e atividades que estimulem a manipulação de audiovisual, produção e compartilhamento de conteúdo em Redes, oficinas artísticas culturais, engajamento nas políticas públicas, promoção da literatura, cinema, fotografia, música e outras expressões criativas.

Os últimos 10 anos, a minha relação com as bibliotecas foi vinculada a posição de professor, discutindo a biblioteconomia, instalando *softwares*, analisando gestão de bibliotecas, revisando textos sobre a área, preparando e ministrando aulas, realizando visitas técnicas, sempre com o olhar de especialista em tecnologias em bibliotecas, e nesta tese retomei a condição como leitor, observador e colaborador, mas sem perder a atenção de um cartógrafo. Ao afirmar que essa articulação só foi possível devido as ricas experiências, devires que permitem estar junto com diferentes situações, diversas pessoas, vários lugares, e com essas vivências, pude conhecer o outro, aprender o trabalho coletivo. Nesse contexto, como pensar na transversalidade do ato investigativo vinculado aos projetos de resistência das bibliotecas em tempos de crise na saúde, economia e política? Tecnologias para desenvolver processos de mediação e compartilhamento, respeito as diferenças, estão também potencializando os discursos de ódio, distanciamento entre grupos, nesse cenário, acredito que a biblioteca como instituição agencia modos de articular o corpo, a técnica, a informação e políticas de individuação. Insisto na ideia de reivindicar o engendramento Biblioteconomia, Ciência da Informação, Informática na Educação, Arte-Educação e Filosofia da Diferença, transversalidade que inibe a tentativa de canonização do pensamento que estabiliza o conceito de biblioteca.

Diante destas considerações, embora existam muitas ações transversais na Rede, o mais importante é alertar para as reconfigurações conceituais e existenciais dos movimentos que potencializam múltiplos fluxos de informação-afeto para estimular intervenções que conectam relações transdisciplinares. Tecnologia, Informação, Arte e Educação para inspirar, agir, criar, organizar e facilitar o acesso, a produção e apropriação da informação. A complexidade da vida nos faz observar os excluídos, o que habitam as ruas, as clínicas, os presídios, os bairros e assim observar atentamente as reivindicações por dias melhores, reinventar os modos de viver conectado aos seres que constituem nosso plano existencial. Nesse quadro que esboço, visualizo múltiplas possibilidades de pensar as tecnologias digitais a favor das demandas coletivas em momentos em que o país enfrenta problemas para superar as dicotomizações oriundas da racionalidade instrumental, e as bibliotecas são esses territórios que convergem movimentos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo F. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: Editora UEL, 1997.
- ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v.2, n. 1, 2009.
- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E. KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.) **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 131-149.
- AQUINO, Mirian de Albuquerque. A ciência da informação: novos rumos sociais para um pensar reconstrutivo no mundo contemporâneo. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 9-16, set./dez. 2007.
- ARAÚJO, Eliany Alvarenga; OLIVEIRA, Marlene de. In: OLIVEIRA, Marlene de. (Org.). **Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p.29-43.
- AXT, Margarete et. al. Interdisciplinaridade na ótica do Programa de Pós Graduação em Informática na Educação da UFRGS. In: PHILIPPI JR, Arlindo; SILVA NETO, Antônio. (Org.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação**. Barueri, SP: Manole, 2011, v. 1, p. 629-646.
- BARROS, Laura Pozzana de. **Leituras em Elos: o prazer em ler com crianças e adolescentes**. Rio de Janeiro: PUC-Rio. 2009.
- BARROS, Laura Pozzana de.; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E. KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.) **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 52-75.
- BARROS, Maria Elizabeth Barros de; SILVA, Fábio Hebert da. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. (Org.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, v. 2, 2014. p. 128-152.
- BASTOS, Thiago. **Maranhão tem baixo índice de domicílios com Internet**. Acesso em: 10 jun. 2016. Disponível em: <http://tvbrasil.ebc.com.br/reporterbrasil/bloco/maranhao-tem-baixo-indice-de-domicilios-com-internet-exclusivo-para-web>
- BATYKEFER, Erin; DAMON-MOORE, Laura. **The Artist's Library: A Field Guide**. Minneapolis: Coffee House Press, 2014.
- BENEVENUTTO, F. E.; SILVA, M. R.; MOSTAFA, S. P.. A Repercussão de Gilles Deleuze na Ciência da Informação. **Datagramazero** (Rio de Janeiro), v. 16, p. 02-02, 2015.
- BRADLEY, Phil. **Social Media for Creative Libraries**. London: Facet, 2015.

BLAZUS, Maria Cristina V. Educação colaborativa fluxos e redes. **Revista Informática na educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, 2006.

BLAZUS, Maria Cristina V. (org). **PROJETO APRENDI**. Abordagens para uma arte/educação tecnológica, Porto Alegre: Promoarte, 2009.

BLAZUS, Maria Cristina V. Interfaces digitais nas cartografias de si. **Revista Palíndromo**. Florianópolis, v. 4, 2010.

BURKE, John. **Makerspaces: a practical guide for librarians**. Plymouth: Rowman & Littlefield, 2014.

BORGMAN, Christine L. From acting locally to thinking globally: a brief history of library automation. **Library Quarterly**, Chicago, v. 67, n. 3, p. 215-249. 1997.

CARDOSO, Francilene do Carmo. **O negro na biblioteca: mediação da informação para construção da identidade negra**. Curitiba: CRV, 2015.

CARVALHO, Jonathas. **Tópicos em biblioteconomia e ciência da informação: epistemologia, política e educação**. Rio de Janeiro: Agência Biblioo, 2016.

CASTELLS. Manuel. **Sociedade em rede**. 2a ed. São Paulo: Paz e terra, 1999.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia Brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000.

CATARINO, Maria Elisabete; BAPTISTA, Ana Alice. Folksonomia: um novo conceito para a organização dos recursos digitais na Web. **DataGramZero**, v.8, n.3, jun. 2007. Disponível em: http://www.dgz.org.br/jun07/Art_04.htm#R4. Acesso em 10 jan. 2015

CGI. **TIC Organizações Sem Fins Lucrativos 2014**: pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação em organizações sem fins lucrativos brasileiras.

CONNAWAY, Lynn Silipigni; POWELL, Ronald R. **Basic research methods for librarians**. 5 ed. Santa Barbara: Libraries Unlimited, 2010.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2008.

CRONENBERG, David, dir. 1991. **Naked Lunch**. Perf. Peter Weller, Judy Davis, Ian Holm, Roy Scheider. Twentieth Century Fox.

CUPANI, Alberto. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques. **Scientiæ zudia**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 493-518, 2004.

CUPANI, Alberto. **Filosofia da tecnologia: um convite**. 2 ed. Florianópolis: UFSC, 2013.

CRAWFORD, Alice. **The meaning of the library: a cultural history**. Princeton University

Press Princeton and Oxford. 2014.

DAS, Debasis; CHATTERJEE, Parnab. Library automation: an overview. **International Journal of Research in Library Science**. v.1, n.1, jan/jun. 2015.

DAY, Ronald E. **The modern invention of information: discourse, history, and power**. SIU Press, 2008.

DAY, Ronald E.; LAU, Andrew J.. Psychoanalysis as Critique in the Works of Freud, Lacan, and Deleuze and Guattari. In: LECKIE, Gloria J.; GIVEN, Lisa M.; BUSCHMAN, John E.. **Critical theory for library and information science: exploring the social from across the disciplines**. California: Libraries Unlimited, 2010. p.101-118.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. v.1, São Paulo: 34, 1995.

DIAS, Antônio Gonçalves. **Primeiros cantos**. Poesias. E. et H. Laemmert, 1846.

EDWARDS, Julie Biando; ROBINSON, Melissa S.; UNGER, Kelley Rae. **Transforming Libraries, Building Communities: The Community-Centered Library**. Toronto: Scarecrow, 2013.61

ESCÓSSIA, Liliana da; Silvia Tedesco. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, E. KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 52-75.

EYRE, John J. O impacto da automação nas bibliotecas: uma revisão. **Ciência da Informação**, 1979, vol.8, n.1, p.51-57.

FEITOSA. Complexas mediações: transdisciplinaridade e incertezas nas recepções informacionais. **Inf. Pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 1, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/informacaoempauta/article/view/3064/2695>. Acesso em: 12 ago. 2016.

FELSTEAD, A. The library systems market: a digest of current literature, **Program: electronic library and information systems**, v. 38, n. 2, p. 88-96, 2004. Disponível em: <http://www.emeraldinsight.com/Insight/ViewContentServlet?Filename=Published/EmeraldFullTextArticle/Pdf/2800380201.pdf> >. Acesso em: 12 jun. 2015.

FERREIRA, Mary. Informação e desigualdade social: Desafios para pensar o Estado democrático a partir das bibliotecas públicas maranhenses. In: **Actas do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas**. 2007.

FERREIRA, Maria Mary; TEIXEIRA, Cenidalva; BORGES, Luis Cláudio. O profissional da informação e as desigualdades digitais no maranhão: desafios para a construção da cidadania. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 15., 2008 São Paulo. Anais. São Paulo : CRUESP, 2008.

FERNANDEZ, Cida. **Método de classificação por cores para acervos literários**. 2012.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Corpo, tecnologias, política: Mistérios e Paixões (Naked Lunch) e eXistenZ, de David Cronenberg. **Devires**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 70-85, jul/dez 2010.

FREITAS, D. S.; VETTER, S. M. J.; SILVA, Roosevelt Lins. Um estudo exploratório sobre ações culturais em bibliotecas comunitárias. In: I Simpósio Internacional Cultura e Sociedade, 2015, São Luís. I Simpósio Internacional Cultura e Sociedade. São Luís: UFMA, 2015. v. 1. p. 57-57.

GALLO, Sílvio. **Deleuze e educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GARCIA, Maria Lúcia Andrade. A pesquisa em biblioteconomia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v.1, n.1, 1972.

GARCIA, Joana Coeli Ribeiro; MACEDO, Edison Ferreira de; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. Práticas infoculturais em bibliotecas. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.25, n.2, p. 25-38, maio/ago. 2015.

GEROLAMI, Natasha. The library assemblage: creative institutions in an information society, **Journal of Documentation**, v. 71 n. 1, p.165 – 174, 2015.

GORZ, Andre. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume, 2005.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: o novo paradigma estético**. 2 ed. Rio de Janeiro: 34, 1992.

GUATTARI, Félix. Da produção de subjetividade. In: Parente Andre (Org). **Imagem-máquina**. 3 ed. Rio de Janeiro: 34, 2010.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina B. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, E. KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 76-91.

KEMDARNE, Suryakant Balbhim. **A study of library automation and networking in dental college libraries affiliated to Rajiv Gandhi University of Health Sciences**, Bangalore. 2012. 328 f. Tese (Library and Information Science) - Faculty of Social Sciences. Tilak Maharashtra Vidyapeeth, 2012.

HARISCHANDRA, P.; SHYLESH, S.; AITHAL, P. S., Information Technology Innovations in Library Management: A Case of SIMS (June 29, 2016). **International Journal of Current Research and Modern Education**, v.1, n I, p. 657-676. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=2802254>.

HENNIG, Nicole. **Apps for Librarians: Using the Best Mobile Technology to Educate, Create, and Engage**. Santa Barbara: Libraries Unlimited, 2014.

HERRING, Marky. **Are Libraries Obsolete?** an argument for relevance in the digital age.

HIME, Sandra M.; CHANCE, Lance R. Developing Regional Heritage Music Collections. In: SMALLWOOD, Carol (Org.). **Bringing the Arts into the Library**. Chicago: Ala, 2014. p. 87-96.

LAM, K.T. **Planning for library automation**. Disponível em: <http://ihome.ust.hk/~lblkt/libauto/libauto.html>. Acesso em: 24 ago. 2015.

LAZZARATO, M. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo; Helsinque: n-1 Edições; Edições Sesc São Paulo, 213p., 2014.

LEÓN-MORENO, José-Antonio; ZAPICO-ALONSO, Felipe. Sistema Integrado de Gestión Bibliotecaria para Extremadura en software libre. **Cuadernos de Documentación Multimedia**, 2014, vol. 25, p. 18-24.

LECKIE, Gloria J.; BUSCHMAN, John E. **Information technology in librarianship: new critical approaches**. Libraries Unlimited, 2009.

LINGEL, Jessa. Occupy Wall Street and the myth of technological death of the library. **First Monday**, v.17, n. 8-6, ago. 2012. Disponível em: <http://www.firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/view/3845/3280>. Acesso em 10 abr. 2013.

MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas Comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. 184f. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação. Universidade de São Paulo, 2008.

MANESS, J. Library 2.0 Theory: Web 2.0 and Its Implications for Libraries. **Webology**, v.3, n.2, 2006. Disponível em: <http://www.webology.org/2006/v3n2/a25.html>. Acesso em 12 abr. 2013.

MARTINS, Carlos Wellington Soares. Africanidades e relações raciais em bibliotecas comunitárias em São Luís – MA. Disponível em: http://www.30anosneabufma.com.br/resources/anais/6/1443549958_ARQUIVO_AFRICANIDADESERELACOESRACIAISEMBIBLIOTECASCOMUNITARIASEMSAOLUIS-artigo.pdf. Acesso em: 20 jan. 2016.

MENDONÇA, Ana Valéria Machado. O uso da análise do discurso do sujeito coletivo em Ciência da Informação. In: Muller, Suzana P. M. **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p.149-170.

MILANESI, L. **A casa da invenção: biblioteca centro de cultura**. 3.ed. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997.

MILANESI, L. **Ordenar para desordenar**: centros de cultura e bibliotecas públicas. São Paulo, Brasiliense, 1986.

MILANESI, L.. **Biblioteca**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

MIGUEL, Fernanda Valim Côrtes. A entrevista como instrumento para investigação em pesquisas qualitativas no campo da linguística aplicada. **Revista Odisseia – PpgEL/UFRN** n.5, jan–jun, 2010.

MOREIRA, Walter. **A construção de informações documentárias**: aportes da linguística documentária, da terminologia e das ontologias. 2010. 156 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2010.

MOSTAFA, Solange Puntel. Conhecimento, informação e meios de transmissão cultural. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.22, n.3, p. 95-100, set./dez. 2012.

MOSTAFA, Solange Puntel. **Filosofia da Diferença e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2013.

MOSTAFA, Solange Puntel. Giles Deleuze e a Ciência da Informação. In: SEGUNDO, José Eduardo Santarem; SILVA, Marcia Regina da; MOSTAFA, Solange Puntel (Org). **Os Pensadores e a Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2013. p.112-113.

MOSTAFA, Solange Puntel; NOVA CRUZ, Denise Viuniski da; AMORIM, Igor Soares. Primavera nos dentes: fuga e resistência na era digital. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.11, n.2, p. 360-374, novembro 2015.

MUSSO, Pierre. A filosofia da rede. In: Parente, Andre (Org). **Tramas da Rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2013.

NEVES, José Pinheiro. **O apelo do objeto técnico**. Porto: Campo das Letras, 2006.

NOVA CRUZ, Denise Viuniski da; MOSTAFA, Solange Puntel. Informação-afeto: real sem ser atual, ideal sem ser abstrata. **Revista PerCursos**. Florianópolis, v. 15, n.29, p. 39- 56. jul./dez. 2014.

OLINTO. Gilda. Bibliotecas públicas e uso das tecnologias de informação e comunicação para o desenvolvimento social. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 1, n.1, p. 77-93, 2010.

PAIS, Luiz Carlos. **Educação escolar e as tecnologias da informática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PARENTE, André. Eredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade. In: Parente, Andre (Org). **Tramas da Rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2013.

PARENTE, André. Rede e subjetividade na filosofia francesa contemporânea. **RECHS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.101-105, jan./jun., 2007.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E. KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Sobre a formação do cartógrafo e o problema das políticas cognitivas. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 201-205.

PEABODY INSTITUTE LIBRARY. **Creativitylab**. Disponível em: <http://www.peabodylibrary.org/creativitylab/index.html>. Acesso em jun. 2014.

PLAZA, Julio. As imagens de terceira geração, tecnopoéticas. In: Parente Andre (Org). **Imagem-máquina**. 3 ed. Rio de Janeiro: 34, 2010. p. 72-90.

PINHEIRO, Liliane Vieira; SILVA, Edna Lúcia da. As redes cognitivas na ciência da informação brasileira: um estudo nos artigos científicos publicados nos periódicos da área. **Ci.Inf.**, Brasília, v. 37, n. 3, p. 38-50, set./dez. 2008.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as Ciências Humanas e Sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-59, jan./jun. 2013.

PYATI, Ajit. Open source software and libraries. In: LECKIE, Gloria J.; BUSCHMAN, John E. (Org.) **Information technology in librarianship: new critical approaches**. Libraries Unlimited, 2009. p.205-220.

RASTELI, Alessandro; CALDAS, Rosângela Formentini. Mediação cultural em bibliotecas: contribuições conceituais. **XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)**. ISSN 2177-3688. GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação.

RIEDLER; Martina, ERYAMAN, Mustafa Yunus. Transformative Library Pedagogy and Community-Based Libraries: A Freirean Perspective. In: LECKIE, Gloria J.; GIVEN, Lisa M.; BUSCHMAN, John E. (Org.). **Critical theory for library and information science: exploring the social from across the disciplines**. California: Libraries Unlimited, 2010. p.89-102.

ROBINSON, Lyn; MAGUIRE, Mike. The rhizome and the tree: changing metaphors for information organisation. **Journal of Documentation**. v. 66, n. 4, p. 604-613. 2010.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 2, Aug. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em 25 fev. 2015.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos da Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2010.

SALES, José Avando Souza; SILVA, Gleiciane Rosa da Silva. **A importância das tic para o terceiro setor**. Disponível em: http://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic_osfil_2014_livro_eletronico.pdf. Acesso em jun. 2016.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SÃO PAULO (Estado). **Museu da Língua Portuguesa**, Fundação Casa de Jorge Amado. Pitadas de Jorge Amado. Disponível em: http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_30.pdf. Acesso em 10 jan. 2015.

SECRETARIA. **Governo realiza tratativas com empresários para levar internet banda larga ao interior do estado**. Disponível em: <http://www.secti.ma.gov.br/governo-realiza-tratativas-com-empresarios-para-levar-internet-banda-larga-ao-interior-do-estado/>. Acesso em: 20 jul. 2016.

SEGUNDO, José Eduardo Santarem, SILVA, Marcia Regina da Silva; MOSTAFA, Solange Puntel. **Os Pensadores e a Ciência da Informação**. Editora E-papers, 2013.

SEVCENKO, Nicolau. A palavra e o reencantamento do mundo. In: Worcman, Karen & Pereira, Jesus Vasquez (org.). **História Falada: Memória, Rede e Mudança Social**, São Paulo: SESC, 2006.

SEVERINO, A. J. Prefácio. In: LUCHESI, M. A. S (Org.). **Universidade no limiar do terceiro milênio: desafios e tendências**. Santos: Leopoldianun, 2007. p.31-32.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Normatividade, tecnicidade e/ou Biblioteconomia. **Trans Informação**, Campinas, v.25. n.1, p. 5-17, jan./abr. 2013.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho; SILVA, Roosevelt Lins. Biblioteca, luta de classes e o posicionamento da Biblioteconomia brasileira: algumas considerações. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 203-217, jul./dez. 2010.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da; REIS, Alcenir Soares dos. Biblioteca Pública como lugar de práticas culturais: uma discussão sócio-histórica. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.21, n.1, p. 37-54, jan./abr. 2011.

SIMONDON, Gilbert. **A individuação à luz das noções de forma e de informação: Introdução**. Tradutores: Pedro P. Ferreira e Francisco A. Caminati. Disponível em: <https://cteme.wordpress.com/publicacoes/do-modo-de-existencia-dos-objetos-tecnicos-simondon-1958/>. Acesso em: 10 fev. 2016.

SIMONDON, Gilbert. Sobre a tecno-estética: carta a Jacques Derrida." In: ARAÚJO, Hermes R.(Org.). **Tecnociência e Cultura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

SMALLWOOD, Carol. **Bringing the Arts into the Library**. Chicago: Ala, 2014.

STEVENSON, Siobhan. Public libraries, public access computing, FOSS and CI: There are alternatives to private philanthropy. **First Monday**, maio, 2007. Disponível em: <<http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/1833/1717>>. Acesso em: 16 dez. 2013.

VASCONCELOS, Gisele. **Ator-contador: a narrativa em performance**. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/vireuniao/etnocologia/11.%20VASCONCELOS,%20Gisele.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2016.

TARGINO, Maria das Graças. A biblioteca do século XXI: novos paradigmas ou meras expectativas? **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.20, n.1, p. 39-48, jan./abr. 2010.

TARULLI, Laurel. SPITERI, Louise F.. Library Catalogues of the Future: a social space and collaborative tool?" **Library Trends**, n.6, v.1.1, 2012. p.107-131. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/> Acesso em. 9 Jun. 2015

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. (Org.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, v. 2, 2014. p. 92-127.

WILSON, Katie. **Computer in libraries: an introduction for library technicians**. New York: Haworth, 2006.

UPASANI, Ojaswini Subodh. Technological challenges and automated library systems.. Disponível em: http://www.researchspectra.com/JournalPapers/V2_I1_P7.pdf. Acesso em 12 jun. 2015.

VASUPONGAYYA, Sangsuree et al. Open Source Management System Software: A Review. **World Academy of Science, Engineering and Technology**, v. 77, p. 973-978, 2011.

VERRI, Gilda Maria Whitaker. **Templários da ausência em bibliotecas populares**. Recife: UFPE, 1995.

VIEIRA, A. S. Caminhos transdisciplinares para a formação de bibliotecários. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 12, n. 2, p. 250-263, 1983.

ZABRISKIE, Heather Pippin; HOUSTON, Natalie; GUBNITSKAIA, Vera. ART: Art Revolution for Teens. In: SMALLWOOD, Carol (Org.). **Bringing the Arts into the Library**. Chicago: Ala, 2014. p. 117-128.

ZANELLA, Andréa Vieira. **Perguntar, registrar, escrever: inquietações metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2013.